3 1761 07045855 9

PQ
9261
R4C57
1908
v.3

OBRAS COMPLETAS
DE
LUIZ AUGUSTO REBELO DA SILVA

— 15 —

CONTOS E LENDAS

LIVRARIA BARATEIRA
LISBOA
34-RUA DO DUQUE-36, Tel. T. 1264

SILVA E SOUSA

VOLUMES PUBLICADOS

I—Ráusso por homizío
II—Odio velho não cança (1.º)
III—Odio velho não cança (2.º)
IV—A Mocidade de D. João V (1.º)
V—A Mocidade de D. João V (2.º)
VI—A Mocidade de D. João V (3.º)
VII—A Mocidade de D. João V (4.º)
VIII—A Mocidade de D. João V (5.º)
IX—Lagrimas e thesouros (1.º)
X—Lagrimas e thesouros (2.º)
XI—A Casa dos Fantasmas (1.º)
XII—A Casa dos Fantasmas (2.º)
XIII—De noite todos os gatos são pardos.
XIV—Contos e Lendas (1.º)
XV—Contos e Lendas (2.º)
XVI—Othello—As redeas do governo
XVII—A mocidade de D. João V (drama).
XVIII—Amor por conquista (comedia) — O Infante Santo (fragmento).
XIX—Fastos da Egreja (1.º)
XX—Fastos da Egreja (2.º)
XXI—Fastos da Egreja (3.º)
XXII—Fastos da Egreja (4.º)

OBRAS COMPLETAS DE LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA
REVISTAS E METHODICAMENTE COORDENADAS

XV

ROMANCES E NOVELLAS — VII

CONTOS E LENDAS

2.ª EDIÇÃO

VOLUME II

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora
LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
R. Augusta, 95 | *45, R. Ivens, 47*
1908

LIBRARY
SEP 20 1967
UNIVERSITY OF TORONTO

PQ
2261
P4C57
1908

TOMADA DE CEUTA[1]

INTRODUCÇÃO

Haverá cousa mais corrente do que um prologo, perguntam certos criticos?

Não sei; mas, se desculpam o atrevimento, responderei que sim.

Mais facil é um artigo de politica, lardeado de allusões, ou qualquer memoria, em que se

[1] Ainda que não completo, entendemos dever incluir n'este volume, sob o titulo de *Contos e lendas*, este conto, que difficilmente se encontrará fóra d'aqui. Appareceu elle pela primeira vez, anonymo, no *Cosmorama Litterario*, jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica (1840), a pags. 111, 118, 126 e 133. Novamente sahiu, em 1856, nos folhetins do jornal *A Patria*, tirando-se ao mesmo tempo exemplares em separado e com o titulo seguinte: *Contos do serão.—Novellas africanas—Epoca Primeira—A Tavola Redonda—A Tomada de Ceuta*. Publicou-se a introducção e os cinco primeiros capitulos, formando ao todo 96 paginas no formato de 8.º gr. A suspensão do jornal fez interromper o proseguimento da obra começada.

espreguice a prosa somnolenta de algum sabio, jubilado em ninharias.

O primeiro quasi sempre apanha do chão o seu punhado de sal grosso, para carregar a satyra; a segunda, extrahe-se dos volumosos cartapacios, aonde resona a erudição pueril, virgem de leitores.

Por mim o digo! Essas facilidades, que os felizes alardeiam, nunca as encontrei. Se quiz andar, tive sempre de abrir o meu caminho; e creio sinceramente, que o mesmo tem de succeder a muitos.

Uma introducção, medida e pautada pelas regras, não se traça de repente — e a prova tiro-a da experiencia propria.

Por mais que invocasse o divino Apollo, e os numes da sua harmoniosa côrte; por mais que chamasse em meu soccorro a inspiração romantica, filha das poeticas lendas e crenças, nem elles, nem ella, me accudiram!

Uma nebrina, fria e pesada, continuava a esconder-me o sol... De certo as minhas fervorosas supplicas tinham sido varridas por aquelle fatal vento, que Virgilio aponta como inimigo dos mortaes, e ainda remoinham nos ares longe dos sacros ouvidos de propicios deuses.

Não sei porque, mas pegou-se-me o fio da narração com a penna, logo no começo d'estas linhas; e uma irresistivel tentação, desvairando-me pelos espaços de phantastica digressão, e apoderando-se de mim inteiramente, representa-me vivas, como imagens de

hoje, as recordações de outros dias bem doces, e bem curtos, por desgraça!

A razão é simples. Os quadros, que vou esboçar agora, mal, e toscos, ha muito que foram desenhados na mente; e o pensamento, que lhes deu o ser, no meio de outros cuidados, e de outros pensamentos, nunca se esmoreceu.

Lendo uma vez debaixo das sombras dos ulméiros em um casal retirado, mas alegre, e cingido de viçosas flôres e plantas, a *Filha do Cirurgião*, nas «Chronicas da Canongate» por Walter Scott, não sei que sentido novo acordou em mim, e caindo-me das mãos o volume, principiou a imaginação a sonhar com as glorias, e com os desastres do passado.

A visão rapida do que fomos, e a triste realidade do que somos, absorvendo-me, entalhou-me desde então no peito uma saudade tão funda e forte, que nunca mais socegou, nem se desvaneceu.

Em breves minutos desenrolou-se a immensa tela da historia deante dos meus olhos; e, acompanhando com orgulho cada um dos homens-gigantes, que levaram tão longe, e fizeram tão illustre o nome portuguez, o coração batia-me apressado de jubilo e de enthusiasmo. Deante da vista do espirito — figuras animadas — via-os passar pelas grandes epochas, que immortalizam as suas proezas, ou que enluctam os seus infortunios, e parecia que os tinha ao meu lado — que lhes falava, e que me ouviam!

Correram os annos; dentro em mim, e á roda de mim, o giro dos tempos trouxe as inevitaveis mudanças, desengano para uns, esperança e illusão de outros, e a idéa, confusa sim, mas sempre firme d'estas scenas cada vez a apertar-me de mais repetidas instancias, estimulando-me as impaciencias, e reprehendendo-me as occupações, que não me deixavam exclusivamente votar a ella!

Por um lado, impellia-me o desejo, figurando tudo facil; mas pelo outro, vinha logo a reflexão desanimar-me, apontando para a grandeza e difficuldade do assumpto.

Queria, de certo, tentar mais esta ousadia litteraria; porém de que modo e com que forças?

Como todas as vocações irresolutas e incertas, a minha encolhia-se na sua timidez, e a empresa ia sempre ficando de mez para mez, e de anno para anno.

Ainda hoje ignoro se fiz bem, se mal. Ha coisas, que, perdido o ardor do primeiro impeto, afrouxam e descóram; e nas creações da phantasia receio muito que as horas de prudencia valham menos do que as horas de acceso imaginar.

Finalmente um dia, ou antes uma noite, a vaga idéa, o sonho confuso, e quasi indelineavel, principiou a tomar vulto.

Ao meu lado estava um amigo — que não existe já — e que todas as palmas, que lhe cortou a gloria, nunca poderam consolar da occulta e incuravel dôr, que o consumia por dentro.

Em certos momentos, quando se esquecia dos outros, e ficava só comsigo, bastava contemplar-lhe o sorriso e o olhar para se perceber na pallida melancholia do rosto o sopro mirrador de amargosos desenganos, e de magoadas desillusões.

Como disse uma vez de si, com sincera tristeza, a vida da alma para elle reduzia-se a orar sobre um tumulo, e a velar junto de um berço. Não o prendeu devéras ao mundo senão uma saudade, e uma esperança. O resto... por mais que fingisse estimal-o acima de tudo... podia matar-lhe, e matou-lhe decerto o corpo, mas nunca lhe envelheceu a viçosa juventude do espirito, nunca lh'o inclinou para a terra, abatido, senão instantes!.. Pobre poeta!

Que noite aquella, e que recordações!

Tinhamos partido cedo: e sahia já o sol na serra, quando chegámos á ribeira de Jamor, e do meio da sua ponte, alargámos a vista pela deleitosa varzea, que d'alli se encurva, e sobre a direita, abrigada com os montes, corre para Carnaxide.

Parámos cheios de suspensão. O campo estava de uma belleza, de uma frescura maravilhosas!

Elle que sentia, que dizia como ninguem estas formosuras e harmonias na natureza — julgo que deixou memoria de passeio similhante nas paginas de algum livro, mas não me lembro agora em qual.

De que me recordo, perfeitamente, é da ex-

pressão de terno contentamento, com que, enlevado na paizagem, que tinhamos deante, principiou a recitar a gentil canção de Arnaldo de Merveil, cujas festivas alegrias parecem inspiradas por identico painel:

Oh que doce Abril respira
Quando Maio vê chegar!
Pelas noites socegadas
Se escuta o doce cantar;
E nas frescas manhãs puras
Brandas aves gorgeiar.
Tudo em torno alegre folga,
Tudo ri, tudo suspira:
Como hei-de eu conter no peito
Affectos que amor inspira?

— E' isto! — E' assim, accrescentou elle depois — tal e qual o bom do trovador o disse! Sómente eu, se fosse chamado, e me obrigassem a escolher entre dois emeritos professores da gaia sciencia — e entre duas canções singelas e delicadas como estas — talvez, talvez que me deixasse seduzir... Percebe que seduzir é o termo, e que não exagero?... pelo velho minnesinger, o conde Conrado de Kerckberg... Acho-lhe um sabor de campo e de ingenuidade—uma louçania desaffectada. Conhece os versos d'este conde tão fidalgo em Apollo, como na linhagem e nos alvarás?...

Tive de confessar que não.

— Pois isso não é bem feito! Ha alli muito que aprender, e que aproveitar... sobre tu-

do, do que se não ensina... simplicidade verdadeira, graça e sensibilidade... Mas vamos á canção... o sermão será depois.

E com aquelle fino gosto, que niguem egualava, quando lia, ou dizia coisa de curiosidade e de interesse, parando, de tres em tres passos para respirar com a mão sobre o coração, como se quizesse encobertamente suster no caminho fatal a morte, que por alli o assaltava — começou os bellos versos do velho minnesinger:

Seus thesouro de alegrias
Todos Maio derramou,
Pelas seves, que floresce,
Pelas sombras, que copou,
Onde o rouxinol amante
Em cada ramo que pende,
Em cada flor que recende,
Sua doce melodia
Faz soar pela espessura.
Vinde, Maio é o mez d'amor,
Da belleza e da ternura;
Cantemos, vinde, cantae-o;
Deus te salve, lindo Maio!

E em Maio, tambem, estavamos nós.

A luz, em torrentes, dando á campina aquelles tons de transparencia e de vivo colorido, que a limpidez do céu tanto realça n'este nosso clima, derramava como um vapor de ouro sobre o verde alegre esmaltado, que vestia as encostas e outeiros.

O Tejo corria á esquerda, e crespas com a

viração, despediam as sua aguas do dorso mosqueado mil faiscas de diamante, e mil cambiantes variados.

A' flôr da praia, a areia, espelhada pelo sol, ora deslumbrava os olhos com a alvura, ora beijada pelo rolo das vagas, desapparecia por momentos, em nuvens de espuma, em quanto ellas, gemendo, se espreguiçavam.

Das veigas, regadas pelo Jamor, atè ás collinas, aonde velejam os moinhos, as cearas, verdes e viçosas, ondeavam com a brisa.

Rodeada de bellas arvores, descobria-se no mais fundo do valle a casa de Rodizio; e sobre um outeiro, defronte, levantada em socalcos, com uma alcatifa de flôres aos pés, e uma cintura de pomares á roda, a pequena aldêa de Linda-a-Pastora, recendendo aos perfumes agrestes da montanha, e meia destoucada da nebrina diaphana da madrugada, revendo aos primeiros raios do dia a sua ingenua belleza alpina.

Quando nos saciámos de ver, e de tornar a olhar, não duas, nem cinco, mas cem vezes, seguimos pela encosta um trilho meio escondido nos arbustos e nas altas ervas, e por elle direitos, fomos bater a uma casinha branca, quasi pendurada pela ribanceira, mettida dentro de um palmito de faias, e cercada de um verdadeiro cesto de flôres.

O nosso hospede esperava-nos, e recebeu-nos com o riso na bocca, e a boa vontade pintada no semblante.

De estatura elevada, um tanto curva, pelo

uso dos livros e da escripta, tinha estampadas nos olhos a paz e a serenidade da alma. A sua conversação concisa, jovial e prudente, era de homem que tinha visto muito, e que aprendêra a conhecer-se, e a avaliar o mundo, tanto na fortuna, como na adversidade.

Descansámos alli as horas de maior calma, e passadas ellas, teve tal condão a benevolencia que encontrámos, que sem pesar lhe sacrificámos a tarde, e parte da noite.

Quando nos despedimos, já a lua ia alta no céu, e ao seu clarão melancholico e desmaiado repintavam-se na estrada os ramos, estremecidos pelo amoroso sopro de uma viração quasi insensivel.

Nenhum de nós tinha pressa, ou vontade de dormir, e as vistas, offerecidas por aquelles, contornos, frouxamente allumiados, e cheios de silencio, eram tão arrebatadoras, que não havia animo para separar os olhos d'ellas.

Falando, e caminhando comnosco, a pé, o nosso hospede guiava-nos, promettendo-nos um sitio, digno do pincel de Gessner, e, sobre tudo, aquellas horas da noite, capaz de esmorecer a paizagem ideal do mais enlevado idyllio.

Com effeito, apezar de esperarmos muito, quando elle, apartando as ramadas ,e abrindo um claro, por onde entrassemos, nos disse — «é aqui!» — ambos soltámos um grito de admiração.

Estavamos á margem do rio de Algés, ouvindo o chapinhar da agua nas rodas das aze-

nhas, e o susurro continuo da corrente, batendo sobre ellas.

Lá em cima, nos outeiros, o rodar monotono e soturno das velas dos moinhos.

De um e outro lado, grandes e bellas arvores debruçando-se para a veia, espelhada e crystallina, do rio, que, dormente quasi, como um lago, scintillava similhante a fita de prata encastoada em esmeraldas.

Rompendo a custo por entre os ramos descabellados dos chorões e salgueiros, o luar caía de chapa sobre a torrente; e torcendo-se em voltas caprichosas, com murmurios vagarosos, e quasi sumidos, esta passava lenta, ralhando só mais alto, quando se quebrava, fervendo, em alguma pedra, ou, quando, lambendo as relvas da borda, os seixos a demoravam, escorregando.

No ar uma serenidade, uma frescura temperada, e uma escuridão quasi clara; na terra massas de sombra, e clarões de luz pallida, alternando-se, e revestindo os menores accidentes de formas e côres quasi phantasticas.

De espaço a espaço a profunda mudez d'esta solidão animada (perdôe-se o arrojo da phrase) era interrompida pelo latir distante de um cão de guarda; e nos arbustos proximos saltavam, faiscando, os pyrilampos, e sumiam-se rapidos como o pensamento.

Tudo n'aquelle quadro respirava placidez, saudade, e meiga tristeza!

Assentámo-nos, e resolvemos aguardar que rompensem os primeiros arreboes da aurora

Quando os horizontes começaram a avermelhar-se, e a corôa dos outeiros principiou a dourar-se com a tenue luz da manhã, tendo ainda a base mergulhada nas trevas, levantámo-nos, no meio do gorgear das aves, e dos aromas agrestes da montanha, e voltámos ao tecto hospitaleiro da nossa poisada.

Nunca mais tornei áquelle logar, mas se fosse pintor, sei que o debuxava de cór; e entretanto não me perguntem pelo caminho d'elle, nem pelo nome, porque lhes affirmo que os ignoro, como ignoro o arabe e o hebraico.

O que nunca ha-de esquecer-me, por muitos annos que viva, é a doce intimidade d'aquella noite de Maio, velada debaixo dos alamos e dos chorões, porque alli nasceu a novella ou a collecção de novellas, que se publica; e porque, entre os queixosos murmurios das aguas, e o brando ramalhar das folhas, foram ditas as palavras, que me estimularam a riscar, emfim, o primeiro esboço d'esta obra, perdido o maior receio.

Mas o prologo, esse prologo, que nunca chega?

Cartas na mesa, leitor! Se tudo isto, e o que vou pintar, não servir de prologo, receio muito que fiquemos sem elle... E no fim a desgraça não é grande.

Mas o pensamento do livro, as razões da sua existencia, a idéa moral, e as conclusões historicas? Se estamos ainda ás escuras de tudo isto depois de tantas paginas!

E' verdade! O mesmo dizia eu commigo.

E entretanto, por mais que lidasse com a idéa, não consegui senão tornar a perder-me com ella. Aonde me levou, ignoro; sei só que não era d'este mundo o que eu vi.

Foi sonho? Foi abstracção, ou rapto dos sentidos talvez.

Tinha adormecido, ou a mente, desvairando-se de saudade em saudade, de recordação em recordação, creou a visão phantastica, emprestando vida, gesto, e voz, aos que repoisam para sempre longe das lagrimas e cuidados?

Não posso dizer!

Só posso affirmar, que voltei do reino das sombras, e que o dialogo que se travou lá, tão vivo se me esculpiu na memoria, como se agora mesmo acabasse de se falar.

Quando acordei sobresaltado, ou quando tornei a mim do sonho-acordado, os olhos, turvos de espanto, procuraram ainda muito tempo em roda o impossivel, e, frio de terror, a mão extendida e hirta, parecia sentir ainda o gelo d'essa outra mão amiga, tão poderosa pela penna que momentos antes apertava além do tumulo!

A noite ia adeantada, e a luz em vascas, a cada instante amortecia mais. Uma chispa, azulada e tenue serpeava no meio das vermelhas chammas do fogão. Fóra, a chuva cahía grossa, com susurro lento e monotono.

Cansado de luctar em vão, tinha deixado a mesa, e, sentado defronte do brazido, continuava a seguir com o pensamento o assump-

to, que me fugia, e a mão, distrahida, demolia com o *poker* as pedras acastelladas, que umas apoz outras se desfaziam em cinza ardente.

Os olhos não viam, o corpo estava insensivel, e o espirito, separado de quanto o rodeava, corria a essa hora longe de mim e da realidade...

Procurava ainda um prologo obstinado em se negar, ou corrigia mentalmente a invenção, confundindo, como succede nas cogitações absortas, as coisas, as pessoas, e os tempos?

Não sei.

De repente mudou a scena, e achei-me em um sitio conhecido — o mesmo que descrevi ha pouco, nas margens do rio de Algés. Eram as mesmas arvores, o mesmo luar, e a mesma tristeza suave! Sómente não estava alli só, como d'antes.

Aos primeiros passos, vi levantar-se um vapor fino da terra, condensar-se, e restituir-me as feições e os modos, a fiel imagem d'aquelle, que só pertence hoje ao mundo pela gloria de um grande nome.

Quiz recuar, mas não pude. Quiz falar, mas os beiços tremulos moviam-se em vão; o som expirava n'elles.

Quando chegou mais perto, notei aquelle brilho particular dos olhos, aquelle sorriso, que se escondia a furto em uma ruga quasi imperceptivel, aos cantos da bocca, e a pallidez — talvez mais debotada ainda — dos ultimos tempos.

Trajava como de costume, e nos passos, no

gesto, e no ar, era ainda o mesmo. Uma das mãos no peito comprimia a anciedade morbida do coração, a outra, direita para mim, acenava-me que esperasse.

Era elle! era o mestre! O grande cantor!

Como, e porque, ignoro-o, mas o primeiro terror estava dissipado. Julgal-o-hia ainda vivo no meu sonho? Não posso dizel-o. Lembra-me só que despedia da fronte e das pupillas tão brilhante luz, que a vista, cega do esplendor, mal a podia supportar.

« — Então! afflictos nos vemos, e de passeio deitámos até aqui a ver se nos cahía do ceu um prologo? Ora pois! Alguma volta se ha-de achar. Mas primeiro esconda-me essas tesouras. Nada de recortes — figuras, introducções, ou o que quer que seja não m'o tire nunca dos livros dos outros. Nada de peccar contra o alheio. Temos de casa com que nos remediemos! »

Era a voz, o modo, e o riso d'elle!

Não sei porque me contive, que o não abracei logo; mas d'este momento em deante fiquei tão seguro e tranquillo na sua presença, como se tudo aquillo fosse natural, e a nossa conversação tivesse logar dois annos antes.

« — Sabe o que me traz? Vou começar as novellas, os contos, em que falámos — e como sempre é bom dizer alguma coisa de explicação . . . »

« — Hum! Pois olhe, se as novellas se não explicarem a si, creia firmemente, que o prologo não fala melhor, nem tão bem . . . »

«—Entretanto!... Occorria-me figurar uma historia de manuscriptos achados... enterrados na sepultura!!...»

«—Da alma do licenciado Pedro Garcia? —que era uma bolsa de ducados? Tem bonitos e salgados contos o sancto homem de Gil Braz!»

«—Não foi isso accudi meio confuso. A minha idéa era fingir que um mouro convertido no tempo dos Filipes escreveu estas memorias...»

«—Como o duque de Saint-Simon? Hum! Quer ver o seu mouro, quem é?»

Passava n'esta occasião por nós um homem de nobre aspecto, mais velho e accabado, porém, do que elle. Acenou-lhe, e sem falarem, entenderam-se.

O outro abriu a capa hespanhola, e notei, que lhe faltava a mão esquerda.

«—O sr. Miguel de Cervantes dá licença? Temos aqui um peccador envergonhado, que se accusa para fazer reparação de um furto mental... Tracta-se—nada menos—que de tirar a decima millesima copia do nosso amigo Cid Hamet Benengeli.»

Córei até á raiz dos cabellos, e cortejando o heroico maneta de Lepanto, cedi a beneficio de inventario o mourisco do meu prologo.

Elle olhava para mim, e sorria-se com aquella expressão de ironia branda que lhe dava tanta graça ao rosto, e que era indicio quasi sempre da sua amizade intima.

Eu mordia-me, por dentro, de não poder in-

ventar cousa, que não estivesse inventada, um, ou dois seculos antes, pelo menos.

«—*Nihil sub sole novum*, disse o papá Salomão, e olhe que elle não foi nenhum herege de orelha!... Temos conversado bastante por aqui, e lá em baixo, por signal, aquelles senhores da theologia parece-me que não atinaram muito com o verdadeiro sentido do cantico dos canticos! sua magestade hebraica... Emfim, todos somos peccadores, e todos rosnamos dos outros... Mas deixemos isto; e continuemos a procurar o nosso prologo. Ainda o não achou?»

Occorreu-me um pensamento, e no primeiro sobresalto, tomei-o sinceramente por meu e só por decoro é que não bati as palmas.

«—E se eu mettesse em scena, exclamei, aquelle nosso amigo de Linda-a-Pastora, e com elle arranjasse...

«—Uma semsaboria? Pois não! Quer fazer do meu padre um Jedeah Cleishbotham dos *tales of my Landhord*? E' um desacato não consinto».

«—Mas!...»

«—Tenha paciencia, é preciso que o meu amigo sir Walter Scott, ao qual restitui, com perdas e damnos um certo João Minimo, muito nosso conhecido, queira emprestar-lhe tambem o veneravel mestre eschola e sacristão da parochia de Gandercleugh. Em todo o caso, elle nos está ouvindo, e melhor sabe o que ha-de ser.»

Olhei, e de feito, o auctor de *Waverley* ti-

nha apparecido repentinamete ao nosso lado. Trazia o plaid escocez do Bailio Mac Jervis, e alegrava-lhe o semblante aquella benevolencia patriarchal, que em vida, era uma das prendas do fecundo romancista.

Caí, então, em mim. O padre de Linda-a-Pastora era, nem mais nem menos, a contraprova raza do espirituoso Jedeah Cleishbotham, ou do erudito capitão Croftangry da Canongate.

«—N'esse caso...» observei no maior enleio.

«—N'esse caso...—proseguiu sorrindo-se —estamos como no principio o que não é nem andar de caranguejo.»

«—E se eu mettesse o abbade?»

«—Qual abbade?.. Ah! copiava do escocez, assim mesmo... Sabe que não gosto do seu abbade? E então lá em casos serios!..»

«—Mas as novellas hão-de ficar sem prologo?»

«—Serra madeira—de carpinteira—Serramos nós...»

«—Não percebo...»

«—Olhe, quer qne lhe exponha o meu voto —como se diz em estylo de pae da patria?..»

«—Se v. ex.ª se dignasse...»

«—Digno-me, sim, senhor. Não é por mim, mas n'estas coisas, o pouco ou nada, que possa valer nunca o neguei... Espero, que lá onde estive me façam ao menos essa justiça... depois de tantos aggravos e ingratidões.»

«—Depois de abatidos os fumos da inveja passa o homem, e a gloria fica!» atalhei interiormente lisonjeado do relevo da minha phrase.

«—Hum! Não se vive só de loiros!.. Mas ao que importa; d'aqui a nada tenho uma leitura de lord Byron ...»

«—Pois lê-se cá?» exclamei pasmado.

«—Sim, senhor, e escreve-se tambem. O que não ha é imprensa... nem zoilos, nem jornaes, Vamos ao prologo. Sabe como eu o fazia? Não adivinha, aposto!»

«—De certo, não...»

«—Pois é o mais simples, que ha... e por isso lhe não occorreu ainda. Nunca achei coisa mais difficil de ver, do que a verdade.»

«—Mas!...»

«—Ouça. Eu contava isto, que estamos passando, e mais o passeio rural de ha tres annos... Juntava-lhe meia duzia de linhas para concisa noticia do livro... Accendia depois o meu charuto, e fumava-o, com a beatitude de um frade Bernardo entre dois solecismos.»

«—Mas a ideia moral, as conclusões historicas, e a razão de existencia da obra?»

«—Ta, ta! Mande-as passeiar d'esta vez, as suas razões todas! Siga o meu conselho.»

«—Então diz-me v. ex.ª?..

«—Que se deixe de pontinhos... Nada de impertinencias eruditas!... De tudo se faz prologo... menos do que é dos outros. Entende-me? O que anima e dá côr a um livro são justamente os toques e as allusões actuaes...

A historia basta que entre do capitulo I em deante.»

Conheci que principiava a incommodal-o, e dei dois passos atraz para me despedir.

Percebeu-me, e antes de me extender a mão, disse:

«— Não se esqueça. A verdade — só a verdade — ornada se quizer e tem o prologo. Agora adeus — e volte o mais tarde possivel...»

N'este momento o sonho deu um d'aquelles saltos tão frequentes, e eu um instante vi a famosa mesa do Whist e o marquez de Pombal, sentado a ella como o descreve o livro das Viagens do Visconde de Almeida Garrett. Não pude resistir, e perguntei:

«— V. ex.ª tornou a falar com o grande marquez?... O que lhe disse da escassez das colheitas agora?»

«—Meu amigo, são coisas muito serias para se brincar com ellas... e lord Byron está á minha espera!... Apertemos a mão, e adeus.»

Acordei á sensação do frio que me causou o contacto dos seus dedos nevados. Era a pedra do fogão, que regelava.

Abri os olhos — a luz tinha-se apagado, e a frouxa claridade, que chispava do brazido do fogão, allumiava apenas de meia côr os objectos em roda.

Dizer que acordei desassombrado, era dizer uma falsidade. Por alguns minutos conservei-me immovel, e como que tolhido. Não tinha animo nem para fitar os olhos com fir-

meza, e todos os objectos me repetiam a illusão, de que acabava de sahir.

Entretanto, mesmo recebido a dormir, entendi que o conselho era de acceitar.

Uma vez que a tentação das digressões me não consentia prologo regular e grave, preferi estas paginas á triste folha branca, e ahi as entrego á condemnação, que merecer o seu arrojo.

Agora mais duas palavras antes de concluir!

As novellas africanas formam parte da collecção extensa, a que dei o titulo de Contos do Serão.

O assumpto na idéa com que o esbocei, deve abranger os mais briosos feitos, e os successos mais admirados das navegações e conquistas de Portugal.

As guerras da Africa, começadas pela aventurosa expedição de Ceuta, nos ultimos annos do mestre de Aviz, abriu naturalmente, por uma grande proeza, a scena, em que figuram tantos vultos, emulos dos maiores homens de todos os tempos, desde D. João I e Nuno Alves Pereira, até Affonso d'Albuquerque, Duarte Pacheco, e o conde D. Duarte de Menezes!

As *Novellas* comprehendem, na primeira epocha, o glorioso periodo, em que remida por seus valorosos habitantes, e consagrada pelas victorias, a nacionalidade portugueza se arremessou ás praias mouras, cravando em desafio, deante de suas torres e alcaceres, a luva

ensanguentada que Tarik lançou aos povos hespanhoes.

Dominado pelas mais puras inspirações, este periodo illumina, com um sol sem mancha, os derradeiros dias do mestre de Aviz, e a carreira de uma geração de principes, verdadeiramente seus filhos no valor e na honrosa temeridade.

Formados na eschola de D. João I, cavalleiros e soldados adormecem ao lado do perigo, e encaram a morte de rosto jovial. As idéas generosas da cavallaria, tomadas na mais nobre accepção, e a viva fé em Deus, e na patria, justificam o titulo que dou a este bello e saudoso cyclo.

A «Tavola Redonda» ou foi a epocha de D. João I e dos infantes de Affonso V, de D. Pedro, e D. Duarte de Menezes, e de Alvaro Vaz de Almada, ou não ha outra, que lhe corresponda.

Eram leões na peleja, e peitos de ouro na lealdade. Os fumos da cubiça e a vileza dos instinctos mercantis, ainda não tinham offuscado o lustre á cruz de Christo, estampada nas suas armas.

Em Ceuta, Arzilla e Tanger o sangue derramava-se pelo rei e pela fé, mas nunca se vendeu.

De D. João II a D. Manuel, corre outro periodo, cujos episodios são ainda bellos, cujas victorias lembram sempre a geração de rijos fronteiros, que tão altas souberam hastear as quinas portuguezas. Mas aos cavallei-

ros sem temor da cruzada africana já começam a contrapôr-se os cavalleiros mercadores da India e de Guiné!

Os que moram nas praças de Ceuta, Safim, e Arzilla, cobrindo com os peitos esses lanços de muralhas meio derribados, e quebrando lança e espada no duro arnez do mouro, luctam desinteressados e representam as tradições honrosas da primeira epocha.

Para elles ainda ha só o morrer pela crença e pelo rei; mas os olhos dos seus, distrahidos pelo ouro e perolas da Asia, nem sequer lhes premeiam com louvores o sangue esparzido a todas as horas.

Os alterosos galeões, dobrando o cabo da Boa Esperança, e curvando debaixo das quilhas vencedoras os medos e tempestades d'esses mares, nunca navegados, levam comsigo o coração e a esperança de Portugal.

Se o estandarte lusitano se não deixa abater, e não cede á mão ousada dos Amires e Scheiks arabes, é porque as faces ainda se cobririam de pejo a todos, rendendo sem defesa aos infieis essas pedras, aonde a gloria entalhou profundamente tantos nomes illustres.

«*Por Deus e pela honra*» é o titulo que mais cabia a este segundo cyclo, e, adoptando-o, estou certo de que não vou longe do sentido moral e historico d'esta nova transição, que, alterando caracter e feições á monarchia, parece que a não elevou ao auge das prosperidades senão para de mais alto a precipitar,

consumida de forças e gasta de brios, no immenso desastre, que sepultou a corôa do ultimo rei cavalleiro, e a independencia, resgatada por D. João I, nos areaes de Alcacer-Kibir — n'essa infeliz jornada, que foi o suspiro derradeiro do antigo esplendor guerreiro.

A agonia lenta, mas terrivel, que se prolonga desde D. João III até D. Sebastião, e o desmoronamento successivo de todas essas grandezas, levantadas no ar, e tão caras de adquirir, abrangeu o fatal periodo de ruina, aonde, assim mesmo, ainda relampejam alguns clarões de virtude e de abnegação.

Designal-o-hei por um titulo, que, julgo eu, exprime a infinita tristeza, que o domina: SECULO E MEIO A FAZER UM TUMULO!

Desamparando os rotos muros de Arzilla, e outros castellos d'Africa, D. João III trahiu as idéas de elevada politica, e de brioso impulso, que decidiram o mestre de Aviz a passar o estreito, fundando em Ceuta a séde das conquistas, que sua nobre ambição lhe apontava.

A robustez do reino, e o seu vigor superabundante achariam sempre no imperio marroquino util emprego para o braço não adormecer nunca aos cavalleiros, e o poder e influencia do seu nome se alargar com proveito e honra.

Se ahi os triumphos eram menos faceis, do que entre Jáos, Malaios e Naires, todavia ganhavam-se mais puros e duraveis.

A sêde das riquezas, e a avareza sem entra-

nhas, tractando com despreso as victorias lentas e rudes de alcançar na Africa, voltaram-se para a India, aonde, debaixo da coura bordada, batia o cubiçoso coração dos mercadores de cravo e marfim; e a idéa do lucro, fructo de cruezas e ignominias, matou a idéa da gloria desinteressada, e o valor heroico dos primeiros lidadores.

Quando D. Sebastião, moço impetuoso e inexperiente, sonhando com as proezas de seus avós quiz acordar o reino do seu torpor, fazendo cavalleiros dos mercadores da India, achou quasi um cadaver deante de si, e o que pôde foi ir acabar com esse moribundo aos mesmos logares, nos quaes um seculo antes os seus antepassados tinham triumphado!

Eis a verdade e a intenção do livro!

De 1415, em que Ceuta cahiu, até 1578, em que D. Sebastião enterrou comsigo o sceptro, nos campos de Alcacer, conta-se mais de seculo e meio.

Foi quanto bastou para Filippe II consummar pela astucia, e pela perfidia venal, o que o rei castelhano D. João I perdêra de uma vez na lide de Aljubarrota!

Este é o desenho geral da obra; porém não me obrigo, e desde aqui o declaro, a rigores de chronologia, nem a tecer nenhuma serie deduzida de quadros.

Dentro do mesmo cyclo usarei amplamente das immunidades do romance, e de todas as liberdades da invenção.

Nunca foi meu intento urdir uma chronica

dialogada, — mas sim, e unicamente, idealizar os homens e os successos, graças ao relevo da novella.

E' por isso, que passarei de um assumpto para outro, de uma scena terrivel para um lance comico, sem me prender com as datas nem me enredar em falsos escrupulos.

O que procurei obter foi a verdade dos costumes e do coração humano, e a côr das epochas e das localidades, caracterizando as duas raças, oppostas em indole e crenças, e as physionomias dos contendores, do modo que julguei mais opportuno para ambas ellas sobresairem á luz propria.

Tudo está dito; e á obra agora compete confirmar, ou comprometter, a ousadia do commettimento.

Não ignoro os escolhos, que a ameaçam, e, porque os vejo, me recommendo á benevolencia da critica.

Sem ella, era mais do que provavel não exceder de dois ou tres capitulos.

A TOMADA DE CEUTA

> A hora bien, dijo el cura, traedme senor huesped, aquellos libros, que los quiero ver.—Que me place respondio él; y entrando en su aposento saco de una maletilla vieja, cerrada com una cadenilla, y abriendola hallo en ella tres libros grandes, y unos papeles de muy buena letra, escriptos de mano.
>
> D. Quixote.—*Part. I. cap.* 32.

CAPITULO I

Em que todos falam, e poucos se entendem

—Santa Maria vale! Que fresca tarde, e como estes sitios são risonhos!... Bemaventurados monges! Aquillo não é mosteiro, é o paraiso!

—A penitencia em tão viçosos ermos, e os jejuns com estas fructas, em estando maduras, não hão-de emmagrecel-os!

—Sabeis, que me passa ás vezes pela ideia

despir os habitos do mundo, amortalhar-me n'uma tunica, e acabar assim?

—Que não vos ouça alguem, que eu sei!

—Antes ouvisse! Tão mal me tracta, que um dia...

—Temos resa e orgão na egreja, e vemos de cilicios e cogulla um guapo donzel? Deixae-vos de cuidados. Penas de amor curam-se depressa.

Os dois interlocutores, que estão em scena, e que o nosso dever nos manda cortezmente apresentar ao leitor, eram dois mancebos.

Montavam possantes mulas, ajaezadas com riqueza, e vestiam com primor.

A' excepção das côres, que um usava alegres e desvairadas, e o outro graves e compostas, parecia que a mesma mão lhes tinha talhado os trajos.

Os barretes de velludo, adornados com uma pluma ao lado, as calças de seda golpeadas, e os cintos de pelle de gamo, lavrados de prata, apertando os gibões de estofo precioso, assaz diriam que ambos tiravam a sua origem de nobre linhagem, se o ar, os gestos, e certa altivez de modos, o não mostrassem ainda melhor.

Mesmo disfarçados em roupas humildes bastava contemplar o rosto moreno, e os olhos tristes de um, a tez delicada e as pupillas azues do outro, para até um observador pouco penetrante se não enganar com elles.

O mais velho não teria ainda vinte annos; o mais novo apenas inculcava dezenove, e o

sorriso fino, que lhe brincava nos labios a miudo, dava-lhe singular realce á physionomia animada e zombeteira.

Alvo e rosado, cheio de faces, e com as madeixas castanho-claras, crescidas e apartadas até ao meio da testa, fugindo-lhe em anneis soltos por baixo do gorro, os seus movimentos rapidos e graciosos correspondiam á boa sombra da apparencia.

As feições respiravam lisura e bondade; e as palavras, avivadas com o sal da malicia juvenil, pintavam a ditosa ignorancia do mundo, com que a mocidade entra no caminho da vida, pisando ao de leve os primeiros espinhos.

O seu companheiro, mais serio, e menos communicativo, na fronte elevada, na vista firme, e na belleza viril e severa do semblante, retratava o typo do valor sereno, e da resolução inabalavel.

No seu olhar fundo e recto espelhava-se a lealdade de uma grande alma, e a confiança mais decidida em Deus e em si.

Não custava a perceber, que as paixões, alli, nunca voariam á superficie; mas que, arraigando-se, e tomando posse do espirito e da vontade, chegariam a arder a ponto de o consumir.

Grosso de membros, sem ser pesado, tinha tanto de robusto e bem posto, quanto o amigo, que trotava ao seu lado, tinha de airoso nas formas, e de gentil na presença.

Qualquer d'elles, via-se, não cingia a espa-

da por mero enfeite. Em lance arriscado, ou em occasião de brio, o seu braço, feito ás armas, apezar da edade tenra, conhecia-se que não podia atraiçoar o coração.

Quando proferiram as curtas phrases, com que abrimos esta mui veridica narração, iam subindo um pequeno outeiro, e do cimo, virando-se, é que descóbriram, correndo para elles, primeiro, uma figura que por vista e sabida de cór, mesmo a distancia, não lhes foi custoso baptisar com o nome de irrisão, que lhe pertencia, e que mais longe, porém não muito, sahindo de um coberto de ramadas, por entre rolos de poeira, divisaram um tropel de cavalleiros, que n'aquelle momento mesmo descia pela visinha encosta.

E estavam já tão perto, que as risadas e as falas altas soavam distinctamente. Os dois sorriram-se, e colhendo as redeas a um tempo, estacaram.

O sorriso era evidente que festejava a boa vinda do mais proximo dos de fóra, que em falso nos estribos, e meio deitado sobre o pescoço do corsel, não cessava de acenar com o exquisito gorro, de que despira a cabeça, hirsuta e monstruosa, amiudando vozes e tregeitos, á medida que o cavallo, alargando a cada instante o seu galope desenfreado, e fogoso de impaciencia, desobedecia á redea que o não sabia conter, e á espora que, sem o castigar, o feria ao acaso, mas frequente.

—E' Hanequin! exclamou o mais moço, escudando os olhos, com a mão curva, dos

raios do sol poente, que lhe batiam de chapa. Formosa carreira! Mas o jogral e o ginete não se entendem!... D'esta vez pagam as costellas do honrado maninello as custas de toda a festa! Não será a primeira?

—Eil-o comnosco! replicon o outro, repetindo as mesmas palavras, que a vista dos cavalleiros lhe arrancára antes. Hanequin, meu amigo, n'esse passo não vaes longe!...

—Accudam! Livrem-me! bradou uma voz tremula ao perpassar.

Foi um momento! Dentro de um relance, homem e cavallo rasparam, como settas, por junto dos dois mancebos, e alongaram-se ainda mais rapidos do que vinham.

—Achou quem o ensinasse, o histrião; disse o mais alvo e rosado. Que vos parece d'esta nova proeza do jogral de El-Rei? Terei pena se o cavallo padecer! O que dizeis?

—O que diz o conto, sr. Alvaro Vaz de Almada! O anão calçou as botas do gigante e ha-de cair por força... E caiu! Lá está!

—Mas elle o que vinha fazer em cima do cavallo do sr. Infante—porque é o corsel de sua mercê, ou estou cego de todo? Adivinhaes sr. Antão Vasques?

—Folias do seu officio. O chocarreiro queria rir-se, e agora chora!

Effectivamente Hanequin acabava de apalpar a dureza maternal da terra com o corpo.

Meio na sella, meio no ar, segurou-se por milagre, até que o ginete, raivoso e endoidecido com a dôr das esporas, que o cortavam,

e com os baloiços do bobo, que vacillava de uma parte para outra, coseu o ventre com o chão, e despediu a mais brava e fervida carreira de toda a sua ardente juventude.

Foi o que bastou!

Hanequin viu remoinhar as arvores, e chisparem-lhe lume deante dos olhos; viu o céu côr de fogo e a terra preta. Por instantes suppoz-se ennovellado nos furacões de um bulcão, e, perdendo a razão e o sentido, não accordou, senão achando-se esculpido na areia do caminho, felizmente para os seus ossos, porque lhe adoçou a queda, e apercebendo o malfadado auctor de toda a sua desgraça, galopando, e fugindo direito á ribeira, com os olhos accesos em furia, e as crinas soltas ao vento.

Quando Alvaro Vaz de Almada, e Antão Vasques, chegaram ao pé d'elle, trazendo as eguas pela redea, Hanequin, depois de um exame breve, mas cheio de consciencia, tinha verificado já que todos os seus dentes continuavam a adherir aos queixos, e que pernas, costellas e braços, salvos de fractura e deslocação, lhe promettiam a mesma leal cooperação e bom serviço, que até alli lhe tinham prestado.

—Sois rijo voador, meu amo! disse rindo Alvaro Vaz, em quanto o jogral com um dos cotovellos escovava a manga da sua opa variegada, e cuspindo uma boa doze de areia, amaldiçoava as cavallarias e os cavalleiros desde Amadis e o rei Arthur até ao ultimo homem d' armas da hoste do condestavel.

—Cuidei que ias correndo em aposta com o vento! observou Antão Vasques.

—Tio Alvaro deixae-me respirar, e falaremos! atalhou o folião cravando na cabeça com desgarre brutesco a sua touca, ornada de cristas vermelhas, e cingida de duas ordens de guizos, cujo tintinar impertinente annunciava a mordedura dos seus gracejos, como o cascavel da serpente adverte da proximidade do veneno.

—Respirae. Tendes razão para isso! Outros com menos... sei eu aonde ficariam.

—Mas o cavallo do sr. Infante?.. perguntou Alvaro Vaz.

—Que o tio Henrique se quizer o apanhe!—retrucou o bobo apurando as dobras do saio, silvado de rosas, com a serpe verde tecida no peito, e o escudo das vinte cinco arruelas bordado na manga.—Sua mercê não quer tomar juizo! Quantas vezes lhe não tenho dito eu que maus cavallos só para más cabeças? Que morra, que se constipe, ou que o levem n'um feixe para dentro da cavallariça, coisa é que não me ha-de tirar o somno. Menos do que este pó, que me enfarinha mais do que moço de moleiro derreado pelas saccas!

—E bem farinha sem sal são os teus ditos, folião maldito!—disse por detraz d'elles uma voz grossa.

Voltaram-se, e deram de rosto na corpulenta figura do capitão do mar, cujo cavallo, sopeado, escarvava a terra, relinchando.

—Já de volta, sr. Affonso Furtado? exclamou Antão Vasques, admirado. Ainda a estas horas vos fazia longe d'aqui, entretido na vossa galé.

—Não vos prenderam as sereias nas aguas, vê-se! accudiu Alvaro Vaz.

—Tio Alvaro, as sereias sempre fugiram dos tubarões, atalhou o bobo, vingando-se em primeira mão das pesadas palavras do edoso cavalleiro.

Os mancebos reprimiram o riso a custo; mas o capitão do mar, carregando os cerdosos sobrolhos, e vincando os cantos da bocca, alçou o conto do venabulo, que trazia, e se Hanequin lhe não furta as costas, recebia immediatamente em moeda forte o preço dos seus insossos gracejos.

—Eu te ensinarei, cão desdentado, a ladrar ás pernas do meu cavallo! exclamou elle com despreso. Se El-Rei tem tempo para aturar sandeus e se os senhores Infantes, por cada momice parva, te não entregam aos moços de monte para um bom almoço de açoites, conta commigo, eu te ensinarei. Que andem tantos christãos aos remos das nossas galés, e que este mandrião velhaco e atrevido engorde com o pão que se rouba aos pobres!.. Fóra d'aqui, raposa! E' apanhar já o ginete de sua mercê, se não quer aprender deveras.

Hanequin escutou com um ar de profundo arrependimento, e quasi até ao fim, a admoestação de Affonso Furtado; e o capitão do mar lisonjeava-se já de haver domesticado a fera

de El-Rei, quando, repentinamente, o truão, saccudiu os guizos que lhe ornavam a touca, e os que lhe orlavam o saio, e traçando no braço as dobras do balandrau, arrancou do cinto a espada de lata, e posto no recto como cavalleiro que perdeu lança e corsel, principiou a capear o seu adversario e a fazer-lhe á direita, e á esquerda, as sortes, com que em estreito e bem cerrado circo, se endoidece o touro.

Ao mesmo passo, o maninello, entre esgares e pulos, vozeava:

—Sus! Sus! Tem-te Moirama, arreda-te Castella, que ahi vem D. Barrabaz!

Descrever a ira do velho lidador de Aljubarrota, vendo-se apupado pelo histrião em presença de pagens e noveis, seria empresa ardua.

As barbas, que usava longas, e aparadas sobre o peito, alvejaram de escuma. Os olhos fuzilaram, e a mão procurou inadvertidamente o punho da valente espada.

Soltando um bramido rouco e suffocado, como leão atravessado em espera á falsa fé, o capitão do mar terçou o venabulo, e arremessou-o com tanto impeto, que, errando o alvo, foi cravar-se no chão a grande distancia.

O bobo esquivou-se ao tiro, e empallideceu. Pelas mostras apreciou a vontade. Cosendo-se com a mula de Alvaro Vaz, e segurando o mancebo pelas abas do gibão, clamou cheio de anciedade e de terror:

—Tio Alvaro, livrae-me d'aquelle philisteu. Prometto...

—Promette uma novena a Santo Antonio. Se te salvo, chocarreiro, podes pesar-te a cera.

De feito, Affonso Furtado vinha com o cavallo a trote sobre o jogral, quando Antão Vasques, interpondo-se, e de braços cruzados lhe disse friamente:

—Vêde não me trilheis, sr. capitão do mar! Sois insoffrido, ao que parece. Cuidaes que um palmo de lingua de menos, n'este jogral, vos dará mais nome, ou vos fará mais praça? Vêde que o bobo é de El-Rei; e que não ao folião, mas a D. João I açoitaes na pessoa d'elle.

O gesto e as palavras suspenderam o antigo pelejador.

Cahiu em si, e teve pejo da ira, e das imprudencias, que estivera a ponto de practicar.

Colhendo as redeas, e sorrindo-se, mas ainda sombrio de parecer, cortejou o donzel, e accrescentou:

—Quiz metter medo a esse cão tisnado, que tanto morde e grita! Venho agastado da jornada, e digo-vos, em amisade, que bebia agora com mais gosto uma vez de vinho, do que parava aqui ouvindo as necedades do truão. Por amor de vós, e pela memoria de vosso pae, que era dos melhores, Antão Vasques, perdôo a Hanequin as duas orelhas, que lhe deixo ficar inteiras... Mas sentido! ajuntou com um aceno ameaçador e expressivo—desgraçado de ti se tornas a atrever-te commigo.

Juro-te pela alma do Barbadão de Veiros meu parente, que não te escapará da lingua nem uma linha para contares do caso!

Virando-se depois para Alvaro Vaz, que tornára a montar, e abrandando mais a severidade do rosto, Affonso Furtado proseguiu:

—Vaes a Alcobaça, pelo que vejo, senhor donzel? Está lá El-Rei?

—Se o buscaes, com pressa, dae duas horas de folga a esse bom corsel, e segui para cima, respondeu o mancebo. Sua real senhoria pensa no seu mosteiro da Batalha. Estes dias andou a monte, com os senhores Infantes, e hontem foi para Aljubarrota esperar o condestavel...

—Nuno Alvares Pereira não está em Arrayolos?

—Sua mercê, o conde de Ourem, a esta hora, ha-de estar resando com D. João I em alguma das capellas de Sancta Maria da Victoria!

—Caso grande!... O condestavel fóra das suas terras n'este tempo!

—E' como vos conto. De Abrantes mandou recado a sua senhoria, de como em dois dias, o mais tardar, viria beijar-lhe a mão, e o conde de Barcellos; e apenas o recebeu, El-Rei poz-se logo a caminho para a Batalha, com o sr. Infante D. Duarte...

—E D. Henrique?

—Dorme esta noite em Alcobaça, e ámanhã sobre madrugada, caçando e folgando pelo caminho, parte para o mosteiro da Victoria.

—O senhor Infante D. Pedro, e o prior, excusado é perguntar se acompanhou o mestre... digo sua senhoria, El-Rei?

Antão Vasques tomou aqui a mão, e redarguiu:

—Do prior não sabemos—senão por vós! Ainda ninguem lhe poz os olhos. Quanto a sua mercê o Infante, não ha-de andar longe. Somos da sua casa, e não haverá meia hora ainda, que o deixámos com o seu nobre *brifalte*, caçando ás garças pelas margens da ribeira, lá em baixo...

—Podeis ensinar-me aonde o encontrarei? interrompeu o capitão do mar com desassocego.

— Vamos com recado seu; mas o jogral, que não tem cuidados, se ha-de estar fazendo arremedilhos e negaças, pode ajudar-nos. Hanequin sabe aonde o Infante corre a esta hora.

— Sei, sei, tio Alvaro Vaz; livre-nos Deus, de Barrabaz. Quero morrrer com todos os meus dentes.

— Escuta, sandeu! — Bradou o cavalleiro. Se me guias aonde estão os principes, pelo atalho mais curto, não has-de arrepender-te!

— Nanja a pé, tio Affonso! — observou o truão, approximando-se e arredondando o dorso.

— Um dos meus escudeiros emprestará a sua mula. Vamos! A cavallo!... Deus vos guarde, senhores, até nos vermos.

Antão Vasques, e Alvaro Vaz, aos quaes en-

dereçára as ultimas palavras, corresponderam-lhe.

O bobo, depois de fingidas repulsas, e de infinitas visagens, consentiu, por fim, em montar uma egua, já de cansados annos, e com o ar solemne e compassado de um bispo, em procissão de côrte, passou adeante do cavalleiro, e mettendo por uma vereda, sobre a esquerda, cortou para o lado do rio, que se desenrolava a curta distancia, escondida por uma cortina de verdura.

Os dois mancebos olharam um para o outro suspensos.

D'onde vinha o capitão do mar com tanto recato, e que negocio o apertava, para, sem demora, e sem descanso, não parar senão deante de El-Rei, ou do Infante?

E o prior do hospital, d'onde voltava, e porque se escondia? Tornaria de Castella, como da outra vez, em que a clemencia de El-Rei lhe abrira as portas da patria; ou partira em segredo, e recolhia do mesmo modo, para que ninguem lhe perguntasse novas da jornada?

Antão Vasques, por indole mais previsto e reflectido que o seu companheiro, não careceu de muito scismar para descobrir, que n'estas idas e voltas dos dois guerreiros, validos de D. João I, havia coisa maior do que apparecia á primeira vista.

Suspendendo o passo, e apertando o braço ao de leve a Alvaro Vaz, que se entretinha, entoando uma cantiga, hoje perdida, de Vasco

de Lobeira á sua dama, o donzel, de repente, exclamou:

— Sabeis que mais, Alvaro Vaz de Almada? Ou me engana o coração, ou cedo temos novidade grande.

— Porque? Fugiriam os corvos de S. Vicente?

— Não. Porque d'este segredo de muitos, tão bem guardado, por força rebenta façanha de lustre. Fiae-vos no mestre de Aviz para as tentar...

— E em seus olhos para as acabar! accudiu Alvaro Vaz.

— De certo. São para muito elles... e elle. Mas D. João I coroou-se aqui, e antes de louvar os Infantes, hei de vêr primeiro onde se armam cavalleiros?

— E, dizendo isto, Antão Vasques apontava para uma ermidinha, que, assombreada por duas faias, alçava a cruz de um campanario na solidão da campina.

Era a egreja de S. Jorge e Sancta Maria fundada pelo condestavel Nuno Alvares Pereira no mesmo logar, onde tinha arvorado a sua bandeira de batalha.

Insensivelmente, os dois mancebos tinham chegado a Aljubarrota. Pisavam o chão sagrado pelo valor de seus paes, e dos fortes que remiram Portugal do jugo estrangeiro.

As collinas, povoadas de castanheiros e de videiras penduradas pelos declives, arqueavam-se risonhas, ondeando os collos amenos umas para as outras.

Depois, a perder de vista, desatava-se a planicie, que fôra mudo theatro de uma das maiores luctas.

Alli, em menos de duas horas, o duello de dois reinos e de dois principes fôra decidido pelo braço armado dos exercitos; e quando se escondeu no horisonte o sol, que allumiou aquelle dia, a terra tinha bebido o melhor sangue de Castella, e das duas corôas, disputadas, uma gloriosa ficava firme sobro o elmo de um rei cavalleiro, obra e orgulho do seu povo, emquanto, vencida e arrastada no pó, a outra ia abrigar-se do perigo atraz das ameias, mareando-se de lagrimas!

Trinta annos havia que as campinas agora desertas tinham soado com a brava alegria dos clarins e trombetas, e que ao faiscar das espadas nos bacinetes, e ao estalar das lanças no arnez, se misturaram as pragas dos que feriam e eram feridos, e os gemidos dos que tinham cahido, para nunca mais se erguerem.

Alvaro Vaz e Antão Vasques, olhavam suspensos para aquelles sitios, assignalados pela victoria, agora ermos, e povoavam tudo com as vivas memorias da infancia, as narrações dos heroes do feito, estavam entalhadas no seu peito, porque entre os nobres corações que n'aquelle conflicto extremo, tinham vindo alli mais a buscar honrada morte, do que na esperança de vencer, os paes dos dois donzeis contavam-se dos primeiros; e seus filhos, percorrendo a vasta scena da epopeia recente, e assim mesmo já tão longe dos seus dias,

admiravam silenciosos aquella geração de guerreiros, que tanto confiára em Deus, e na patria, jogando em um só dia, em uma hora só, e de uma vez a liberdade, ou a servidão do reino.

Ambos sentiam borbulhar as lagrimas recordando, em saudade, o vulto dos seus, de pé no combate, e com o montante alto, rompendo por densas florestas de lanças, e seguindo mesmo por meio das sombras que já amortalhavam o campo, o resto d'esse exercito conquistador, que, partido em troços, fugia por todos os caminhos, lançando em todos o pregão do seu terror.

—Vêde! disse Antão Vasques, fuzilando-lhe os olhos, e tingindo-se-lhe as faces de leve carmim. Vêde! N'aquella eminencia era a barraca e o oratorio de D. João de Castella—foi alli, creio eu, que meu pae arrancou a bandeira ao alferes de El-Rei!

—Sim! atalhou Alvaro Vaz. E por esta quebrada, ao longo, é que os homens d'armas e as mais brilhantes lanças castelhanas, virando redeas, deram as costas aos nossos, que muitos, e meu pae era um d'elles! apenas vestiam braçaes e cottas!... Não vos faz inveja, Antão Vasques? Na edade, que temos, já os mancebos de então aqui pelejavam na ala dos Namorados! Já tinham que contar. Havia homens, então, digo-vol-o eu.

—E nós tambem o seremos, e depressa, espero em Christo! Os lances dá-os a fortuna. Peito que não esfrie, e braço que não trema,

como os melhores, sinto eu que os tenho, e vós, e muitos dos mesmos annos! Aguardae um pouco; diz-me o coração, que nós os filhos, louvores a Deus, tambem havemos de ter a nossa Aljubarrota.

—Prouvera ao ceu! Mas receio bem que não. Dura ha tanta a paz!

—Por isso mesmo; porque dura é que não vem longe a guerrra, acreditae.

—Os anjos vos ouçam! disse desconsolado Alvaro Vaz de Almada.

—O condestavel no mosteiro da Batalha, El-Rei com elles e os Infantes atraz!... insistia o outro mancebo, como se falasse comsigo só. Grande novidade se dispõe! E pouco viverá quem a não vir.

Falando assim, e arrebatados de ardor juvenil, os donzeis atravessavam uma paizagem mais formosa e enlevada, que a das visinhanças de Alcobaça, que horas antes obrigara Antão Vasques a soltar a exclamação, por que principia o nosso capitulo.

Mas agora, as galas, com que a natureza os convidava, não lhes mereciam um volver d'olhos!

A ideia corria longe, visitando as gloriosas tradições do passado. Sonhavam acordados com as luctas, que a imaginação lhes pintava com tão expressiva côr, que, se tivessem deante de si os vultos, e nos ouvidos o fragor do combate, não sentiriam mais.

A tarde apagava-se nas primeiras sombras do crepusculo; declinando, o sol recostava-se

em purpureos vapores, que os seus resplendores matizavam de finos e variados cambiantes.

Era tão puro o ar, e o céu estava transparente de modo, que a vista podia alcançar muito ao largo o recórte dentado dos cerros, apercebendo, como pluma ondeante, a rara nebrina, que subia, embalada pela brisa, do tecto rustico dos casaes.

Pelo azul purissimo do firmamento, esvoaçavam, mudaveis e algodoadas, ora brancas de neve, ora tintas de luz, pequenas nuvens que, esfumando-se, e pairando, fugiam d'ahi a nada deante da viração, que, á flôr da terra, e quasi insensivel, bafejava o cahir das flores, e as folhas tenras das plantas.

Em roda, e a distancia, tudo era mudez e solidão.

A vista, dilatando-se, não descobria senão campos esmaltados, tapetes de relvas, e no meio d'elles os claros arruivados das areias, e o rasto negro das charnecas.

Os perfumes agrestes embalsamavam a atmosphera, e uma claridade serena, e dourada, banhava a corôa dos outeiros, e, afrouxando, escurecia, fechando-se nas gargantas dos valles.

Quasi entregues a si, e sahindo do caminho mais trilhado, as mulas, que montavam os donzeis, metteram-se por uma vereda copada de ramos entrelaçados, aonde o dia anoitecia mais cedo ainda.

A' direita ouviam-se os murmurios queixo

sos de uma corrente preguiçosa, ou o fervor da agua nas pedras altas, que a tolhiam.

Os cannaviaes, inclinando-se ao brando sopro, que os meneava, davam aquelle melancholico sussurro que fazem as suas folhas, beijando-se.

Uma cortina de verdura, ás vezes tão espessa, que os olhos não podiam penetral-a, outras tão aberta, que se viam distinctamente todas as voltas do rio, e todos os accidentes das suas margens sinuosas, debruçava-se sobre a espelhada veia, e os ramos, sequiosos, como que se penduravam, para aplacar os ardores da calma.

A vereda subia, mas amena e suave; e sempre debaixo de um toldo virente, circulando por entre mattas e arbustos floridos, ia morrer a uma ponte de taboas e madeiras; ahi, a torrente, formando um cotovello, e arremessando-se mais impetuosa, separava-se com ruido, e, repartida em dois braços, passava regando hortas e pomares.

Antão Vasques foi o primeiro, que despertou do seu embellezado sonho, e que manifestou o deleite, que lhe causava o encanto do sitio, da hora e da estação. Alvaro Vaz deu-lhe razão.

Entravam n'uma campina lisa.

Na orla d'ella, além das bellas e musgosas arvores, que a cerravam, e adeante de um grupo de graciosos outeiros, uns alcatifados de hervas rentes, outros cobertos de giestas em flôr, divisavam-se confusas, e só avivadas no

alto de luz desmaiada, as grimpas e torres do mosteiro da Batalha — cujas pedras, ainda não tinha queimado, como hoje, o halito dos seculos, dando os tons mais severos da edade grave dos monumentos á recente alvura, em que o cinzel do esculptor abrira os mil devaneios do imaginador.

Estava ainda por concluir em bastantes paginas o livro de pedra, cujas sublimes e duraveis allegorias, repetem os cantos inspirados da grande epopeia da redempção nacional.

O rio, que Alvaro Vaz e o seu companheiro tinham atravessado mais de uma vez, e que parecia seguil-os, a gemer por entre as folhas, era o Lena; o valle, que iam cortando, pertencia á famosa quinta de Egas Coelho, e fazia parte das terras de Sancta Maria da Victoria.

Instantes depois, ambos pararam á portaria, e, perguntando por El-Rei, ouviram da bocca de um leigo em resposta, que sua real senhoria ainda não se recolhêra, mas que pouco tardaria.

— Podeis esperar, e descansareis. São mais horas de resar e dormir, do que de fazer jornada. Apeae-vos!

E, aconselhando-lhes isto, o bom do leigo, quasi trôpego de velhice, erguia-se a custo do seu poial de pedra, e dava para elles duas, ou tres passadas, com a mais festiva hospitalidade estampada no rosto.

Quando os mancebos agradeciam as palavras, e o ar de riso, com que eram accolhidos,

repicaram os sinos do convento a saudação do Anjo, e o leigo e os donzeis, descobrindo-se, segundo o pio costume da epocha, elevaram ao throno do Altissimo as curtas e fervorosas orações, com que então se encerravam as fadigas do dia. Nas assomadas, que circumdam a planicie, aonde se levanta o edificio, os ultimos reflexos da luz poente esmoreciam vagarosamente; e pelas sendas, torcidas como fitas, das encostas para o valle, desciam os rebanhos do mosteiro, com os cães a correr deante, e os guardas em passo lento atraz.

No campo contiguo, alastradas, mas sem regularidade, alvejavam as casarias construidas para os mestres e artifices.

Aqui, e acolá, apenas cobertos de madeiras, e rotos por todos os lados, viam-se os telheiros, e, dentro d'elles, as pedras que o escopro começára a desbastar, os fustes canellados, e as laçarias e capiteis gothicos, que só careciam dos apuros derradeiros do cinzel.

O terreiro achava-se juncado de toros de cantaria, lavrada, polida, e prompta para assentar.

Nas casas principiavam a brilhar e a sumir-se algumas luzes. Debaixo dos telheiros expirára com a tarde o som dos maços, o ranger do ferro lascando a pedra, e o borburinho continuo de muitas vozes.

Como vulto gigante, a egreja recortava-se na escuridão ainda clara, desenhando já confusas as suas esbeltas formas.

O portal, onde as columnas, os lavores e

variedade de feitios e de figuras compunham uma iliada religiosa, grande pela idéa, e pela allegoria, desde o primeiro marmore até ao remate, subindo a grande altura sobre a maior abobada, deixava adivinhar ainda a magestosa harmonia do seu debuxo, e o primor das esculpturas.

As sombras, que a essa hora se condensavam a mais e mais, quasi que escondiam, no meio do frontispicio, todos os arrendados subtis do espelho, que pareciam obrados á ponta da agulha, ou embutidos na madeira.

As vidraças de finas côres, com pinturas de brazões, e divisas do reino, de empresas e tenções de El-Rei ainda não tinham sido postas.

Crescendo dos terraços e alteando-se pyramidaes, todos rasgados em roda de sacadas com parapeitos em roda, e coroados de metas como flores de liz, os corucheus, terminados em pontas, já apagavam nas trevas os seus relevos crespos e caprichosos.

D. João I, a pedido do seu confessor Fr. Lourenço Lampreia, fizera doação do mosteiro e do templo á ordem de S. Domingos em 1388 e a fabrica, ajudada pelo zelo e ardor de uma verdadeira população de canteiros, esculptores, imaginadores, e entalhadores, tinha-se adeantado em vinte sete annos a ponto, que tal como o primeiro architecto, mestre Affonso Domingues, o traçára, e o piedoso enthusiasmo do fundador o concebêra, o monumento existia já com a egreja — admiravel livro

de pedra escripto por uma raça heroica e crente — com o primeiro claustro acabado na sua magestosa simplicidade, com a famosa abobada da casa do capitulo suspensa, e com a capella real quasi concluida.

As outras partes da obra não corriam com menos diligencia; mas a vontade e a mão liberal do monarcha não podiam abbreviar o tempo.

Em muitos logares notavam-se de menos os maineis das frestas; em outros a columna de pé esperava pelo capitel, ou a arcada fresca de hontem, aguardava os ultimos ornamentos.

As varandas do claustro estavam por lagear; um dos arcos lateraes das casas, e a torre do relogio, nem rompiam dos alicerces! Entretamto, mesmo cegos pela meia escuridade do anoitecer, os olhos ainda achavam com que se enlevar, e os donzeis, apesar de afeitos a esta vista, por largo tempo os conservaram pregados n'ella.

A elevação, e a sublimidade de pensamento, que o tinham inspirado, retratava-se no grandioso aspecto do edificio.

Contemplando-se aquellas proporções tão formosas, pela casta elegancia da sua disposição, pela miudeza e finura dos enfeites, ninguem diria que os seculos e os abalos de terra passando por ellas debalde, as haviam de respeitar.

A austera severidade, que tudo alli respira, a unidade de concepção, que liga as partes ao todo, sem se desmentir nunca nem mesmo na

infinita variedade da execução, e a profunda sensação que nos causa, e que é devida só á magestade simples do typo religioso e crente da sua belleza, prendendo os sentidos, e arrebatando o espirito, gravam na alma dos que absortos consideram a maravilha da arte — chamada Santa Maria da Batalha, esse indizivel sentimento, que a admiração, o assombro, e o respeito, só incutem uma vez deante do que é verdadeiramente nobre, e verdadeiramente sublime.

Ainda os mancebos olhavam, e, distrahidos de tudo, parecia que as faculdades todas se lhe embebiam n'aquella gloriosa memoria, legada ao futuro por uma epocha de grandes homens e de grandes coisas, quando Alvaro Vaz sentiu cahir-lhe sobre o hombro, e mais pezada talvez do que desejára, a mão de um estranho, que, ao mesmo tempo, dizia rindo:

— Por Deus e S. Jorge, donzeis! Quereis medrar pelos olhos, ou largaes espada e adaga pelo escopro e o cinzel! Ha uma hora contada, que devieis ter chegado, e ainda venho achar-vos aqui pasmados para essas figuras e cabeças, que imaginou o mestre mui sabedor Affonso Domingues, e seus discipulos lavram tão bem que parecem vivas?

Apenas ouviram as primeiras palavras, Alvaro Vaz e Antão Vasques voltaram-se sobresaltados, exclamando ambos ao mesmo tempo:

— Sua mercê!

— Lançando o falcão ás aves anda-se depres-

sa, agora vejo! disse o mancebo que primeiro falára, tocando no hombro de Alvaro Vaz. Vamos! accrescentou. Aonde está sua real senhoria?... E o condestavel?

—E o prior?

—E o mano Duarte?

Estas duas perguntas ultimas foram feitas pelo capitão do mar e pelo jogral de El-Rei, o sabio Hanequin. Repimpado em mula transparente e sisuda, o folião perdêra o susto, e chegando bons cinco minutos depois dos outros ainda se admirava da velocidade do seu Babieca.

Antão Vasques encarregou-se de responder a Affonso Furtado, em quanto o seu companheiro, de barrete na mão, informava o Infante D. Pedro,—porque era o Infante—que El-Rei D. João não voltára do monte, e que o condestavel tinha partido com elle.

O principe sorriu-se, escutando-o; e virando-se para o capitão de mar, disse-lhe em tom jovial.

—Vereis que meu pae não torna sem matar algum veado, ou algum javardo!... Apanhou-se com os lebréus do condestavel! Queira Deus que o desenfado o não faça esquecer de nós.

—Sua senhoria, mesmo com os cabellos russos, ha-de ser sempre o mesmo de Aviz! Deixae-o correr monte, que não falta! A' hora, que houver dito, estará comnosco. Todas as suas coisas são repoisadas e serenas. Nunca vi somno tão comprido e socegado, como o que elle dormiu vespera de Aljubarrota. E

mais!... nenhum de nós sabia se aquella noite seria a ultima!... O que me admira é o prior! Partiu adeante de mim!!...

—E chegou primeiro! atalhou de repente uma voz forte e agradavel. Tomei para exemplo o mestre de Aviz, meu senhor. Nunca durmo sobre as promessas!...

—E sobre as de Castella, tio? vociferou Hanequin, farfalhando os cascaveis da sua touca.

O golpe fôra cruel, e Alvaro Gonsalves Camello não era homem que o não sentisse, e que, sentindo-o, perdoasse.

Mesmo na escuridão, Alvaro Vaz viu brilhar uma faisca nos seus olhos, e as dobras do manto da ordem militar do Crato, ondeando, indicaram no primeiro repente, que o braço quizera alçar-se, e vingar a affronta.

Não foi preciso, porém.

O Infante, mais ao alcance do truão, com a haste da lança curta applicou-lhe logo tão concisa e persuasiva correcção, que o illustre maninello, receiando embolsar o capital depois dos juros, tractou de metter terra entre os seus gracejos e as pessoas a quem tinha a honra de mortificar com elles.

Seguiu-se curta pausa.

Dos interlocutores presentes, nenhum sabia por onde principiasse, depois da malaventurada interrupção do bobo.

O prior, levado pela ambição, e queixoso do aggravo da sua prisão, não duvidára effectivamente vender a espada ao rei de Castella,

e como contrario dos seus naturaes, atravessára a fronteira, e patenteára o caminho do reino ao condestavel de Castella.

Politico e clemente, D. João I, terminada a guerra, extendeu a mão ao cavalleiro perjuro, e fez d'elle, de um dos principaes fidalgos do reino, o vassallo mais fiel e dedicado.

A menor allusão ás suas antigas culpas feria o orgulho de Alvaro Camello, e desagradava a El-Rei e aos Infantes, que apreciavam, como o monarcha, a prudencia e acerto, que encerrava a velhice robusta do prior, e o muito que valia por seus grandes espiritos e singular merecimento.

Hanequin, leviano truão, ignorava tudo isto; e ainda mais se arrependeria, se adivinhasse que, n'aquella hora, o capitão do mar e o prior eram os dois homens do seu reino, depois dos Infantes e do condestavel, que El-Rei via com melhores olhos.

O castigo prompto serviu para lhe lembrar a circumspecção, e aninhando-se em um dos vãos do edificio, e esfregando as costas molestadas, o digno jogral teve tempo de sobra para fazer em paz o seu exame de consciencia, e para se entregar ás suas reflexões, que n'aquelle instante, de certo, nada tinham de risonhas.

Mas o prior era tão bom cortezão, como sagaz conselheiro, e experimentado militar.

Foi elle de todos o primeiro que se restabeleceu do abalo subito, motivado pela irreverente e chula invectiva do bobo. Decorridos

alguns momentos, ninguem seria capaz de descobrir no seu rosto, alegre e tranquillo, nem um apagado rasto da immensa ira, que lhe suffocára o peito.

Affonso Furtado devia aprender alli!

Atando o fio quebrado da conversação, como se nada a houvesse interrompido, Alvaro Gonsalves Camello virou-se rindo para o capitão do mar, e disse-lhe em ar jovial e festivo:

— Nas galés sois vós um homem! Nem vento, nem tempestades vos turvam; mas em terra, sobre um cavallo como o meu, tende paciencia, mas não vos dou licença, que chegueis primeiro. Cá vos esperava! E mais cedo ainda podia ser, se o recato com que fiz o caminho...

Aqui os seus olhos encontraram os donzeis, e, reprimindo-se, ajuntou como para arredondar a phrase, e cortar o primeiro sentido:

— Por causa dos calores me não obrigasse a andar mais de noite, que de dia. O que não contava era achar ainda o senhor Infante!...

Ao principe não tinha escapado, nem a repentina suspensão do prior, nem o inconveniente da presença dos mancebos, que a vista penetrante de Alvaro Gonsalves lhe apontára na sua rapida interrogação muda.

Voltando-se para Alvaro Vaz, o Infante, como se alli mesmo se recordasse, disse-lhes no seu tom natural, com que lhes falára antes:

—Ide-me já, alli, ao mosteiro, e pedi-me tochas. Não tarda El-Rei, e não quero que sua

senhoria venha achar-nos no meio d'estas trevas.

Depois, respondendo ao prior, em quanto os dois se afastavam, D. Pedro accrescentou:

— E por vós só é que vim! Andando ás aves, Affonso Furtado veiu encontrar-me, e taes coisas me disse de si, do prior do Crato, e do mau serviço que n'esta embaixada me fizestes, que não tive animo de ir dormir esta noite a Alcobaça. E' um peccado que D. João de Ornellas, se fosse meu confessor, não absolveria com pequena penitencia. Que novas trazeis? O que vistes por lá em vossas viagens?

— Fiz juramento de o não dizer senão a El-Rei, e aos senhores Infantes na sua camara; redarguiu Alvaro Gonsalves. Não será grande a demora até então.

—Mas!.. observou o principe meio descontente.

— Mas...—proseguiu o prior sorrindo-se— não quebrarei a minha fé, se disser a vossa mercê, que pela noiva, que perdeu em Sicilia, lhe offerece a fortuna, rica, bella, e segura, outra mais para desejar em Africa. E' Ceuta! São as minhas noticias.

— E por ellas vos devo grandes alviçaras!.. Do mar já eu sabia por Affonso Furtado. Sois homem para tudo, D. Alvaro Gonsalves!

— Até para vender a Deus, como vendeu El-Rei e o reino!—rosnou do seu canto mestre Hanequin, tendo o cuidado, comtudo, de

medir a voz, para que não chegasse aos ouvidos de nenhum dos tres.

— El-Rei tarda! disse o capitão do mar, e d'aqui a Alcobaça, aonde tenho poisada para esta noite, é um boccado de caminho!

N'este meio tempo voltavam com as tochas os donzeis, e o Infante; para lhes arredar o animo de qualquer suspeita, disse alto para o prior:

— Muito me contaes, sr. Alvaro Gonsalves, d'essas terras por onde andastes! Fazeis-me ter desejos de correr um dia as partidas do mundo!.. Alvaro Vaz de Almada!—ajunctou chamando o mancebo—Quereis ser dos meus, se eu fôr, e acompanhar-me aos logares sanctos?

— Por onde andardes, senhor, andarei eu, e aonde ficardes hei-de eu ficar. Na vida e na morte contae commigo sempre!

O principe sorriu-se. Mal sabia elle, que a promessa do novel, alli em Aljubarrota, sacramentada depois sobre a hostia em Alfarrobeira, a havia tão lealmente de cumprir o conde de Avranches, que os dois nomes, unidos pelo sacrificio, nunca mais poderiam separar-se na historia!

— Bem! Tenho já donzel certo para as minhas empresas. E vós, Antão Vasques?

— Só desejo que Deus me dê occasião de estar ao lado de vossa mercê em dia parecido ao de Aljubarrota!

— E' um denodado voto... Saís a vosso pae, mancebo, e não o haveis de envergonhar.

Ora pois, alegrar! Se Christo nos soccorrer, ambos tereis o que pedis, e nós todos muita gloria. Affonso Furtado, dizei-me: o que vistes de mais gosto entre os estranhos?...

Antes de responder, o capitão do mar, assaltado assim de subito, empinou o rosto, passeou os dedos pela emmaranhada barba, e com os olhos nas estrellas, que principiavam a luzir, redarguiu:

— Conforme!... Vi... sim... vi!... Em Italia homens sem barba cantando em voz de meninos!

O Infante e o prior salgaram de uma risada immensa, que teve ecco no covil, aonde se escondia Hanequin, a innocente admiração do velho guerreiro. E este, desopprimido do grande peso da pergunta do principe, longe de a levar a mal, acompanhou-os de boa vontade.

D. Pedro, porém, não estava ainda resolvido a deixal-o livre por tão pouco. Continuando, disse-lhe:

— Agora contae-me! O que vos causou em toda a jornada maior enfado?

Sua mercê esperava outra simplicidade, mas illudiu-se. N'este capitulo Affonso Furtado sabia a licção de cór; por isso replicou sem titubear:

— Foi ver em Ceuta captivos um velho cavalleiro da minha creação, e sua filha tão formosa, que os anjos não podem sel-o mais, e não lhes poder valer!

—Nem offerecendo resgate? accudiu o principe.

— São escravos de Salat Ben Salat, alcaide da cidade, e pelos lindos olhos da dama morre de amores o filho do mouro!

— S. Jorge nos ouça! Mas ella?...

— Está disposta a padecer tudo pela fé! E' o que enfurece o infiel.

— Fazeis-me curiosidade! E o cavalleiro chama-se?

— Lopo da Cunha. Sua filha, que esteve para entrar no paço cuvilheira, é D. Leonor da Cunha.

Um suspiro tão fundo e dorido, que se cortava o coração ouvindo-o, escapou dos labios de Antão Vasques, apenas os dois nomes foram proferidos.

Alvaro Vaz, sabendo todos os segredos do seu amigo, conhecia a dama dos seus pensamentos, como se dizia então, ou antes o amor ardente e leal, em que tão nobre peito sabia arder, Alvaro Vaz sentiu que se lhe comprimia o coração, vendo a pallidez mortal de Antão Vasques, o tremor dos labios, e a mão a abrir-se, cortada pela magua, e a deixar fugir a tocha.

Os outros não repararam n'aquella agonia muda.

A esse tempo uma cavalgada vinha descendo pela encosta de um outeiro, pouco distante, e o toque das cornetas de caça, e os latidos dos cães diziam que era D. João I, que se recolhia.

— E' El-rei, meu senhor! gritou o Infante, e

volta vencedor. Não ouvis a alegria dos seus coiteiros? Vamos encontral-o.

Apenas elles se afastaram, Alvaro Vaz, encostando as tochas, e batendo no hombro do companheiro, que a dôr parecia tornar insensivel e adormecido, exclamou magoado:

— Antão Vasques, meu amigo! Maior do que todos nós é Deus. Ponde n'elle a esperança, e coração forte! D'aqui onde Leonor está não é longe. Atravessaremos o mar, e ou havemos de tornar os tres, ou ficaremos os dois. Quereis?

— Obrigado, Alvaro Vaz! replicou o outro mancebo, erguendo o rosto banhado em lagrimas. Nunca me hão-de esquecer essas boas palavras. Ficam em divida. Mas não acceito... De hoje em deante a vida não é minha. Acabo de a prometter em juramento...

— A Deus? accudiu Alvaro Vaz.

— Não. Á redempção dos captivos. Sómente, acrescentou o donzel com um sorriso livido, pagarei em ferro, e não em ouro.

— Antão Vasques, agora tambem eu vos digo, não sei o que me fala o coração, mas estamos em vesperas de um grande feito. Esperae por elle.

—De hoje em deante não tenho que esperar, senão pela morte. O mais para mim é fumo, e como fumo passou. Se queria gloria e nome era para ella só.

N'este momento soavam já proximas as vozes dos cavalleiros do acompanhamento de El-Rei.

Vendo-o acercar, Hanequin desenroscou-se do seu ninho, e correu para lhe sair ao estribo.

Quando passava pelos dois mancebos, cuja conversação escutára escondido, o bobo disse em ar de festa:

— Primo Antão Vasques, por amor das minhas orelhas não digas nada!... Sabes aonde El-Rei vae, mais os Infantes, e o prior?... E' a Ceuta! E' a Ceuta!

CAPITULO II

Nem preto, nem branco

> O' que caça tão real,
> Que se caça em Portugal!
>
> DIOGO VELHO—*Cancion. de Rezende.*

> Partiu com a graça, de que, triumphando,
> No arbor da cruz alcançou victoria,
> Per mando do rei, que vae imperando,
> Por gram vencimento de eterna memoria,
>
> LUIZ HENRIQUEZ.—*Cancion. de Rezende.*

—Por S. Jorge, o guapo cavalleiro! Não vos recebo por má nova essa resposta, sr. prior! Louvado Deus, havemos de achar em casa, com que nos remediemos. Para um dos filhos de D. João I cingir uma corôa sobre a sua capellina de aço não será preciso irmos até á Sicilia... Andam por lá grossos e cavados os mares.

—E a rainha Branca é formosa, como se diz? Perguntou um mancebo, assentado junto do que falava, e ao qual a pergunta fôra dirigida.

—Mais ainda que o seu retrato. E' um

assombro! Respondeu Alvaro Gonsalves Camello.

—E de grandes espiritos, vê-se! Querer só um rei, ou herdeiro de rei!

—Ah, moço Infante, moço Infante! — exclamou o cavalleiro, que primeiro ouvimos. Em os cabellos se vos fazendo russos, como estes, prometto-vos menos curiosidade... Quereis quebrar uma lança pela gentileza da rainha de Sicilia?... Falae a Affonso Furtado, que tendes homem!

E dizendo isto ria-se dos olhos redondos e pasmados, que abrira o capitão do mar, vendo-se designado para mantenedor de damas.

—Se outra empresa, mais alta, porque é de Deus, me não levasse todos os pensamentos, accudiu o Infante D. Pedro, que era o mancebo, com quem se travára o dialogo, asseguro-vos, senhor, que bem empregadas seriam, não uma, mas dez lanças, em justa leal, sendo vossa senhoria, ou o condestavel, juiz da liça!

—E não vos quero mal, por isso, Infante meu filho! Pena é que vos não ouça Mem Rodrigues de Vasconcellos, o da ala dos Namorados!

—Elle, ou outro!... Não lhe voltaria o rosto, protesto, pelo bemaventurado apostolo do meu nome.

—Não! Não! Louvores á Virgem! Mas, sabeis, filho? Guardae-vos da rainha Genebra, sempre vos digo! Ponde os olhos em Dom Lançarote do Lago e aprendei.

E fechando com estas allusões das cavalla-

rias do rei Arthur, então muito em voga, a rapida conversação, que mettêra de permeio, o mestre d'Aviz, que o leitor de certo conheceu logo, afagava a barba, em ar de regozijo, e por baixo das palpebras sorria-se para o prior do Hospital, e para Affonso Furtado, que, descobertos, e de pé aos lados do comprido e estreito espaldar da sua poltrona, acabavam de dar conta, perante o conselho, do effeito da embaixada com que El-Rei, sem muito segredo, os enviára á Sicilia, propondo á rainha D. Branca por esposo, em vez de D. Duarte, seu successor, que ella desejava, o Infante D. Pedro, seu filho segundo.

Como era de suppôr, a princeza escusou-se do consorcio, e as galés de Portugal, armadas de ricos toldos quarteados de côres, e em som de festa, como tinham partido, tornaram a entrar no Tejo, alegrando com as salvas das trombetas e as musicas dos instrumentos guerreiros as praias, apinhadas de curiosos.

O povo, no meio do qual rompêra a noticia, imaginava, que D. João I a receberia com prazer, e que os enviados não ficariam no agrado e privança de sua real senhoria, coisa que os burguezes cubiçavam tanto, ou mais, do que ver uma procissão bem enfeitada de andores e danças, ou o castigo de açoites, vibrados ao meio dia, na picota, sobre o corpulento e espadaudo costado de um rico e usurario flamengo.

Entretanto, segundo escutámos, é claro que o mestre contava com aquella repulsa,

como habil politico, que soube disfarçar o dissabor.

Longe de se mostrar severo com os dois fidalgos, tudo inculcava no semblante do vencedor de Aljubarrota, que ainda os via com melhores olhos, se é possivel, e que lhes tomára a viagem frustrada em conta de serviço.

Defronte de El-Rei estava um bofete de carvalho, gigantesco nas proporções, e todo lavrado de relevos antigos.

Dos pés do movel, torneados em columnas enroscadas, de um trabalho raro, nascia uma especie de escabello, que, embebido pelos topos, offerecia incommodo assento ás pessoas, que assistiam a esta conferencia, em nada similhante a uma sessão desembargatoria.

O conselho compunha-se, n'este dia, dos Infantes D. Duarte e D. Pedro, do conde de Barcellos, do prior do Hospital e do seu rude collega Affonso Furtado, do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, de Gonsalo Lourenço de Gomide, escrivão da puridade, e de alguns outros personagens, todos confidentes experimentados, e homens de grande prestimo pelo valor, ou pela capacidade.

O logar da scena era uma das quadras, que serviam de aposentos reaes no mosteiro da Batalha.

Das paredes, forradas de coiros, e tauxeadas em volta dos alisares com pregos de cabeça reluzente e larga, rompiam quatro braços de ferro, para os pagens de noite segura-

rem as tochas, que haviam de illuminar a camara.

Fronteiro á cabeceira do bofete ficava um balcão de pedra, e a janella de arco ponteagudo, meio cerrada, deixava entrar uma goltada de sol, que, em resteas de luz dourada, brincava pelo pavimento, reflectindo as vivas côres e os vultos devotos, pintados nas vidraças.

Do tecto, de castanho apainelado em almofadas rendilhadas, pendia uma cadêa, e suspensa n'ella baloiçava-se uma lampada, ao menor tremor da casa.

Em roda os ornamentos eram modestos e singelos. Limitavam-se a algumas cadeiras de linhas angulosas e aprumadas, e a duas ou tres arcas enfileiradas.

Em outra janella, dividida perpendicularmente por um gracioso pilarte, e recortada de finas laçarias, franzindo no meio a cortina de tela transparente, divisava-se um vulto, meio sumido no fundo, e que, estranho inteiramente a quanto passava em roda, debruçava a cabeça, a cada instante, recostando-se sobre o cotovello, e como espreitando ancioso alguma novidade fóra.

De vez em quando os olhos de El-Rei seguiam a mesma direcção, e, com signaes de impaciencia, volviam-se logo depois para um relogio de parede, invenção que se começára a generalizar havia pouco.

O aspecto do monarcha, embora as palavras joviaes tentassem desmentil-o, denunci-

ava inquietação. O continuo arquear do sobrolho, uma como nuvem rapida, que lhe descia da fronte sobre a vista, e a ruga quasi imperceptivel, que de momentos em momentos lhe contrahia os beiços nos cantos, assaz o revelavam.

Depois, a mão fechada sobre um rolo de pergaminho, e batendo frequente e distrahida, dava mostras evidentes, de que não estava alli todo o espirito, e que o tempo, correndo, era a principal causa da sua preoccupação.

Um bello açor-prima, ornado de cascaveis de prata, e de caparação verde, poisava-lhe no hombro direito com a familiaridade de um valido; e um alão real, de raça ingleza, alvo de neve, e de esbeltas e delgadas formas, resonava aos seus pés, aproveitando o calor do sol, que lhe frechava a orelha longa e derrubada, e o focinho comprido e fino.

Em cima de um escanho baixo, encruzado á turca, e arredondando a corcova, que lhe empolava o dorso, o nosso antigo amigo Hanequin arregalava os olhos com a beatitude estupida, ou velhaca, seria difficil discernir, de uma figura china de porcelana; e entretinha os seus ocios chocarreiros em addicionar mais duas cristas, de velludo escarlate, ás tres, que lhe assarapantavam já o gôrro.

El-Rei, ou o mestre, como por lapso, ou antes por ingenuidade de affecto lhe chamavam ainda os seus populares, El-Rei ergueu-se da cadeira, e apontou ao balcão, resguardando a vista com a palma.

O amor, com que o povo sempre o abençoou em todas as suas empresas, regando-lhe as cinzas de sinceras lagrimas, quando, deante da pedra ainda fresca do seu jazigo da Batalha, repetia—alli jaz D. João de boa memoria!—esse amor desinteressado e verdadeiro rebentou nas espontaneas acclamações, com que o saudaram artifices, villões, e burguezes, apenas o viram assomar á janella.

Mas ainda que viesse da capella dos tumulos, e que não poupasse perguntas e avisos aos imaginadores e esculptores sobre o desenho e a fabrica do monumento, a idéa da morte não era a que mais prendia n'aquella occasião o animo do filho de D. Pedro o Justiceiro.

Outros cuidados o assaltavam; e o observador, que attentamente lhe estudasse a physionomia, acharia, depois de curto exame, que o monarcha, sob o véu de levianos gracejos, occultava de proposito graves pensamentos.

Na epocha, em que entramos, D. João I não era já o rei moço, braceiro, e torneador, ao qual, no viço da sua florescente edade, e galopando por entre a ala dos Namorados e o esquadrão da Madresilva, a voz amiga dos cavalleiros, que iam firmar-lhe a corôa com as lanças, repetia alegre, como se uma batalha ferida fosse um dia de festa louca:—amores! amores!

Tinham passado por elle os annos, e os cabellos pretos e curtos principiavam a salpicar-se de malhas brancas.

A testa pequena, mas nobre, e nada acanha-

da, confessava nas rugas, já visiveis, as inquietações e o longo scismar de uma vida larga.

Eram, porém, só estes os unicos indicios do tempo!

Negros e cheios de brilho, os olhos, que, fitando-se, parecia que iam ler no intimo do coração, e que um repente bastava para tornar fogosos e juvenis, quando a ira, o brio da peleja, ou a idéa de arriscado feito os illuminava, diziam de mais, que a alma, até ao ultimo suspiro, havia de ser n'elle vigorosa e moça sempre.

El-Rei trazia jornea de veludo claro, curta como saio, e enrocada em pregas, sobre uma jaqueta de seda mais escura, bordada com as silvas e amoras da sua empresa. A monteira preta, posta ao lado sobre a mesa, e a corneta de prata, pendente a tiracollo, completando o trajo, manifestavam, que se dispunha para sair á caça, apenas o conselho se encerrasse.

Magro, mas bem proporcionado e airoso, ninguem, vendo-o, lhe julgaria a robustez de forças, que podia desinvolver sem fadiga aquelle corpo, que tão poucas promettia.

Em pé, e agradecendo em gesto lhano e prasenteiro as saudações dos populares, D. João I, a despeito da sua mediana estatura, realçava a magestade real pela nobreza do aspecto; e a lisura rasgada dos modos, sacudidos e um tanto jogueteiros, que herdára de seu pae, não desmentia a boa sombra das suas feições.

Depois de estar olhando um pouco para as

veredas, que desciam das collinas visinhas para o mosteiro, o mestre, demos-lhe ainda o seu primeiro titulo, encolhendo os hombros, recolheu-se com certo enfado; e apertando o braço do Infante D. Pedro, deixou-lhe cair no ouvido estas palavras, que ninguem mais ouviu:

— Por S. Jorge, tarda-me teu irmão! Ruins pagens o servem, que não o acordam a horas. Ha mais de duas, que o esperamos, e que devia ter chegado!

—Alguma novidade o deteve. Bem sabeis senhor; elle não usa ser esquecido, nem remisso.

N'este tempo, o honrado Hanequin, offendido da profunda indifferença, com que o seu real patrono olhára até então para as exquisitas momices e esgares, que desde o almoço não cessára de variar, tinha-se levantado do seu coxim, e com a orelha afiada para não perder palavra, trepou-se ao peitoril de uma fresta, e abraçado ao mainel de lá resmungava, *alta cuspide*, em tom lastimoso as coplas coxas e desazadas de uma trova satyrica, composta durante a noite para pagar em verso, ao prior do Crato, a correcção em prosa, que lhe custára o chasco ás viagens de Castella.

El-rei tinha passado por elle, sem o ver, encaminhando-se para a janella, aonde se conservava ainda o vulto, que já notámos; e o Infante D. Pedro, tomando de parte a Alvaro Gonsalves Camello, insistia nas perguntas da vespera, que o esforçado cavalleiro, religioso e

cortesão, aparava, sorrindo-se, na já sabida desculpa do seu juramento.

Gonsalo Lourenço de Gomide, com a manga direita da garnacha preta, arregaçada no punho, e com a barba quasi fincada nas tiras de pergaminho, que ia enchendo de notas, de espaço em espaço levantava a cabeça de subito, e com os olhos frios e penetrantes corria de relance todos os semblantes; depois, tornava a inclinar-se, e a penna principiava a ranger de novo debaixo dos seus dedos.

O Infante D. Duarte, o conde de Barcellos, e Affonso Furtado, formavam um grupo defronte do balcão de pedra, e é escusado accrescentar, que a simplicidade critica, e o juizo vesgo do robusto capitão do mar, derretiam em risos e chistes amigaveis as impaciencias do conde, e a gravidade precoce do principe.

Dos outros dignitarios, que só aguardavam que El-rei os despedisse, uns recordavam em alta voz os feitos memoraveis da sua mocidade, outros, em allusões discretas e com falas commedidas, arriscavam conjecturas, e mesmo não temia algum embrenhar-se no perigoso labyrintho das prophecias politicas.

De repente, sobre os murmurios de todas estas vozes abafadas, soou, como nota de clarim, o falsete arranhador do jogral de El-Rei:

— Alviçaras, tio João! Alviçaras! Lá vem quem tu esperas! Ahi tens o mano Henrique! Se queres ver um formoso chouto, chega-te, e olha!

Dizendo isto, Hanequin dobava no ar a sua

touca de guizos, em signal de jubilo, e arremedava com mestria o hymno bellicoso do marido da gallinha, e os rufos ufanos e impertinentes do perú.

Todos se voltaram.

Effectivamente era o Infante, que se approximava; e minutos depois, ainda coberto de pó, e com as vivas côres da jornada, dobrava o joelho, beijando a mão a seu pae.

D. João I recebeu-o serio; mas a vista carinhosa desmentia a expressão da face, e o tom secco das palavras, que lhe disse.

D. Henrique era o filho mimoso de D. João I que interiormente via n'elle o continuador dos seus commetimentos arrojados, e admirava no seu caracter aventuroso o mesmo ardor de feitos illustres, que, nos dias de juventude e de illusões, tantas vezes tinham desvairado os altos pensamentos do mestre de Aviz, quando, mancebo ainda, e ferido pela quebra de illegitimidade, voltára as esperanças todas para a gloria, que a lança lhe poderia conquistar, pelejando ao lado dos cavalleiros de França, ou dos asperos lidadores de Inglaterra.

Entretanto, fiel ao costume de guardar comsigo o segredo da sua preferencia, El-Rei deixou levantar o Infante, e em quanto elle enxugava o rosto do suor, disse-lhe meio grave meio risonho:

— As vossas madrugadas nascem com sol alto, filho! Haverá mouras, ou thesouros encantados em Alcobaça? Vistes o veado de D.

Fuas Roupinho, no caminho, salvo sejaes de tentação?

— A caça, que levantei é caça real, senhor! Demorei-me a ouvir as queixas dos villões dos coutos de Sancta Maria!

— Ah!... exclamou El-Rei, cruzando os braços, e olhando suspenso para seu filho.

— Logo vos direi tudo, senhor; agora bastevos saber, que, poisando na Batalha o Rei de Portugal, ha quem chore e brade por justiça, mas em vão!

— Sancta Maria da Oliveira! E quem pode mais aqui do que o mestre... do que D. João I?

— Apartemo-nos, senhor. E coisa de recato.

— Sr. conde de Ourem, podeis seguir-nos! disse o monarcha, recolhendo-se com seus filhos e com o condestavel ao vão profundo, que abria o arco ponteagudo da janells. Os curiosos, e eram todos os presentes, apontaram logo a vista para o logar, aonde os Infantes e Nuno Alvares falavam retirados, e cada um tractou de ler na physionomia de El-Rei a novidade, que a revelação de D. Henrique viera explicar.

Decorrido breve espaço, D. João I elevou a voz, e como para pôr termo á conferencia, exclamou:

— Ah, o abutre poisa-se no altar, e de lá empolga-me a presa?... O pastor tosquia-me as ovelhas, e deixa-m'as nuas, e a escorrer em sangue?... Por alma de meu pae! Eu o farei arrepender! Fechei os olhos a muitas

culpas, mas seria peccado não os abrir hoje. Que dizeis, sr. conde de Ourem?

Os olhos do condestavel, de ordinario vivos e severos, lançavam chammas. Parecia que as pupillas chispavam lume.

Os labios tremiam; e as sobrancelhas, carregando-se e fazendo sombra sobre as palpebras, ainda augmentavam mais a expressão terrivel do semblante.

A mão, contrahida, encaracolava entre os dedos a barba ruiva, aparada em ponta, e os que de perto conheciam a Nuno Alvares, não ignoravam, que este gesto n'elle significava o esforço de uma vontade forte para conter o impeto das paixões.

Dir-se-hia até que a ira comprimida lhe accrescentava a estatura!

O famoso condestavel, como seu amo o mestre de Aviz, era de estatura ordinaria; mas o peso do braço egualava nos recontros a altura dos espiritos. Contemplando-o, como então estava, com o rosto comprido, affogueado, e as feições convulsas, julgar-se-hia a aguia real, pairando de cima sobre a presa, para n'uma volta baixar sobre ella, rapida e fulminante como o raio.

Quando D. João I lhe fez a pergunta, que referimos, o condestavel procurou chamar aos labios um sorriso, e dar á voz a serenidade, que faltava ao seu animo perturbado.

Mas o sorriso banhado em fel transtornou-se-lhe em uma contracção nervosa, e a fala

presa e suffocada atraiçoou a tempestade, que o revolvia.

Não foi sem violencia, que redarguiu:

—Depôr os soberbos, e exaltar os humildes é um dos louvores de Deus, senhor; e na terra o rei é como Deus, consola os que choram, e castiga os que erram!

Nunca talvez em toda a sua vida o conde de Ourem subira a esta eloquencia, que sem offensa do heroe da independencia, fôra bebida, em boa parte, nas devotas homilias do seu capellão; mas a indignação, o poeta o disse, forja o verso, e aonde ella clama, agitada e commovida, tudo aquece, e se torna incisivo e elevado.

O condestavel nunca passára por um dos maiores admiradores do orgulhoso donatario, que assim convertia em vara de tormentos o baculo pastoral; mas a noticia, de que, entre as victimas mais perseguidas, se encontrava um dos seus, um valente escudeiro, que elle vira obrar proezas em uma das alas, na batalha de Aljubarrota, acabou de declarar em odio e sêde de vingança a inimizade latente.

A injuria era publica; e o despreso do seu nome não podia ser mais claro!

Prendendo nas cisternas do seu castello, e deshonrando com o azorrague dos serviçaes do mosteiro um soldado brioso da sua casa, que lhe devia a creação, só porque defendêra a pobreza do seu pae com palavras de humildade, o abbade de Alcobaça acabava de lhe arremessar a luva ao rosto; e o conde de Ou-

rem, afeito a ir buscar a sua por entre selvas de lanças, não era homem, que deixasse impune tamanha affronta.

Rude, e indomavel, como os barões da sua epocha, durante os annos attribulados da guerra, os populares em mais de uma occasião tiveram motivos para se aggravar da aspereza do seu tracto e até do rigor com que despojára alguns para accudir aos apuros da lucta.

Mas os annos tinham-lhe amaciado o animo; e fiel ás affeições arreigadas no meio dos perigos, tocar em um dos seus, era o mesmo que feril-o na face a elle.

Por isso os seus olhos relampejavam, e a mão convulsa se fechava, como se tivesse deante o inimigo, e se o golpe fosse a descer!

Depois de curta pausa, correndo a vista pelo rosto dos Infantes, e de El-Rei, que mudos observavam a sua colera, tambem silenciosa, o condestavel accrescentou:

— Se vossa real senhoria não precisa de mim aqui, quero-me ir até Alcobaça. Desejo experimentar no abutre o meu açor novo, e nas portas d'esse castello tão forte para os fracos a tempera da minha acha d'armas. Ainda não ha-de estar embotada.

— Quem ha-de ir a Alcobaça, senhor conde de Ourem não é o condestavel, é o Rei de Portugal! atalhou o mestre de Aviz, cujas pupillas faiscaram, e cujos labios, apertados, apenas descerravam as palavras por entre os dentes.—A quem esse frade soberbo esbofeteia as faces é a D. João I. El-Rei D. Pedro casti-

gou por suas mãos um bispo mau, e o sr. Papa não o excommungou. Um abbade não é tanto como um bispo... e eu não sou menos rei, do que meu pae!

Ninguem respirava!

A luz fulva, que despediam os olhos do monarcha, a pallidez repentina do seu rosto, e o tremor da voz cava e incisiva, eram indicios, mais do que sufficientes, para quem o conhecia, e nenhum, nem mesmo os Infantes, ousaria, n'aquelle momento, affrontar-se com a colera do leão.

Nuno Alvares, satisfeito, inclinou a cabeça, certo de que, a contar d'este instante, El-Rei tomára a si a vindicta de todos.

Os principes, silenciosos, apartaram-se, com plena segurança, de que seria feita brevemente completa justiça.

E os cortezãos, que tinham escutado as ultimas phrases proferidas pelo condestavel e pelo mestre, procuravam encobrir a agudeza do seu ouvido, com a mascara da indifferença.

Dois homens sómente, apezar de affeitos a vencer-se, não poderam occultar, no primeiro impeto, a expressão dos seus intimos sentimentos.

Inimigos ambos do abbade, o coração pulou-lhes de jubilo, vendo-o perdido e condemnado.

A cara livida e escaveirada de Gonsalo Lourenço de Gomide illuminou-se de um sorriso, similhante ao clarão mortiço de tocha funebre, batendo na face de um cadaver.

O semblante do prior do Hospital, tão risonho de ordinario, ainda se tornou mais aprazivel, dizendo: — «Não invejo esta noite a ceia de sua reverencia!»

Se não fossem os reflexos metallicos, que se cruzavam nas pupillas, e que faziam lembrar a ferocidade fagueira do tigre, cuja vista brinca de longe com a victima, dir-se-hia que o virtuoso Alvaro Gonsalves Camello, obediente ao preceito do Evangelho, extendia a outra face á pesada mão do orgulhoso donatario, que de todos os do concelho fôra o unico empenhado em desviar El-Rei do perdão, que lhe concedêra.

O incidente, que descrevemos, correu em menos de metade do tempo, que nos levou a desenhal-o; e os actores d'esta rapida e agitada scena, tornando a avisinhar-se do balcão de pedra, e do bofete, ainda revelavam nas feições perturbadas parte da ira, que ella lhes excitava.

Os Infantes D. Pedro e D. Henrique, desviando-se, foram continuar longe dos olhos de seu pae a mesma conversação; o conde de Ourem, que o principe D. Duarte parecia consultar, sorria-se á flôr dos labios, mas ainda conservava na fronte, que a mão comprimia a miudo com disfarce, uma nuvem sombria; finalmente, o mestre de Aviz, depois de medir por duas vezes, em passos precipitados, todo o comprimento da camara, teve poder em si para asserenar quasi subitamente, e restituir á physionomia transtornada o ar jovial

e os modos benevolentes, que lhe eram habituaes.

—Vamos, senhores! Quem nos visse cuidaria que acabou de passar por nós um morto, e que o susto nos entalou a voz!.. D. Henrique, meu filho, tendes um grande peccado, que levar aos pés do confessor.

—Poderei saber qual, se não o extranhaes, meu senhor e pae?

—Podeis, podeis, mancebo! Que formoso veado, por vossa causa, salta ainda a esta hora pelas mattas de Leiria!

—Mano João, gritou Hanequin interpondo-se, quantas vezes hei-de eu dizer-te que vaes perdido nas tuas caçadas?... Se tu não consultas pessoas de sizo, e inchado com o teu livro das montarias não sonhas senão com elle!?

—Ah! Ah! Senhor chocarreiro! E então o que me aconselha o vosso grande sizo, em caso de tanto aperto?

—Que principies por acabar com os ratos que se engordam nas tulhas do teu celleiro, e com os gatos, que furtam mais do que elles Ajuda a minha ignorancia.

—Vamos, sabedor jogral! E aonde estão elles?

—Alli! e aqui!—bradou o bobo, indicando Gonsalo Lourenço de Gomide, que se fez fulo, e o prior do hospital, que alegrou duas, ou tres vezes mais ainda o seu aspecto prasenteiro.—Aquelle é o rato preto; e este é o gato branco; ambos caçam de meias, e por tua conta! Quem paga é a tua dispensa!...

Eu bem sei quem é
Tira li ló lé!

—Folião maldito! rosnou o jurisperito apunhalando a pessoa rolha e garrafal de mocem Hanequin com a vista odienta.

—Jogral, olha as varas! gritou o mestre franzindo o sobrolho.

—Mais outra á conta! murmurou o prior, acariciando o histrião com um olhar quasi mavioso á força de terno.

—Mandae atrelar os cães!—disse El-Rei a um pagem, que accudira ao seu chamado, e procurando por esta maneira desviar a attenção. Veremos, sr. conde de Ourem, se os vossos alões são para o que dizeis!... Estes montes não se parecem com os campos do Alemtejo.

—Não hão-de ficar mal, prometto eu observou o Infante D. Henrique.

—Até ver, até ver, Infante! Vós os moços n'estes coisas, e em todas, pondes os velhos a um canto; mas hei-de mostrar-vos que viver é aprender. Na vossa edade não me trocava por nenhum dos monteiros mestres de El-Rei, meu irmão, que sancta gloria haja!... E mais sabeis como elle era primoroso e sabedor de caça!

—Quereis ser dos nossos, e desenfadar-vos, senhores? accrescentou D. João I, calçando a luva e afivelando o cinto, como quem ia a partir.

Era um modo cortez de despedir, e escu-

sando-se com grandes reverencias, foram saindo uns apoz outros todos os fidalgos, menos o condestavel, o prior, e Affonso Furtado, que responderam por uma inclinação de cabeça affirmativa ao convite de El-Rei.

Hanequin, não dava signal de se dispôr a despejar o aposento; mas o mestre fez-lhe com a mão um aceno imperioso, e o digno folião, roçando-se pela parede, tractou de mudar de poiso, achando turvos e grossos os ares, que alli corriam.

Entretanto, já entre portas, não pôde resistir á tentação, e desbarretando-se, no meio da chocalhada infernal de todos os seus guizos, exclamou para o prior do Hospital:

—Compadre, dizei ao mano João, se quer açores finos, que vá a Ceuta! Oh que bella caça real para um rei de Portugal!

E sem esperar a recompensa, o folião desatou em uma corrida louca pelo extenso corredor, até desemboccar no patim de uma escada ingreme, que desceu aos saltos.

Ninguem moveu um passo para o seguir. Olhavam-se confusos e pasmados.

O plano, calado entre poucos com tanto recato, estava roto, e na lingua voluvel e chocalheira de um jogral, não tardaria a soar pelas ruas e praças!

D. João I não podia conceber, porque artes Hanequim penetrára os mais reservados pensamentos; e os Infantes, egualmente, recordavam sem a encontrar, a imprudencia que entregára tão grave segredo a um histrião.

O prior do Crato foi o primeiro, que falou, e escutando-o, quem não supporia, que se inclinava extremosamente ao bobo?

—*Ex ore parvulorum!* exclamou elle. Na bocca dos innocentes a verdade! Quem nos diria que a viveza de Hanequin havia de colher no ar o que todos ignoravam! Queira Deus que fique n'elle!

—Segredo em bocca de bobo é o mesmo que neve ao calor!—atalhou o condestavel. Mau foi o truão furar tão fundo!

—E que remedio agora, sr. conde de Ourem? respondeu Alvaro Gonçalves: havemos de cortar a lingua ao jogral?

—Dae-m'o até ao embarque, senhores, e juro-vos que não falará! accudiu Affonso Furtado. Aonde eu o hei-de metter não vê sol, nem lua... Até espero que lhe esfrie a cabeça por uma vez.

D. João I passeiava, entretanto, perplexo e inquieto.

A segurança de uma grande empresa, no caso de a tentar, dependia de não se romper a noticia, senão quasi á hora de desembainhar a espada; e de resto, entre os curiosos paroleiros, de quem tanto importava resguardar o caso, o jogral era o mais fatal.

Mas o coração generoso do mestre repellia com horror os meios crueis, e as prevenções violentas.

As reflexões macias e quasi amorosas do prior do Crato, subentendendo a necessidade de emmudecer mocem Hanequin, pareciam

dictadas pela prudencia, chave do bom conselho; e o commentario rustico e positivo do capitão do mar servia de complemento a esta necessidade rigorosa.

Como havia El-Rei de conciliar a sorte de um feito illustre com a voz da affeição e da piedade, que interiormente advogavam perante a sua alma o perdão do bobo?

Eis o que perturbava o animo do vencedor de Aljubarrota, carregando sobre as suas nobres feições um véu de tristeza.

O dialogo continuava, entretanto; e Nuno Alvares Pereira, depois de reflectir, perguntou a Affonso Furtado aonde contava arrefecer o histrião, e prender-lhe a lingua? O cavalleiro com a sua usual rudeza, admirado da interrogação, e de que um simples folião merecesse tantos cuidados, redarguiu:

— È boa! Na cisterna do castello de Almourol. No meio do rio, e com agua até aos peitos, se o maldito escapa duas semanas, é mais forte do que um javardo!

Esta brutalidade fez estacar de repente o monarcha. Gelando com a sua vista de aguia, accesa e irada, as doutas observações, com que o capitão do mar se dispunha a fundamentar o voto, D. João I encarou-o, e alongando o braço lentamente, disse-lhe:

— Não lhe toqueis nem um só cabello da cabeça, Affonso Furtado, ou haveis de arrepender-vos! Hanequin fica a meu cuidado!... Agora, sr. prior dizei-nos o que vistes. Ceuta, a descrida, será nossa? E', como nos affir-

mam, a perola de Africa?... Affonso Furtado? As galés e caravellas acharão fundo?...

Em quanto ajuntava umas ás outras estas rapidas perguntas, D. João I tinha o sorriso na bocca, e os cuidados de principe nos olhos e na fronte.

Tornando a sentar-se na sua cadeira, e recostando-se no alto e esguio espaldar, inquiria os dois mensageiros, mais ainda com a vista penetrante, do que com as palavras.

Os Infantes, e o conde de Barcellos a um aceno de seu pae tomaram logar perto da cabeceira do bofete, e o conde de Ourem, de pé, como o prior, e o capitão do mar, reprimia a sua impaciencia, apalpando no punho os lavores do seu estoque, e encaracolando a barba pelas pontas entre os dedos.

Houve então uma curta pausa.

Affonso Furtado calava-se, esperando, que Alvaro Gonsalves falasse; e este, reflectido e sereno, não rompia tambem o silencio, aguardando que El-Rei désse ás suas precipitadas interrogações mais ordem e mais socego.

Nos outros cavalleiros era tamanha a attenção, que nem se atreviam a respirar, temendo perder a mais pequena circumstancia da noticia.

—Vamos, senhores, estamos sós! Podeis falar. Levantae as vistas ao bacinete, e rosto liso! Aqui me tendes para ouvir a verdadeira embaixada... Affonso Furtado, o que me dizeis do que fostes ver?

Assim chamado á autoria, em primeiro lo-

gar, o velho capitão tropeçou no exordio, que viera tecendo pela jornada, e caindo n'elle, perdeu o fio do discurso, e ficou de palmas abertas, e olhos espantados, deante do mestre de Aviz, que se o conhecesse menos, julgaria que o honrado pelejador havia esquecido a sua missão, não se lembrando de a cumprir senão alli, e no aperto d'aquella hora!

Mas o que tinha fugido simplesmente a Affonso Furtado era a memoria, coisa n'elle bastante frequente. Em quanto corria para ver se a alcançava, procurando a malaventurada phrase, que o atraiçoára, D. João I voltou-se, com ar prasenteiro para o prior do Hospital e disse:

— Com este hei-de ser mais feliz! Senhor Alvaro Gonsalves Camello, que novas me daes de Ceuta, do sitio em que está, e dos muros, torres, e barbacans, que a defendem?

Os olhos inclinaram-se logo para o experimentado cavalleiro, cujo semblante festivo, mesmo antes de responder, já dava esperanças de victoria.

Não foi, por tanto, sem grande assombro de todos, que o prior, adoçando ainda mais o sorriso, e amaciando a voz, redarguiu a El-Rei:

— Senhor, se quereis saber o que vi, e achei em Ceuta, haveis de conceder-me as quatro coisas, que pedir!

—Dizei-as! accudiu seccamente o mestre de Aviz, cavando a ruga frontal, e franzindo o sobrolho, como se a sombra de uma suspeita lhe passasse pela mente.

— Não ha-de empobrecer as arcas do vosso thesouro! replicou Alvaro Gonsalves com certa malicia, porque não lhe escapára nem o tom, nem a alteração da phisionomia no monarcha. O que preciso para dar o meu recado não é muito. Alguns punhados de areia, um novello de fita, uma medida de favas, e uma escudella, creio eu, não hão-de engordar o gato, que se faz parceiro dos ratos das vossas tulhas... segundo disse aquelle folgasão de Hanequin, homem de segredo, e de chistosa idéa!

Descrever o effeito que taes palavras produziram em quantos as ouviram, não seria facil coisa.

El-Rei, que tinha ambas as mãos firmadas nas cabeças dos dragões, que rematavam os braços da sua poltrona, achou-se de pé sem o sentir, e instantaneamente.

Os Infantes imitaram-o, olhando uns para os outros no maior enleio; e o conde de Ourem, absorto, adeantou-se coisa de dois passos, indagando com a vista anciosa se as feições serenas e reflexivas do prior davam indicios da loucura, que as suas palavras pareciam inculcar.

— Sancta Maria da Oliveira! exclamou El-Rei meio irado, meio inquieto, o que significa isto? Pergunto-vos por uma nobre e sancta empresa, e daes-me em troca os remoques do meu jogral, e uma adivinhação de escudella e fitas?... Tornariamos nós os velhos ao nosso tempo de creanças?

— Senhor, retrucou o prior sem se alterar, e com a maior placidez, já contava com esse desagrado, e não me offendo. Velho serei... mas sandeu ainda não, louvado Deus. Nunca me atrevi a joguetear com vossa real senhoria, e agora menos. O que disse, repito. Sem as coisas, que apontei, não posso dar-vos o meu recado.

D. João I, cada vez mais confuso perante a gravidade do prior, e cada vez mais perplexo com a sua estranha pertinacia, correu a vista pelo parecer de todos, e lendo o mesmo espanto, cruzou em passos lentos toda a casa, como para tomar tempo de reflectir, ou antes de conter a colera.

O condestavel, que se tinha conservado silencioso, e em ar de meditação profunda quando El-Rei, na volta, tocou por elle, ergueu de repente o rosto, e deixou-lhe cair no ouvido estas palavras:

— Façamos o que elle pede, senhor. Aqui anda mysterio.

Foi como um raio do sol, atravessando por nevoeiro denso.

O semblante do mestre desannuviou-se, e a severidade dos olhos e dos labios fundiu-se n'uma risada alta, e sincera, pelo menos na apparencia.

Approximando-se do prior, e batendo-lhe no hombro com soltura jovial, o monarcha observou-lhe cravando na d'elle a sua vista escrutadora.

— Adivinhae lá, D. Alvaro Gonsalves, o que Nuno Alvares acaba de me dizer?

— Sem ser adivinho, apostaria em como sei replicou tranquillamente o prior.

— E o que perdeis se não fôr o que apostaes?

— O primeiro bote de lança nos mouros de Ceuta, que já d'aqui requeiro!

— Ah! murmurou D. João I, trocando com o condestavel um lance d'olhos, que significava: não vos enganaes, aqui anda mysterio!

— O que sua mercê o conde de Ourem disse, é o que eu pedi. E sabeis porque falo tão certo, como se o escutasse? E' porque leio nos olhos do condestavel, que adivinhou metade do meu segredo, disse o prior com a sua usual tranquillidade.

— Seja! exclamou o mestre, que, em coisas de guerra, não levava a bem, que outro, mesmo o conde, fosse mais prompto e entendido do que elle. Faremos o que desejaes; mas contae que não estamos ainda em Ceuta, e que n'essa areia não lavareis de leve as mãos da embaixada, que vos dei!...

E virando para os Infantes, que em presença do tom picado de seu pae, e do dissabor, que lhe notavam, ainda não haviam proferido palavra, acrescentou:

— Vêde, que bem concertadas respostas para tal feito! Um, perguntado, abre as mãos, que nem que lhe fugisse d'ellas o açor, e põe os olhos no tecto, como se lá estivessem as praias e os rochedos de Africa. O outro, estou-

o inquirindo sobre as coisas, que tanto me importam, e fala-me em feitiços, ou em aprestos para elles! Quem havia de cuidar, que homens d'estes annos, e de tanta auctoridade, seriam capazes de responder assim ao meu recado?

E virando-se para Affonso Furtado, que baixára a cabeça, como réu convicto, escutando a reprehensão do principe, disse-lhe em ar de zombaria:

— Não deixeis mal o prior. Ouvistes por lá alguma prophecia, que nos conteis? Só nos falta isso para o auto sair em tudo gracioso!

A' palavra prophecia, o capitão do mar, se soubesse grego, teria exclamado '*eureka*'!

O exordio, que havia boa meia hora buscava em vão, assentava de feito n'uma prophecia, e El-Rei, sem o prever, acabava de restituir áquella alma inquieta o fio para se desembaraçar do labyrintho.

Alçando a fronte, e extendendo o braço, Affonso Furtado saudou o monarcha, e tão desassombrado como o prior do Crato, que as agudezas e as queixas do mestre achavam insensivel, começou a sua resposta, depois de prover largamente os pulmões comprimidos, aspirando com estrondo uma forte golfada de ar:

— Vossa senhoria o disse! gritou elle. Ceuta será nossa. Está escripto nas estrellas do céu, e repetiu-m'o no chafariz da Almedina um mouro, chorando pelas barbas abaixo! Que mais precisaes? Quando Deus é o piloto,

não ha recifes, pedras, nem ventos! O mar obedece, e os muros...

— Assopram-se, e caem! atalhou rindo El-Rei, que esta rude eloquencia commovêra pouco.

— E não seriam os primeiros! observou o prior. Vossa real senhoria ha-de lembrar-se, que em Jerichó ao som das trombetas se fez o milagre!.. Descrida e pagã é Ceuta aos olhos de Deus, e não vale mais.

O condestavel inclinou devotamente a cabeça, e D. João I imitou-o, ajuntando, todavia, como correctivo, que se Jerichó valia Ceuta, elle estava muito longe de valer Gedeão, abençoado pelo Senhor.

— Sois grande sabedor, D. Alvaro Gonsalves, mas se não me trazeis melhores noticias do que Affonso Furtado, receio muito que meus filhos se armem cavalleiros na Sé de Lisboa, depois de vistosa justa!

— Deus tal não permitta, senhor! exclamaram os principes.

— Dae ao prior o que elle pede, e veremos! accudiu o Infante D. Pedro.

— Darei! Darei! Mas se anda n'isto mysterio, como quer o condestavel, espero que não serão nenhuns feitiços... De mais, affronta fôra crêl-o de tão religioso cavalleiro!

E, saindo, foi elle proprio mandar trazer o que Alvaro Gonsalves tinha requerido.

Apenas El-Rei se apartou, Alvaro Gonsalves, pegando na mão do condestavel, e sorrindo-se, perguntou-lhe:

— Dir-me-heis, senhor conde de Ourem, que astrologo vos ensinou a adivinhar os segredos alheios? Porque julgastes, que havia mysterio na minha resposta?

— Porque, vendo-vos, com todo o vosso juizo, falar assim a El-Rei, recordei-me de uma historia dos romanos antigos, que uma noite nos contou o meu capellão em Arrayolos.

— Ah! E julgaes?

— Que aquelle imperador D. Tarquinio, que andava no seu jardim degolando as papoulas podia muito bem ser o mestre do prior do Hospital.

— Adivinhastes, senhor condestavel. E' tambem em figura que eu quero mostrar Ceuta a sua senhoria.

Ao mesmo tempo o Infante D. Henrique, tomando pelo braço a Affonso Furtado, dizia-lhe:

—Que prophecia era aquella do mouro, em que tocastes a El-Rei meu pae?

— Sancto nome de Deus! exclamou o capitão do mar, benzendo-se contricto, e abrindo excessivamente os olhos. E' um caso, que se outro m'o contasse, pregava-lhe no rosto com um: mentis pela gorja! que o ensurdecia. Antes de lá ir agora, já eu sabia, que Ceuta havia de ser de El-Rei!

— Como dizeis? insistiu o Infante D. Pedro, avisinhando-se mais.

Então Affonso Furtado referiu-lhes a historia da sua prophecia, com todas as miude-

zas, em que era fertil a sua rhetorica militar, não se esquecendo de apimentar os pontos mais notaveis com os esconjuros, e devotas exclamações, que o assumpto suscitava.

Sendo creança, o capitão do mar tinha acompanhado seu pae a Africa, aonde o enviára El-Rei D. Pedro; e desembarcando ambos em Ceuta, e discorrendo pela cidade, fôram parar a um chafariz, aonde bebiam alguns cavallos, e sem pestanejar, procuravam ler-lhe na vista, ainda antes das mãos o realizarem, qual seria a significação d'aquelle enigma.

Deteve-os a gentileza dos animaes, e demorando-se elle um pouco mais a admiral-os, um mouro velho, que alli chegava, perguntou-lhe de que nação era, e sabendo ser portuguez, quiz que lhe dissesse o nome de El-Rei.

Ouvindo que se chamava D. Pedro, interrogou-o ácerca dos filhos, que tinha, e repetindo-lhes que não passavam de tres, D. Fernando, D. Diniz, e D. João, tornou a inquirir se não haveria outro. Depois de muito scismar, Affonso Furtado, que, segundo observámos, não realçava pela agudeza da memoria, occorreu-lhe citar a D. João, mestre de Aviz, que por ser filho natural não tinha apontado ainda.

Ouvindo este nome, o velho suspirou, e emmudeceu de tristeza; e instando-o para que lhe explicasse esta mudança repentina, a principio não respondeu, senão desatando em pranto.

Por fim, vencido das perguntas do mancebo disse-lhe em portuguez, que falava correntemente: «A minha dôr é pelo futuro, e não pelo presente. Esse D. João, que dissestes, será acclamado rei, e depois de grandes guerras e victorias contra o senhor de Castella, feita a paz, ha-de passar o mar com uma formosa armada, conquistar Ceuta em um só dia, e os seus cavallos virão beber a este mesmo chafariz!

«Assim que, proseguiu o honrado cavalleiro, vendo eu cumpridas até aqui todas as prophecias do mouro, e coisas tão longe da idéa de todos, vêde, se não terei razão para crer, que não nos faltará mais esta. Tão salva seja a minha alma, como eu espero em Deus ver Ceuta em um só dia, e ouvir missa na sua mesquita no seguinte.

—Vêdes, mancebos, como são os velhos do meu tempo? Não é cedo ainda para nos pôrdes ao canto, como ruins, que prestam para pouco! Se formos, por lá, vereis o que se fez em Aljubarrota e Valverde!

Dirigindo esta phrase laudativa ao seu fiel companheiro de perigos e victorias, o condestavel, D. João I acenou ao prior, que podia começar, e com a attenção de um general, e a curiosidade de um guerreiro moço, principiou a seguir todos os movimentos de Alvaro Gonsalves, primeiro encrespando a testa, e encolhendo os hombros, como desconfiado ainda, e depois, expressando sem rebuço na physionomia a admiração e o prazer, á medida que

a demonstração visivel lhe falava aos sentidos e á intelligencia.

O condestavel parecia a estatua do silencio, e só nos olhos retratava todas as impaciencias da sua indole ardente, e do seu espirito consummado nas artes da guerra.

Quanto aos Infantes, postos em circulo em volta do prior, e sem pestanejar, procuravam ler-lhe na vista, ainda antes das mãos o realizarem, qual seria a significação d'aquelle enigma.

—Por S. Jorge, boa palavra dissestes, senhor Affonso Furtado! bradou o condestavel. Se eu não cresse em prophecias, acaso teria ido aonde fui, e a Aljubarrota, depois do que ouvi ao alfageme de Santarem?

—A escudella, e o mais está disposto no aposento visinho disse da porta da camara a voz cheia e vibrante de D. João I —Quererá agora D. Alvaro Gonsalves dar-nos o seu recado?

O prior sorriu-se, inclinou a cabeça, e sem proferir palavra, seguiu os Infantes e o condestavel.

Apenas entraram, e antes de se approximar da mesa, o cavalleiro do Hospital virou-se para D. João I e disse-lhe:

—Se as novas, que trago de Ceuta, e que vou dar-vos, forem alegres como creio, fé e palavra de rei, prometteis-me, senhor, que será meu o primeiro bote de lança contra os infieis?

O mestre de Aviz, assentou-lhe a mão no hombro, respondendo em tom jovial:

— A bilha de leite ainda vae á cabeça, senhor prior: vêde não m'a quebreis, pedindo fóra de logar.

— Vossa real senhoria o dirá! Mas por este premio, que requeiro, juro-vos que não trocava o maior, que me quizesseis dar.

—Ah, D. Alvaro Gonsalves, bem sei eu que ha ahi mais de tres cavalleiros moços, que vos invejarão o feito. Seja! Tereis o primeiro passo, e o primeiro bote de lança em Ceuta... ainda que eu vá adeante, ou o condestavel.

E voltando-se para os Infantes accrescentou no mesmo tom prasenteiro:

O unico, indifferente e senhor de si, era Affonso Furtado. Esse reputava inutil o estudo e a prudencia. Tinha a segurança do exito na prophecia do mouro, e estava certo da queda da cidade, quer a accommettessem dez, quer cinco, quer mesmo um só dos esforçados cavalleiros de El-Rei!

Entretanto Alvaro Gonsalves tinha formado de areia o monte, em que Ceuta se levanta, cingindo-o em vez de muralhas com a fita, e e assignalando as torres, casas, e ruas com as favas, de modo que aquella imagem rude, mas verdadeira, mostrava a todos a fiel representação da praça.

Quando terminou, e voltado para El-Rei, parecia esperar que o interrogasse; o animo real e o grande coração do mestre de Aviz não poderam conter-se, e lançando-lhe os braços ao pescoço com viva effusão, exclamou:

— E' maravilhoso! Sois muito sabedor, se-

nhor Alvaro Gonsalves!... Fui injusto, duvidando; D. João I devia lembrar-se de que um recado confiado ao prior do Crato ficava tão seguro e bem entregue, como a elle proprio em pessoa!... Sr. conde de Ourem, vós é que não vos enganastes!

Estavam saldadas as contas. As palavras do mestre de Aviz acabavam de apagar a magoa, que poderiam ter causado os repentes e suspeitas de El-Rei!

Alvaro Gonsalves, beijando-lhe a mão, esqueceu n'ella uma das raras lagrimas, que havia chorado em sua vida, e quando abriu a bocca para agradecer, a voz, tremula de satisfação intima, balbuciou momentos, antes de poder soar clara,

— Ceuta será de Portugal, e não ha no mundo quem a mereça como vós! A perola do Mahgreb, o paraizo das formosas, segundo os descridos a appellidam no seu orgulho, só a mão victoriosa de D. João I podia conquistala. As proezas da Tavola Redonda não sairão fabulosas d'esta vez, diz-m'o o jubilo da minha alma!... Nunca senti o que agora sinto senão em vesperas de grandes feitos!

— Ah, D. prior, D. prior! O rei bem velho o tendes já para aventuras e dos bons cavalleiros da Tavola Redonda uns são mortos, e outros...

— Choram a falta de um rei Arthur, flor de liz, e senhor d'elles, que os saiba conhecer! atalhou o condestavel, carregando o rosto, e dando á voz o tom rude e imperioso, que an-

nos atraz faziam Nuno Alvares Pereira tão desagradavel pela aspereza do seu voto no conselho, como pelo arrebatamento das palavras fóra d'elle.

— Os cavalleiros da Tavola Redonda, proseguiu elle, não farão mingua em Ceuta, em quanto estiver aqui Alvaro Gonsalves, que é tão bom como D. Galaz, e Affonso Furtado que não cede nem a D. Tristão; e eis-me a mim tambem e não sou soberbo, que não valho menos que D. Lançarote... [1] Assim não corteis em nossas famas, e na de vossos infantes noveis, porque tal vejo eu agora aqui, vestido de seda, e fino de corpo, que lá, com braçaes e cotta, não voltará o rosto nem a mil d'aquelles cães!

O mestre de Aviz percebeu que agastára o condestavel, e querendo asserenal-o, sem descer todavia a desculpar-se, replicou sorrindo:

— Não tirei da conta o rei Arthur, conde de Ourem, por que velho e cansado o fiz; mas assim mesmo, não é esquecido. Vamos, sr. prior! Explicae-nos o vosso desenho; e vós, filhos, aprendei de Nuno Alvares e Alvaro Gonsalves a fazer primorosas todas as vossas coisas. Com homens assim tem razão o prior, as proezas da Tavola Redonda nunca se hão-

[1] Esta resposta não foi dada por Nuno Alvares, mas por Mem Rodrigues de Vasconcellos, durante o cerco de Coria. No resto, salvas as alterações obrigadas, seguiu se a narração de Gomes Eannes de Azurara na III parte da Chronica de D. João I. Palavra e feitos— achar-se-ha alli o essencial do que se lê n'este capitulo.

de chamar fabulas! E vós, Affonso Furtado, não nos direis senão mofinas prophecias? Tem agua o porto de Ceuta para nadarem as galés? Vêde bem, capitão do mar! Seria grande affronta da cruz de Christo, que os infieis do alto das ameias apupassem uma armada de Portugal!... Marcastes os escolhos?

Quem reparasse no rosto do honrado cavalleiro, só a custo suspenderia o riso.

Ouvindo as perguntas do mestre de Aviz, as faces rugosas abrazaram-se-lhe, e os olhos, dubios entre o receio e o pesar, exprimiram uma especie de queixa silenciosa.

O condestavel compadeceu-se do seu enleio, e attribuindo-o a menos cuidado no desempenho do encargo, quiz metter a mão no dialogo, poupando ao seu companheiro d'armas alguma censura mais severa.

Para attrahir a attenção de El-Rei, Nuno Alvares Pereira exclamou:

— Tomára-me eu sempre com as prophecias de Affonso Furtado! Se em Aljubarrota o coração nos não dissesse que haviamos de vencer, qual de nós, vendo aquelle immenso poder, não julgaria proxima a ultima hora?

— Falaes pelo vosso alfageme, sr. conde de Ourem? De mim afirmo, que o melhor astrologo foi o segredo. Se metade dos que pelejaram, como leões, soubesse a hoste que iam ter nos braços, juro-vos, que bem poucos aguardariam alli a morte!

— Quem sabe, senhor? Em Valverde rodeavam a signa do mestre de Santiago muitos

mais, e nenhum dos meus voltou as costas! São lances.

A recordação das passadas proezas, para o mestre de Aviz, era a mais deleitosa practica, que podiam offerecer-lhe; mas a idéa de Ceuta, não menos gloriosa como feito, despertou-se com a memoria das suas cavallarias na guerra de Castella, e o capitão do mar, que, cheio de regosijo, escutava os dois guerreiros, viu-se novamente entalado entre as interrogações de El-Rei.

Apezar da sua fervorosa crença nos vaticinios do velho da Almedina, Affonso Furtado, como homem de consciencia, tinha executado as ordens do monarcha; e aproveitando a escuridão da noite, dentro do seu esquife, ou escaler, sondára o fundo da bahia de Ceuta, e á força de zelo e de obstinação havia gravado na lembrança todos os accidentes d'aquellas paragens.

Confiando-lhe as galés e caravellas de Portugal, D. João I podia ficar seguro, de que não as veria esmigalhar contra as praias, tentando em vão o commettimento da bella cidade, que o ciume do Islam encerrava em um cinto de grossas e torreadas muralhas, como sultana captiva nas delicias do harem.

Não menos perito nas artes da guerra maritima, do que Alvaro Gonsalves Camello nas pelejas e assaltos de terra, o que prendia a voz na garganta ao cavalleiro velho fôra o receio de soltar perante o soberano e os Infantes algumas d'aquellas phrases suas, e só

suas, que nas horas de ocio, e com grande mortificação do orador, serviam de saboroso pasto ás risadas dos principes, e por elles baixavam á mordacidade inexoravel dos pagens.

Em uma palavra a molestia de que adoecia o capitão do mar era falsa vergonha. Não sabia distinguir, que nas coisas do seu officio longe de excitar o riso, merecia conceito e credito!

Mas os olhos de El-Rei, accesos em curiosidade, viravam-se para elle, e por mais tempo não podia excusar a resposta. Se fosse Alexandre de certo cortaria o nó gordio com os gumes da espada; não o sendo, preferiu calar-se.

Cruzando, pois, os braços, e armando-se de uma ousadia tal, que elle mesmo se espantava, saiu do apuro, como os diplomatas costumam evadir-se a eguaes apertos.

— Senhor, accudiu convulso e rouco, o que vi não é segredo meu, mas vosso. Depois de me ouvirdes, á puridade, falarei deante de todos, se quizerdes. Até lá, mais facil será matarem-me do que dizer eu uma palavra!

— Seja; mas com uma condição, ou penitencia! observou o mestre de Aviz. No fim do vosso recado hei-de saber por miudo toda a prophecia do mouro, com quem falastes em Ceuta!

Os principes não levaram a mal a escrupulosa abstenção de Affonso Furtado; mas quem pode agradar a todos?

O condestavel, esse encolhia os hombros, e

sorria-se. Para elle o subito recato do capitão do mar tornava-se mais do que suspeito.

Da sua parte, El-Rei com a mais viva esperança nos olhos, e uma alegria juvenil no rosto, assentava-se para ouvir o prior, cujas palavras iam decidir do exito da empresa.

CAPITULO III

Armas e amores:

En Granada está el-rey moro
Que no osa salir della:
De las torres del Allambra
Mirando estaba la rega;
Miraba los sus moriscos
Como corrian la tierra.

Timoneda—ROSA DE AMORES.

Bem te conheço, ventura,
Que me quizeste mostrar,
O prazer quão pouco dura,
Quando o queres desviar!

Diogo de Mello—CANCION. DE REZENDE.

—Grande empresa figuraes, senhores! exclamou o mestre de Aviz, erguendo-se com o gesto e o rosto illuminados de nobre ardor. Se D. João I, accrescentou, ainda contasse os vinte e sete annos, que tinha em Aljubarrota, ouvindo-vos agora, sabeis o que faria? Amanhã vestia a cotta, afivelava a capellina, e com a bandeira da serpe em uma das mãos, e Jesus na bocca, ia ganhar fama sem macula, ou morrer com a gloria do martyrio, rompendo esse robusto cinto de muralhas, d'onde a infiel, reclinada e segura, desafia as iras da christandade! Mas!...

Aqui desceu uma nuvem de repente sobre

a fronte do monarcha, e os cuidados do principe cortaram a voz ao cavalleiro.

Os infantes, já de pé tambem, com as faces accesas nas abrazadas côres do enthusiasmo, parecia que nem pestanejavam, tão fitos e anciosos cravavam os olhos em seu pae.

O condestavel, sereno, mas com as pregas da fronte mais fundas, e a vista distrahida atraz do pensamento, que n'aquelle instante lhe voava longe com a alma, recolhia-se comsigo, e na ousadia galharda do seu espirito, medindo os perigos futuros pelos passados, abria com jubilo o coração á risonha esperança de reverdecer as cans no meio do fragor das armas, entre acclamações e triumphos.

A presença dos dois embaixadores destacava de todas pela tranquillidade.

Em Affonso Furtado o semblante exprimia a rude confiança, estribada na crença, que nada teme, nada prevê, e nada calcula.

No prior do Hospital, o aspecto guerreiro e veneravel, os cabellos e a longa barba, caindo em fios de prata sobre a gola bordada, revelavam a certeza do exito, filha do valor indomito, e da reflexão sisuda, que o mesmo impossivel não soçobra, porque sem o despresar, conta com os poderes da intelligencia e da vontade, para lhe dizer, como Vasco da Gama aos mares tenebrosos, e Annibal aos penhascos intransitaveis dos Alpes:—«Abrir-vos-heis deante de mim; chegou a vossa hora; Deus o quer!»

Franzindo o pesado reposteiro, que vedava

a entrada, quem, penetrando, podesse ler n'aquelle momento o segredo, que assim fazia estremecer tantos peitos generosos, sairia convencido de que a occasião é tudo, quasi, nas acções humanas, ainda nas maiores; e que, uma palavra, ou um lance inopinado, bastam ás vezes para decidir da sorte dos grandes homens, e dos poderosos imperios.

Um só de menos, na sala do conselho da Batalha, e Salat Ben Salat não veria talvez a sua velhice affrontada, fechando tranquillamente os olhos no soberbo castello, d'onde contemplava as ondas, que se debruçavam como captivas, para banhar os pés á sua formosa cidade.

Uma voz de prudencia, que falasse, e no impeto do primeiro e cego arrojo, Portugal, abraçando-se além do estreito com a orgulhosa Amazona do Mahgreb, apercebida para a lucta, talvez desfallecesse no encontro, como seculo e meio depois se prostrou com o seu rei nos areaes de Alcacer!

A hora dos revezes não tinha soado ainda; Deus mandou os dias de esplendor adeante dos dias de lagrimas e de lucto!

Ceuta estava fadada para se dar começo n'ella aos bellos rasgos da mais pura e justa das nossas cruzadas; e rodeado de seus heroicos filhos, flor e esperança da corôa popular, cingida pela victoria, D. João I era o rei apontado pela Providencia para levantar nas praias d'Africa a luva, que Tarik arremessára contra as Hespanhas, quando ousou estam-

par o sello da servidão na formosura profanada das suas opulentas cidades.

Do alto dos montes africanos, subjugados, é que o Infante D. Henrique alongou depois a vista e a idéa pelas aguas tempestuosas e nunca navegadas; e foi alli, de certo, que a visão gloriosa do futuro imperio, promettido a seus netos pela constancia do descobridor, lhe appareceu no silencio profundo das horas de acceso imaginar.

O sangue espargido em Ceuta era a semente; o oriente devassado serviu de premio.

Depois, abertos os caminhos, e consummados os designios do Céu, anoiteceu para nós, e os annos de declinação precipitaram-se rapidos e successivos.

Quando o reino, com os prantos ainda por enxugar, viu alçar nas torres e galeões do Tejo os leões de Castella, havia muito que em Arzilla se haviam arreado as quinas levantadas por Affonso V!

A agonia principiou alli; Filippe II o que fez só foi tornal-a menos lenta, e mais dolorosa!

Depois do que se leu no capitulo antecedente, excusado é observar que á exclamação que acabamos de ouvir a El-Rei tinha sido arrancada pela pintura, que Alvaro Gonsalves Camello ajuntára á imagem de Ceuta, tão artificiosamente representada.

Sem esconder, nem attenuar as difficuldades; pelo contrario avultando-as como capitão e conselheiro, o prior concluíra, recom-

mendando o feito a D. João I, e assegurando-lhe que a fortuna havia de soccorrer a audacia, sem se esquecer ao mesmo tempo de notar que um reinado confirmado no campo da maior batalha, que pelejára Portugal, não podia encerrar-se melhor, do que por uma proeza temeraria e arriscada no parecer de todos, mas entretanto infallivel e segura, sendo preparada com recato, e executada com vigor e celeridade.

Falar ao mestre de Aviz esta linguagem, era despertar na sua alma, elevada e sempre cubiçosa de gloria, todas as recordações e impulsos da edade florescente.

Mas os trabalhos do governo são a melhor eschola da prudencia, sobre tudo para os que nasceram com as raras qualidades do filho de D. Pedro o Justiceiro; e embora cedesse aos fogosos instinctos da sua indole cavalleirosa, D. João I acalmou-se, apenas a razão lhe disse as primeiras palavras.

Apar da idéa de Ceuta rendida surgiu a lembrança dos sacrificios requeridos para a empresa, e a da incerteza do resultado.

Travando, pois, do braço ao conde de Ourem, e apartando-se, o mestre, antes de proferir a resolução final, quiz certificar-se ácerca do valor das suas duvidas, expondo-as sem rebuço perante o homem, que era depois d'elle, sem contestação, o mais competente para as resolver.

Emquanto os dois falavam, os Infantes, ardendo em impaciencia, apertavam de per-

guntas o prior, e Affonso Furtado, não se cansando de applaudir a famosa liça que a bella cidade offerecia á sua honrosa emulação.

Alvaro Gonsalves merecia o conceito de discreto, e contava com viveza.

O capitão do mar, a despeito da taciturnidade, que proclamára como a ultima prova da sua diplomacia rustica, nas coisas do seu officio sabia ser claro e conciso sem estudo; e ambos tinham examinado a cidade com os olhos diligentes de quem busca na armadura do contrario a malha rota por onde a lança deve romper.

—Senhor, dizia o prior do Crato ao Infante D. Pedro, Ceuta dorme, porque a soberba não imagina que nenhum braço a alcance! Não a acordemos, e vereis que entre o somno e o temor, antes de dar bem por nós, as armas hão-de cair-lhe da mão e ficará rendida. Não sou novo n'estas coisas, nem as converso de leve. Se El-Rei, vosso pae, quizer ouvir-me, ponho a cabeça em como conquistará a melhor joia da sua corôa com menos sangue do que nos custou o cerco de Coria ou a entrada de Galliza.

—Ah, prior, meu amigo, receio bem que vos, enganeis, accudiu por detraz d'elles a voz cheia e sonora de D. João I. No dia em que formos sobre Ceuta, não só ella acorda, mas toda a mourisma de Africa, se não tivermos ainda por cima nos braços os bizarros cavalleiros de Granada. Julgaes, que assim se perde

uma cidade, que é chave de dois mares, e porta franca de Hespanha?

—Se lh'o disserdes, de certo! respondeu Alvaro Gonsalves, simplesmente sorrindo.

O condestavel encarou-o momentos, e, pegando-lhe na mão, e interrompendo o silencio que guardára até alli, perguntou:

—Ensinae então o modo de armas galés e caravellas, e de embarcar bésteiros, escudeiros, e a flôr da cavallaria, sem sermos sentidos?

O prior não se pertrubou. Risonho, alegre, e inalteravel, como sempre, correspondeu ao gesto amigavel, e redarguiu:

—Seria ensinar o mestre. D. Nuno Alvares Pereira não se esqueceu ainda do seu tempo, nem de como o adeantado de entre Tejo e Guadiana costumava bater ás portas de uma cidade descuidada, em'quanto algumas lanças, correndo o campo por outro lado, traziam o Mestre de S. Thiago, e os seus, atraz de si, enganados como crianças!?

—D'esta vez adivinho eu primeiro do que o condestavel! atalhou El-Rei com uma risada. Poremos o ramo em uma porta, e os olhos na outra. Mas ainda assim, aonde hei-de ir junctar navios e cavalleiros para tamanho feito? Quereis que os vá pedir ao mouro do chafariz da Almedina, que Affonso Furtado ateima que ha trinta annos me via já senhor de Ceuta?

—Senhor, aonde Deus está tudo se faz! exclamou o condestavel com ar grave. E certo

foi Deus que inspirou a suas mercês os Infantes a idéa d'esta empresa. Aqui a tendes deante de vós, a cidade que é hoje a esperança e a altivez dos infieis; e diz-me o coração, que tres mezes não serão passados sem que os nossos cavallos bebam na mesma fonte aonde agora bebem os de Salat Ben Salat.

E, dizendo isto, o conde de Ourem apontava para a meza, em cima da qual o prior tinha figurado sobre areia os contornos e muralhas da cidade.

— E em meu logar, rei d'esta nobre terra, passarieis a Africa, vós, D. condestavel, só fiado n'essa esperança, que um rolo de mar mais forte, ou uma onda de mouros mais valente, pode sepultar? instou o mestre de Aviz, que ainda resistia talvez para obrigar assim os conselheiros a pesarem melhor os obstaculos.

— Passaria! replicou Nuno Alvares Pereira, pondo ao mesmo tempo os olhos cheios de viveza e de valor no rosto de D. João I, aonde era facil descobrir o combate dos desejos do guerreiro com a prudencia do monarcha.

Houve uma curta pausa.

Os Infantes, silenciosos, dobravam o joelho deante de seu pae, em quanto o prior do Hospital indicava com o dedo um dos logares da cidade figurada, acrescentando com intima confiança:

— E querendo S. Jorge e a Virgem aqui temos, sem engenhos, nem trons, aberta no muro a porta para a entrada!

D. João I seguiu com a vista o gesto de Al-

varo Gonsalves, e d'ahi correu-a por todo o plano da praça. Depois a ruga frontal cavou-se-lhe mais, as palpebras baixaram-se, e por mais de tres minutos conservou-se como adormecido.

Quando tornou a erguer a cabeça, as pupillas despediam chammas, e o semblante parecia radioso.

Todos soltaram um grito, ou antes uma aspiração de alegria.

O mestre de Aviz acabava de ver em espirito a victoria, e Ceuta estava ganha!

D'aquella hora em deante de todos era elle o mais impaciente.

— Senhor Alvaro Gonsalves, se o condestavel de Portugal affirma que o rei pode passar e ir a Ceuta, D. João I não ficará atraz, nem dirá que não. Mas a cidade nunca será entrada por onde vós marcaes. Nao a vi, mas ou me engana esta figura, ou vos seguro que Ceuta cae n'um dia, senão perdemol-a para sempre. Vêde!

E sentando-se defronte do bofete, principiou a notar os sitios mais defendidos, e os mais accessiveis, como se da pôpa da sua galé, ou còrrendo a cortina dos muros, os estivesse designando.

E' que D. João I, como Cesar e Alexandre, nascêra fadado pela victoria. N'um relance, e por inspiração, adivinhava, em momentos, o que outros, embora consumados e experientes, não podiam alcançar nem depois de largas meditações.

Deixando-o no meio do conselho, que o escuta com mudo assombro, aproveitemos a occasião, e lancemos tambem os olhos para a perola do Islam, que a essa hora descansava bem alheia dos perigos, que a aguardam. Transportemo-nos a Ceuta, e demos uma idéa rapida da sua riqueza e formosura.

Para sabermos quanto ella merecia as lagrimas inconsolaveis, que os seus derramam, será necessario resuscitar do passado a sua imagem, emprestando-lhe as côres da vida.

O que hoje resta d'ella é apenas a sua sombra, ou parece antes o esqueleto da bella cidade que Salat Ben Salat pedia pelo resgate de um Infante, pelo filho do seu conquistador!

Como todas as terras, que deixaram memoria de si na existencia das nações, Ceuta esconde a origem nas trevas dos tempos.

Antiga cabeça da Mauritania Tangitana, levantada na Africa citerior, como vigia e guarda de dois mares, as suas galés, despedidas como frechas, podiam dentro em horas vencer a distancia, que separava os mouros de Granada e de Gibraltar de seus irmãos na crença.

Quem a fundára?

Em que seculo se coroaram de torres os altos, em que jaz assentada, e se fecharam de muros as praias, onde, desdenhosa e gentil, veiu pedir ás aguas que lhe beijassem quasi o cinto, zombando da furia das vagas, quando a tormenta as quebra contra ella?

Eis o que ninguem sabe com certeza.

Os Romanos, chamando-lhe linda, disseram-lhe que tirava o nome dos sete montes, que por similhança appellidavam os sete irmãos.

Os Arabes, mais imaginosos e ardentes na sua admiração, exclamaram, vendo-a: és o paraiso das formosas!

Nada mais. Que lhe amassassem os cimentos os netos de Noé, duzentos e trinta annos depois do diluvio, segundo querem as fabulas orientaes, ou que se ignore a data do seu principio e o nome do primeiro fundador, o que é mais natural, a sua grandeza era invejada pelas suas opulentas rivaes, as filhas do andaluz; e a nobreza, de que sempre se ufanára, nunca lhe fôra disputada.

Romana, goda, e arabe, cada senhor, que a apertou nos braços, brindou-lhe novas joias para unir ás que já tinha; e entretanto nenhuns a presaram mais do que os crentes do Propheta.

Okba, governador de Africa pelo kalifa Yezid, depois de contar os triumphos pelas batalhas, voltando os passos para o occidente fez de Ceuta e de Tanger as duas perolas da sua corôa de conquistas.

Mas dos que a amaram, nem todos foram generosos como elle.

O ciume custou-lhe muitas vezes lagrimas e ruinas.

Abdul-Mumen não lhe perdoou a fidelidade com que hasteou as bandeiras da raça desditosa dos Almoravides; e não contente de a humilhar, despovoou-a; e os infelizes habi-

tantes, com os olhos turvos de pranto, embrenhando-se pelos desvios das serras, gemeram a ultima saudade, descobrindo ao longe, as labaredas enroladas no tecto hospitaleiro, que fôra o abrigo da innocencia de seus filhos e da velhice de seus paes.

A vingança do barbaro inscreveu-se terrivel nos pannos derrocados dos muros, nas torres e ameias derribadas, e nas paredes rotas e denegridas pelo incendio.

Sentada, como a antiga Jerusalem, á beira das suas praias desertas, e sobre os restos da passada magnificencia, a desconsolada filha de Habat, quantas vezes não extendeu a vista chorosa pelos mares, ermos das suas galés, e sobre o solo requeimado e deserto, que annos antes ornavam as artes da paz, e as voluptuarias e sumptuosas creações da architectura dos poetas-artifices de Sevilha e de Granada?

Ao cabo de largos dias de silencio e solidão, Iacub Almansor compadeceu-se, e offerecendo a mão victoriosa á prostrada captiva, disse-lhe: Ergue-te para tornares a ser bella entre as formosas!

E á voz do kalifa, voz de imperio e de restauração, os risos e cantos nasceram; os destroços e a mudez converteram-se em jubilos e grandezas; e Ceuta, esquecendo que o infortunio tanto deve servir de licção ás cidades, como aos homens, embriagou-se nos deleites; e, desvairada e soberba, não cuidou no futuro castigo, que a esperava.

Um dia (anno de 1303) as galés de Mohammed Al-Omar, cerraram as portas do mar á cidade desapercebida, e os cavalleiros granadinos de Farax, de Malaga, em corrida atrobellada rasparam-lhes as pontas das lanças pelos muros.

Ceuta despertava do longo somno da loucura nas amarguras de apertado cerco; e, sem defensores dentro, sem alliados fóra, para se salvar, foi constrangida a pôr o joelho em terra, e a extender os pulsos aos ferros.

Al-Omar deshonrou a victoria. Depois dos seus rigores a triste cidade, pela segunda vez despovoada, só tarde recuperou as galas perdidas, e abriu o seio quasi infecundo pelas nagoas aos moradores errantes.

Os vestigios de tão repetidas assollações nunca se apagaram inteiramente da sua face; os dias de prosperidade tambem nunca mais correram, como d'antes, socegados e ditosos.

O que lhe permittiu levantar-se, e rejuvenecer ainda, depois de taes revezes, foi a sua posição maritima, que nos louvores, cantados pelos poetas de Granada, é comparada ao throno de alabastro, d'onde reina a alva sultana das aguas, senhora de lindeza e de poder.

Situada sobre o Atlantico e o Mediterraneo, á bocca do estreito, não tinha rival na costa africana, e o reino de Fez, apontando para ella com orgulho, não via quem lhe fizesse sombra, senão além das aguas, nas deliciosas veigas por onde se espreguiça o Ganil.

Ao poente a ilha, em que está a Almina,

communicando com a cidade por uma ponte, lançada sobre o fosso, que as divide, alongava-se em distancia de uma legua, patenteando seguro ancoradouro.

Proxima e do mesmo lado, a serra da Ximera, denominada Alcudia pelos Mouros, estampava no ceu os toques dentados. Da parte de Alcacer-Ceguer, em sitio fresco e puro de ares, o viçoso valle, marchetado de casas de recreio e de hortas enramadas de pampanos, e toldadas da verde sombra dos pomares e arvoredos.

Defronte, o mar, ora sereno, ora tempestuoso, quebrando na areia e nas rochas, das suas praias; e mais adeante, a Europa, a Hespanha, mas tão visinhas, que do monte de Gibraltar se vêem brilhar as luzes em Ceuta, e que da cidade moura, em dias claros, podia Salat Ben Salat, nos eirados do seu castello, descobrir toda a ribeira de Granada e toda a costa de Andaluzia!

Dentro do recinto fortificava ricos bazares e opulentas officinas, porque os navios arabes eram infatigaveis em trazer á princeza do Mahgreb o tributo de todas as artes do oriente.

Opulenta pelo commercio dos seus habitantes, Ceuta competia com os melhores alfagemes de Damasco, e com os mais apurados ourives e abridores de Bagdad.

As sedas lavradas nos seus teares, os tapetes tecidos pelos seus artifices, e os pannos de lã e de linho, obrados para consumo dos seus

mercados, e até para regalo dos nazarenos, não tinham emulos, em Marrocos, nem nas vistosas cidades dos reis da Alhambra!

Cortando de Tarifa, a galé do prior, e a de Affonso Furtado, passaram perto de Gibraltar, correndo com o vento á pôpa, illuminadas pelo esplendido sol de um dia de primavera.

No céu do mais fino azul, nem uma nuvem esvoaçava; e a atmosphera estava transparente de modo que os olhos ora buscando uma, ora outra costa, não perdiam o menor accidente do terreno, recreando-se no admiravel espectaculo, que ellas na sua opposição offerecem.

De ambos os lados as montanhas sobem em contornos grandiosos, e a severidade do seu aspecto condiz com os graves pensamentos, que inspira a vista d'estas paizagens, collocadas nos extremos de dois mundos, e com a idéa das duas civilizações tão diversas e contrarias, que, a algumas horas de caminho, se contemplam com o mar de permeio, sem até hoje se entenderem.

Nas aguas azuladas do estreito levemente crespas, a quilha do ligeiro baixel apenas rasgava uma fita de espuma; e os dois cavalleiros de D. João I, da pôpa, e a metade da jornada, já podiam distinguir sem esforço os aduares das tribus rusticas pousadas pela encosta das sombrias serras, e os rebanhos pendurados de fraga em fraga quasi até ao mar.

Fronteiro ás aguas, e banhando n'ellas as raizes, apresentava-se-lhes o monte dos sete

irmãos, recortando os cumes da mesma feição, no crepusculo da tarde, que declinava.

Mais alguns minutos de faina depois para os remadores, e os exploradores, que lhe vinham devassar os segredos, acharam-se dentro do porto de Ceuta, na peninsula, que forma a extremidade meridional da montanha, tendo deante de si do lado do meio dia o vulto de Gebel-Zetut (serro dos bugios), e da parte de leste o famoso Abyla, hoje o Acho, eminencia alterosa, sobranceira á cidade, e correspondente ao Calpe, ou monte de Gibraltar, a outra columna de Hercules.

Adeante d'ellas, a navegação antiga encolhia o vôo ás suas velas, e, ferida de terror, exclamava: *non plus ultra!*

E era assim!

Além, estão as regiões incultas; os povos rudes; e os costumes barbaros. Além a civilização tem tudo a conquistar e a humanidade tudo a renovar, se quizer descer, com o seu orgulho, até á infancia do mundo. Os filhos da Europa e do progresso collectivo de tantos seculos não voltarão soberbos, se, meditando sobre o nada das vaidades, que os cegam, tiverem animo para não despresar o berço, d'onde sairam, quasi similhantes, os primeiros que os ensinaram.

Nem ao prior, nem ao capitão do mar, lhes occorreu de certo a mais leve sombra d'estas reflexões; o seu espirito e o seu coração estavam n'outra parte; e que não estivessem, aquelles não eram ainda os tempos de tentar

as abstracções philosophicas, que tentou o seculo seguinte, e que o immediato desinvolveu.

O seu empenho de guerreiros limitava-se a investigar na armadura de pedra da cidade querida do alcaide de Benallarin o ponto menos defendido para dar por elle entrada aos cavalleiros do mestre de Aviz.

O resto pertencia ainda ao futuro, e os dois eram muito crentes para não se inclinarem reverentes perante a omnipotencia d'aquelle, que tem fechados nas mãos o presente e o porvir dos homens e das nações.

D. João I, os Infantes, o condestavel, e os embaixadores, discursaram por muito tempo, ponderando, com o plano defronte dos olhos, o risco, ou as vantagens, de commetter o assalto por um, ou por outro logar; e as informações, que o leitor acaba de percorrer, e que procurámos substanciar, desatadas pelas perguntas e replicas, entraram no exame como pontos capitaes. Quando El-Rei se ergueu, encostado ao braço do Infante D. Duarte, e, no meio dos principes D. Pedro e D. Henrique, se dirigiu para o extenso corredor por onde se passava da sala do conselho para a comprida escadaria, que desemboccava em um dos pateos interiores, os dois pagens Antão Vasques, e Alvaro Vaz de Almada, saindo ambos do profundo vão de uma das estreitas frestas ponteagudas, por onde a luz penetrava no dormitorio, deram alguns passos para o monarcha, e descobertos, e com os joelhos no chão, mostraram no seu respeito silencioso,

que esperavam de D. João I a mercê de algumas palavras.

Todos se detiveram sobresaltados.

Os dois mancebos eram estimados na côrte pela nobreza da indole, e pelo valor, que já promettiam apezar da verdura dos seus annos.

O Infante D. Pedro, sobre tudo, que um d'elles servia, não pôde conter-se, que não exclamasse para seu pae, indicando-lhe Antão Vasques, cuja pallidez quasi livida contrastava com o clarão febril das pupillas:

—Reparae, senhor, como vem desmaiado o vosso donzel! Grande caso tem, que não é elle dos que pedem soccorro, se o pode escusar!

—Ouçamol-os, e depois veremos! redarguiu o mestre de Aviz, que não menos penetrante lêra no semblante demudado do pagem os signaes de uma dôr inconsolavel.

Adeantando-se, então, com o riso na bocca, e a maior brandura na voz, El-Rei, com um gesto cheio de benevolencia, fez erguer os dois noveis, e correndo a vista pelo seu rosto, disse para Antão Vasques:

—Que é isto Antão Vasques? Tendes os olhos pisados como se chorasseis? Um donzel, que um dia ha-de calçar esporas de cavalleiro deixa vir a magoa ás faces?

O mancebo inclinou a cabeça, e quiz responder; mas as palavras prendiam-se-lhe na garganta, e por maiores esforços, que empregasse, não pôde suspender o pranto, que em fio se lhe desprendeu.

— Senhor, accudiu Alvaro Vaz de Almada, o que Antão Vasques tem a dizer-vos não pode passar dos ouvidos de El-Rei, e dos senhores Infantes; são dois minutos só que vos pedimos.

— Podeis falar! redarguiu o mestre, encostando-se ao peitoril da fresta, em quanto Alvaro Vaz lhe contava a historia dos amores do seu amigo, e o captiveiro da sua dama.

Em quanto elle falou, seccaram-se as lagrimas do outro mancebo, e á pallidez succederam as mais vivas côres. Os olhos parecia que chammejavam; e quando o pagem do Infante D. Pedro chegou á conclusão do seu discurso, que, apezar de ignorante nos artificios rhetoricos, soubera conduzir com tal destreza, que D. João I o escutára attento e commovido, El-Rei exclamou:

— Por Deus e S. Jorge, o sancto cavalleiro! Não permitta a Virgem, que tão guapos donzeis vão acabar nas correntes da escravidão. Sós contra tantos o que fariam dois?

— Ao menos, eu, acabarei juncto d'ella! suspirou Antão Vasques, que o seu respeito pelo mestre não deixava explicar em alta voz.

D. João I não era rigoroso com a mocidade, e por experiencia avaliava que para as grandes almas o amor é força e estimulo de nobres acções.

Pegando com bondade na mão do donzel, e cravando-lhe aquelles olhos prescrutadores, que liam até ao mais intimo do coração, El-Rei perguntou-lhe com amizade:

— A tua dama é formosa? E sabe a ternura com que a serves?

— Linda como as estrellas! atalhou Alvaro Vaz, cuja indole impaciente não lhe soffria reprimir-se, nem mesmo deante de El-Rei, que era o idolo da sua admiração.

— Ah, ah! E vós, pagem travesso e paroleiro, tambem tendes inclinação, que vos leve a Ceuta, e vos faça abraçar o captiveiro, como a maior ventura? accudiu o filho de D. Pedro I.

— Triste donzel, e peior cavalleiro ainda senhor, será aquelle, que, enristando a lança, ou jogando um talho com a espada, não sentir a consciencia limpa para bradar—Jesus! e não tiver na alma uma doce imagem para lhe dizer — amo-te!

— Sois poeta, Alvaro Vaz, agora o vejo! E os vossos amores tambem gemem na escravidão?

— Eu é que peno como servo, contando os dias, que para mim são annos.

— Boa resposta! Mas não me contastes que ieis a Ceuta com Antão Vasques, se eu vol-o concedesse? Deixaes então?...

— Depois de Deus, senhor, pela fé jurada, deixarei sempre tudo no mundo, e até a propria vida!

Seguiram-se alguns instantes de silencio.

Observando a lealdade d'aquelles dois generosos corações puros, que apenas principiavam a abrir-se á vida, e que entretanto podiam já ser apontados por modelos aos mais

finos cavalleiros, o mestre recordou-se dos annos ditosos e descuidados, em que tambem elle amára, não a corôa, mas a belleza ingenua de uma mulher, e involuntariamente enxugou os olhos humidos.

N'aquella edade a acção de Alvaro Vaz, offerecendo-se a affrontar todos os perigos para não faltar aos deveres sagrados da amisade, não se lhe representaria rara.

— Um já eu conheço, murmurou elle comsigo, agora o outro! e virando-se para o donzel, disse-lhe:

— E vós, Antão Vasques, acceitastes? Consentis que Alvaro Vaz vos acompanhe?

— Senhor, para morrer, ou acabar com os pulsos carregados de ferros, não era preciso vir aqui. Se vistes lagrimas de creança nos olhos de quem a desgraça já fez homem, é porque o braço perderia a força, e o coração todo o valor, se elle me seguisse. Perdido eu, tendes um pagem de menos, e nada mais. Mas se Alvaro Vaz perecer, por minha culpa, diz-me não sei que voz cá dentro, que ninguem remediará o mal!

— Sois dois bizarros moços ambos! exclamou o mestre commovido e se o rei de Portugal, depois de ouvir, deixasse que um de vós se fosse arriscar, sem fructo e sem gloria, merecia que lhe tirassem a corôa da cabeça. Antão Vasques, não haveis de morrer, e dentro de tres mezes, promette-vos D. João I que beijareis, livre, e no seu paço, a mão de vossa dama. Fazei por sair a vosso pae, e o

cavalleiro poderá então dizer-lhe, e a seu pae o que no pagem seria atrevimento.

—Tres mezes! gemeu o donzel em ar de duvida.

—Tendes a palavra de sua real senhoria, Antão Vaz; atalhou Alvaro Vaz de Almada, e é como se já a visseis cumprida.

—Por essa confiança, quero dar-te uma promessa tambem a ti, clamou El-Rei. Se desejas ser armado cavalleiro até Agosto não deixes o serviço de meu filho. Cansa-nos a paz, não é verdade? Pois bem! Até lá é provavel, que algum feito grande venha empregar as nossas lanças. Já não posso com estas sedes e estas guerras fingidas de montarias. Será bom que façamos todos uma caçada real, mas longe d'aqui, e com perigo de sangue e vida.

E dizendo isto, o mestre sorria-se, e nos olhos e no aspecto mostrava-se tão novo, e tão viçoso, como os dois pagens, que o ouviam estremecendo de jubilo, e de orgulho, porque El-Rei lhe dera a entender a elles, mancebos sem auctoridade nem experiencia, o que occultava dos anciãos mais consummados.

Mas é que D. João I antes de falar tinha-os sondado até ao fundo da alma, e estava certo de ambos, como de si.

Reportando-se, pois, e pegando na mão de Antão Vasques, El-Rei accrescentou:

—Mancebo, quasi que duvidastes da palavra do mestre de Aviz; mas perdôo-vos, por-

que o amor é injusto, e cego. Por forte e bem guardada, que esteja Ceuta, e por cioso e feroz, que seja o mouro, que requesta a vossa dama, repito-vos: dentro de tres mezes haveis de beijar-lhe a mão. Agora segredo. Que ninguem saiba, que D. João I vos disse isto! Nunca faltei a promessa que désse. Se não sabeis a ultima qual foi... perguntae em Aljubarrota, ou que interrogue seu pae, Alvaro Vaz de Almada! Assim, pois, animo, e esperança! Apercebei-vos. Quero-vos extremosos amadores, e bizarros cavalleiros; porque se tornar a sahir a campo hei-de levar outra ala dos Namorados!

E separando-se dos mancebos, depois d'estas palavras, que os esforçaram, e a que responderam as suas lagrimas de gratidão, o mestre de Aviz, approximando-se do condestavel, e dos outros fidalgos, disse alto calçando a luva, e afivelando o cinto da espada.

—Antão Vasques! Que me tragam o meu cavallo! Até aqui consolámos os que choravam segundo manda a caridade. Vamos agora depor os soberbos e castigar os que erram, que tambem é preceito divino. Não digam os nossos inimigos que esquecemos a vára da justiça. Quereis acompanhar-nos a Alcobaça? E' para cavalleiros taes um passeio.

—Deus é justo! disse comsigo o prior do Hospital, mettendo o pé no estribo no pateo da Batalha. Mesmo pelo primeiro bote de lança em Ceuta não me queria eu ver como sua reverencia, logo se verá deante de El-

Rei... Tanto bate a agua na pedra até que a quebra!

D'ahi a momentos, Rei, Infantes, condestavel, e pagens, tudo despedia a trote largo caminho do mosteiro de Sancta Maria.

Pobre abbade D. João de Ornellas — que triste scena para o teu orgulho!

CAPITULO IV

O reverendo abbade d'Alcobaça.

Vós mi difendestes senhor,
Que nunca vos dissesse reu,
De quanto mal mi per vós veu:
Mas fazedeme sabedor
Por deus, senhor, a quem direy
Quam muyto mal levey
Por vós, senon a vós, senhor?

CANCION. DE D. DINIZ.

E de cabo: *fere o teu filho da vara, e livrar-lh'as a alma da morte.* Sempre deve seer nembrado, o abbade o que é, e nembrar-se o que é dito, e saber ca a quem chus é dado, chus lhi secrá demandado.

REGLA DE S. BENTO ABBADE.
INEDITOS DE ALCOBAÇA.

—Deus é grande, e a sua misericordia é infinita! tinha exclamado o poderoso e opulento abbade de Alcobaça, quando um escudeiro, coberto de pó, e escorrendo em suor, mais o fogoso cavallo em que montava, lhe entregou em segredo duas regras, rabiscadas a correr por um dos amigos do mosteiro de Sancta Maria, que, assistindo ao conselho na Batalha, não deixára cair no chão as ameaças do condestavel, os sorrisos venenosos do prior do Hospital, e as phrases severas e irosas d'El-Rei.

—Não sou dos que inclinam a cabeça ao primeiro golpe, nem o furacão me lança por terra, ainda que leve adeante de si arvores e tectos! proseguiu o orgulhoso donatario. «Sua real senhoria póde vir quando quizer. Achará a quem procura!

Proferindo estas palavras, D. João de Ornellas levantou-se da sua cadeira abbacial, toda esculpida de relevos, e alçando a fronte, que o peso de setenta e nove annos não vergára, encaminhou-se, com passos ainda firmes, para a porta da camara immediata aonde dois noviços, de olhos baixos e faces nedias, aguardavam as suas ordens.

Abrindo os dois batentes com certo impeto, e correndo pela casa os olhos vivos e perscrutadores, o abbade tocou de leve no hombro ao mais novo, e como se nada o inquietasse interiormente, sem reparar até que a sua presença parecia ter convertido os mancebos em estatuas, disse em tom alto, e com voz repoisada:

—Chamae aqui Martim Annes, anadel dos meus bésteiros, e Lopo Soares, capitão dos meus ginetes. Tenho que lhes dizer, e é recado de pressa! Despachae-vos!

Em quanto o correio, com toda a ligeireza de sua viçosa edade, e ardendo em zelo despedia uma formosa corrida, que só parou á portaria, dando de peitos com o honrado anadel que recolhia, espreguiçando-se, D. João de Ornellas, com o mesmo gesto, e a mesma

tranquillidade apparente, virou-se para o outro noviço, e accrescentou:

—Vasco, ide á casa da leitura, e dizei a fr. João Escacha, que vos acompanhe com o livro da Regra de S. Bento. Vêde, não vos demoreis!

E sem mesmo seguir com a vista o segundo correio, que acabava de expedir, e que partira de tiro, com velocidade pelo menos egual á do primeiro, sua reverencia tornou a tomar assento na sua poltrona, e com os cotovellos recostados em cima do mossiço e lavrado bofete, esperou sem impaciencia a chegada dos accessores temporaes e espirituaes, que mandára convocar.

A demora foi curta.

Em Alcobaça obedecia-se ao prelado, com presteza ignorada em alguns modernos tribunaes, aonde é pouco todo o tempo para sorrir do hirto e aprumado titular, que, na sisudeza pertinaz, homizia de ordinario a indigencia mais lastimosa de todos os dotes do engenho e do estudo.

No momento, em que fr. João Escacha entrava por uma porta dobrado em dois, arrastando, porque seria mesmo improprio dizer que transportava, o codice pedido, encadernado em coiro de anta, e chapeado, como a burra de usurario antigo, o anadel dos bésteiros entesava a sua corpulencia herculea no meio da outra porta, cabeceando desengonçado mais de trinta cortesias em dois minutos, e apagando em repetidas interjeições o teimo-

so pigarro, que trouxera do passeio ás adegas de alguns villãos, seus protegidos.

O capitão dos ginetes, especie de guarda de honra, que D. João de Ornellas compozera para maior gloria da sua devota e reverenda pessoa, e que D. João I, nos dias de benevolencia ou de aperto e necessidade, o auctorizára a manter, mesmo depois de terminada a guerra de Castella, o capitão dos ginetes não se apresentou tão cedo, e por uma razão digna de toda a indulgencia de seu religioso amo.

Tinha ido ao couto de Evora arrecadar as multas, a que o prelado clemente sentenceára tres villãos cubiçosos, denunciados por um meirinho vingativo, pela culpa imperdoavel de venderem mais barato o seu vinho antes de exhaustas as cubas e os toneis do mosteiro!

Lopo Soares, varão de consciencia apertada, não quiz deixar para outro dia o que podia acabar n'aquello; e apenas sua reverencia lhe declarou o nome dos delinquentes, e o exhortou a portar-se com inexoravel rigor na correcção, metteu o pé no estribo, e com cinco ou seis homens d'armas, saiu a trote para despir os pobres, obra de caridade, ás vessas, em que era entendido, como qualquer official de diligencias, ou procurador de ausentes, hoje.

Eis o motivo, porque faltava ao ponto dado aquella segurissima columna militar da casa de Deus; e naturalmente, relendo o aviso do seu confidente da Batalha, o abbade recordou-se da missão extraordinaria, e levou-a em

conta ao servo cuidadoso. Para estes serviços a memoria dos grandes é sempre segura.

Entretanto, como o prelado conservava o rosto inclinado, e parecia abysmado nas suas reflexões, nem o frade, nem o anadel, ousavam transpôr o limiar da porta; mas o primeiro, amarrado ao livro, desfazia-se em suspiros; e o segundo, em crua lucta com o pigarro, amaldiçoava a traição da pipa, que lhe constipára uma garganta callejada á força de proezas.

Por fim, o abbade despertou da meditação, ergueu os olhos, e dando por elles ambos, extendeu o braço, recostou-se ao espaldar, e disse-lhes simplesmente:

— Podeis entrar!

A voz do archanjo, á bocca do purgatorio, não é de certo mais grata ás almas anciosas de ver o céu, do que o foram estas duas palavras do seu padre espiritual ao pobre fr. João Escacha.

Mirrado de carnes, e tremulo, não de certo por abusar das abstinencias, mas talvez por ter esquecido de mais o preceito do jejum, e o horror á gula, que os seus preciosos manuscriptos esconjuravam com o feio nome de gargantoice, o veneravel monge adeantou-se, abraçando o ponderoso codice, e poz no semblante grave do seu superior uns olhos mais do que piedosos, aonde qualquer observador sagaz poderia ler sem custo ou grandes saudades mundanas ou vehementos appetites culinarios.

Esta muda supplica foi logo attendida.

D. João de Ornellas poupava o rigor para as occasiões, e quando carecia de um serviço, adoçava com o agrado a usual altivez da sua auctoridade.

— Tendes ahi um escabello perto, fr. João, assentae-vos, e esperae um pouco.

Voltando-se então para o anadel, que durante o incidente não interrompêra, nem um instante, os mergulhos das suas cortesias, e a estafada ronca do seu pigarro, o abbade acenou-lhe que se approximasse.

— Quantos bésteiros ha no mosteiro de Santa Maria de Alcobaça? perguntou sua reverencia.

E, sem resposta proseguiu:

— Que armem os trons do castello. As levadiças içadas e as portas com guardas! Dez homens, com béstas e virotes, em cada uma das torres! As ameias garnecidas. Guardae-me todas as entradas do mosteiro menos a portaria. Se alguem entrar, não o deixeis sair depois, seja quem fôr!

— Mesmo El-Rei, ou suas mercês os Infantes? accudiu Martim Annes espraiando pelas faces rusticas um certo riso alvar, que, a seu ver, queria inculcar finura.

— Nem mesmo El-Rei, e os Infantes, tornou o abbade, erguendo-se, tu o disseste! Se te pedirem as chaves do castello, continuou D. João de Ornellas, no tom secco e breve, que lhe era habitual, quando dictava as suas ordens, ou as fazia executar, responderás, que teu senhor, o abbade de Alcobaça, não as en-

trega senão áquella de quem as recebeu. Que vá tiral-as de cima do altar da Virgem. Se quizerem arrombar as portas, se chegarem á barbacã, os teus bésteiros que retesem os arcos, e disparem os virotes, e os villãos, que armem os engenhos. Ao primeiro que acertar o tiro prometterás um premio.

O honrado anadel já se não ria; porque o ar e os modos do prelado ainda exprimiam mais do que as palavras.

Era claro, era evidente, que sua reverencia contava com visitas, e que se dispunha a hospedal-as á moda antiga, como fizera aos castelhanos fugidos de Aljubarrota na ponte do Chaqueda; e para bem da justiça convém ajuntar em elogio de Martim Annes, que n'elle a alma não correspondia ao corpo, professando por isso decidida antipathia aos arremessos, ás lançadas, e aos talhos de montante, ou de estoque.

Afeito ás doçuras da paz, tinha aprendido a apreciar longe dos perigos a immensa differença, que vae de um homem morto, ou aleijado, a um homem vivo, inteiro e sadio; e estava na firme resolução de se divorciar da gloria, porque só lhe apparecia, coxa, torta, e manca!

Com taes disposições não admira, pois, que o anadel tremesse, como vime, e desbotasse em repentina pallidez as assanhadas côres do rosto.

Lances d'aquelles, eram o pesadello contio das suauns noites, e aziaga tarde se lhe fi-

gurava esta, em que se via obrigado a entalar os membros repletos, e mimosos de todos os deleites da carne e da preguiça nas duras solhas de um laudel, afogando a canceira dentro da ôca e amaldiçoada panella de ferro chamada bacinete.

E porque havia elle de expôr os dois olhos de açor, com que a natureza o brindára, e o precioso tronco, vaso de eleição, aonde se despejava a flôr das cubas dos moradores dos coutos, reconhecidos ou antes lembrados de alguns esquecimentos das suas unhas rapinantes?

Corriam acaso risco as dobras, cem vezes recontadas, que aninhára para uma precisão em seguro esconderijo?

Ameaçava-o nos bens, ou na honra algum desar?

Não! era simplesmente sua reverencia, acordando aborrido da velhice, que se lembrava de tornar ás empresas guerreiras de ha trinta annos, e que, sem compaixão pelos incommodos e calafrios de um servidor leal, o mandava cobrir de ferro, e offerecer o corpo aos tratos da armadura, que lhe esfolava a pelle, e ás setas e talhos de inimigos, que nem ao menos tinha a consolação de saber quem fossem.

Pareceu-lhe intoleravel, injusto e atroz.

Era zombaria cruel!

Estes pensamentos, que o anadel não conseguia disfarçar na grosseira expressão do rosto, e que a vista penetrante do prelado não

deixava escapar, chamaram de subito uma nuvem á fronte de D. João de Ornellas.

Approximando-se, lento e magestoso, do vulto colossal de Martim Annes, e batendo-lhe no hombro tão de rijo, que o gigante vergou, como se lhe caísse em cima o campanario do mosteiro, o abbade mediu-o de alto a baixo com um olhar, acceso em chammas, que lhe atravessou o coração, e disse-lhe com a voz fria e resoluta, que nos seus repentes fazia tremer os mais audazes:

— Martim Annes, o que disse ficou dito! Nem a El-Rei, nem aos Infantes, nem ao condestavel, nem a ninguem! No arsenal dos teus bésteiros ha virotes bem aguçados, e nos eirados do castello os trons, ainda não se emperraram, nem as polés. O primeiro estranho que chega á barbacã, o primeiro cavalleiro que entra no mosteiro sem ser pela portaria, custa-te a cabeça. Em Sancta Maria de Alcobaça, em quanto D. João de Ornellas fôr abbade perpetuo, não hão-de comer pão covardes, nem traidores. Sabes que nunca falto ao que prometto; agora escolhe!

Mediaram bons cinco minutos antes que o queixo inferior do anadel podesse unir-se ao seu visinho. O medo paralyzava-o.

Entre duas espadas afiadas, via a morte em qualquer dos lados para onde se voltava.

No castello, se uma frecha viesse pescal-o, ou se, tomado á viva força, lhe pedissem contas da resistencia!

Fóra d'elle, se não defendesse o mosteiro, ou

o entregasse inerme, porque as ameaças do prelado nunca mentiam, e muito menos as que acabava de ouvir, e que o terror lhe gravára dentro d'alma em letras de fogo!

Seguiu-se uma pausa, cortada de anciedade, para Martim Annes, e cheia de impaciencia para D. João de Ornellas, que já se cansava de esperar, que os dentes do anadel se descerrassem, e que a heroica resposta do seu zelo se transmittisse do coração aos labios.

Como Martim Annes teimava na mudez, e dava ares de repetir o prodigio da estatua da mulher de Loth, o abbade, travando-lhe do braço, e arrastando-o quasi, apezar da debilidade dos seus annos, e da corpulencia da massuda victima, levou-o ao profundo vão de uma fresta, e com ambas as mãos sobre o largo peito do infeliz, exclamou, tremulo de ira e de sobresalto:

— Martim Annes, reparae! Logo, chega aqui El-Rei, vem com elle o condestavel, e os Infantes. Se um só passar o arco da levadiça do meu castello, custe o que custar, tens duas horas para te despedir do mundo; porque te juro pela alma de meu pae, e pela gloria de meu bemaventurado padre S. Bernardo, que amarrado de pés e mãos te mando atar, como peloiro, a uma catapulta, e que te espalho os ossos partidos em mil pedaços por esses campos!

— Senhor, Jesus! gritou o anadel com os cabellos eriçados, e as mãos erguidas, que peccado é o meu para que me ameaceis assim?

— O anadel que treme como uma creança, mesmo nas costas dos inimigos, o que fará vendo-os ante si na hora da peleja? replicou severamente D. João de Ornellas.

— Senhor, vêde, se vos tomaes d'esta vez com El-Rei, que não ficará pedra sobre pedra no castello, e que eu, e todos, morreremos pendurados n'uma forca! clamou, dobrando os joelhos o honrado Martim Annes, em quanto as lagrimas vinosas lhe saltavam dos olhos inflammados, correndo em fio pelas barbas crespas e revoltas.

— Ahi está! atalhou o abbade com um sorriso cheio de fel, e cruzando os braços.

O anadel, na sua innocencia, ou antes no delirio do medo, persuadiu-se sinceramente, de que abrandára com as suas magoadas palavras o coração de rocha de seu prelado, e mais animado, continuou.

— Vêde que D. João I tem braços, que alcançam até Castella, quanto mais a Alcobaça. Pelo amor de Deus, senhor, não levanteis sobre nós a sua espada!

— Villão fraco e aleivoso, que vozes de mulher são essas que estás soltando deante de mim na tua loucura? Cuidas que a edade me abateu, ou que D. João de Ornellas encosta o baculo, e tira a mitra, senão para empunhar a lança, e cobrir a cabeça com a sua capellina de aço?! Rei, Infante, ou condestavel, em vindo a minhas terras, como contrarios, imaginas que os hei-de receber melhor, do que recebi os cavalleiros de El-Rei de Castella.

e as bandeiras de Leonor Telles?! Despacha-te, e obedece! D. João I pode pendurar-te na forca peã e popular dos teus eguaes; mas eu, se, por covardia tua, perdesse um palmo das barbacãs, ou das barreiras do meu castello, asseguro-te, que tal exemplo faria em ti, que a memoria d'elle por muitos annos não esqueceria a cães desleaes, capazes de morder a mão, que os alimenta!

E' impossivel pintar o estado, em que ficou Martim Annes, depois d'estas palavras. Um defunto no seu caixão talvez tivesse mais côr nas faces. Uma creança castigada, talvez não chorasse mais.

Não havia forças, que o erguessem dos pés do abbade, e este, que nunca observára tão rematado typo de covardia, começava a affrontar-se com o espectaculo, e a votar interiormente as opulentas nadegas do anadel ás cordas dos bésteiros ou ao açoute dos cavalhariços.

Sua reverencia, conhecendo só agora toda a pusillanimidade d'aquella creatura, que a natureza por escarneo enriquecêra com as apparencias robustas, e o aspecto bellicoso de um Achilles, maldizia o apuro, em que se achava, forçado a confiar a segurança do mosteiro, e o timbre do seu orgulho, a mãos que só o roçar do ferro pelo ferro, era de mais para desmaiar.

— Quem o diria! murmurava o prelado olhando com despreso para o anadel. Cuidei, que tinha commigo o açor, deixei-lhe cevar as

garras ne relé dos meus coutos, e no fim vejome com um milhano, que até o cantar dos gallos fará fugir! E Lopo Soares que não volta!

Como se potencia occulta respondesse ao desejo do abbade, pesados passos soaram pela escada proxima, e a figura do capitão dos ginetes apontou á porta.

Este é que não enganava. De presença mediana, largo de peitos e de hombros, cheio de carnes sem ser gordo e anafado, como o seu illustre collega em Marte, bastava contemplar-lhe o rosto denegrido, e lavrado de cima a baixo por uma formosa cutilada, que lhe dera a alcunha e o emprego, para se affirmar logo sem receio de equivoco, que dentro d'aquelle peito batia um coração tão estranho ao medo, como a consciencia parecia alheia de remorsos, e a alma de piedade.

Ministro sabido de todas as violencias e extorsões ordenadas pelo seu prelado, Lopo Soares tosquiava sem misericordia as ovelhas abbaciaes, e, se as ouvia gemer mais alto, consolava-as com o bastão da lança, ou com a prancha do estoque, para as ensinar, dizia elle, a conhecerem o seu bem, e a abençoarem a fortuna, que, não o merecendo ellas, as felicitára, concedendo-lhes tão virtuoso e clemente senhor.

Segundo é facil de suppôr, os villãos, vexados, e roubados pelo capitão dos ginetes, pagavam-lhe em odio e pragas os tormentos, que padeciam; e os proprios alcaides e oven-

çaes dos coutos não podiam vêl-o, sem occultamente lhe desejarem no triplo todos os males e humilhações a que os subjeitava na sua brutalidade.

Mas, como em casos graves o capitão se acolhia á sombra do abbade, e este lhe desculpava os maiores excessos, em attenção á agudeza das unhas fiscaes, e ao valor provado, os funccionarios do mosteiro, e os pobres moradores de Evora e Turquel devoravam as affrontas e as lagrimas com o amargo pão, que tão caro lhes custava.

Vendo a Lopo Soares, D. João de Ornellas respirou. O que receiava é que na expedição contra os tres delinquentes, de que falâmos, o seu official houvesse tido mau encontro. De feito, por duas horas não succedêra assim.

O prior do Hospital, tão bom caçador de homens, como de lebres e veados, farejando ao longe nova presa, em vez de acompanhar a cavalgada de D. João I, desviou-se com o condestavel e o Infante D. Pedro, e por um rodeio veiu metter-se em Alcobaça, passando pelos coutos.

Se Lopo Soares não fosse tão expedito e summario nas suas diligencias, é mais do que provavel, que os papeis se trocassem alli, e que o perseguidor mudasse para victima.

Um dos tres villãos, multados, era filho do velho escudeiro, que Nuno Alvares jurára vingar, e para lhe mitigar as saudades de seu pae, sepultado nas masmorras do Castello, e a pena do dinheiro extorquido, injustamente, o

capitão dos ginetes, não se apartára d'elle sem dois homens d'armas lhe infamarem as costas com o açoute dos cavallos.

O paciente não soltou um suspiro, nem deitou uma lagrima!

Branco de jaspe, e com os olhos cavados e cheios de luz sombria, apenas terminou o supplicio, ergueu-se, e respondeu aos toscos motejos de Lopo Soares e dos seus verdugos, com uma só palavra:

— Obrigado!

Nada mais.

Mas proferindo-a com aquelles labios lividos, e aquella vista, que se assimilhava a um punhal ardente, dir-se-hia que era o morto, que se levantava da sepultura, e saccudia o lençol para dizer ao vivo: «Não tarda o dia, em que ajustaremos as nossas contas!»

O capitão «Cutilada», ou o «Maldito», porque ambos os ephitetos lhe eram applicados indifferentemente pelos populares, resentiu-se da concisão do mancebo, e por instincto levou a mão ao punho da misericordia, ou punhal, que rematava o seu estoque; mas suspendeu-se a tempo.

A sua alçada não subia tão alto, e o assassinio, sem causa motivada, e em presença de testemunhas, leval-o-hia sem remissão perante as justiças reaes, aonde, se não apodrecesse em ferros, era pelo menos de crer, que deixasse quasi todas as pennas, que havia arrancado aos outros.

Por isso se conteve, e encolhendo os hom-

bros, como pessoa muito acima das reticencias ameaçadoras de um villão açoutado, deu de esporas ao cavallo e ausentou-se.

Assim que elle desappareceu, principiou um côro de imprecações, afinado em todos os tons, desde o tiple das creanças e o soprano mulheril, até ao tenor vibrante dos moços, e ao baixo profundo dos homens edosos.

Pero Calado, que assim se chamava o paciente, foi o unico silencioso, confirmando pelas obras o appellido.

Sómente os visinhos mais experimentados, vendo-o sorrir-se, em quanto sua irmã lhe banhava de vinagre os vergões e córtes das corrêas, benziam-se e rosnavam uns para os outros:

—Mau olhado acertou hoje no maldito! Por todas as riquezas do mosteiro não queriamos estar-lhe na pelle. Que se guarde do filho do escudeiro.

Ainda estes sisudos commentarios duravam, quando o conde de Ourem, Alvaro Gonsalves, e o Infante, seguidos dos dois pagens, que vimos aos pés de D. João I no capitulo antecedente, e de uma reforçada escolta de homens d'armas, desemboccaram pela vereda do monte, e a trote rasgado vieram colher as redeas aos cavallos, mesmo no centro da povoação, alvorotada pelas proezas do capitão Cutilada.

Escutando da propria bôcca da victima, que se lhe abraçára ao estribo, a narração das vilezas e tractos, por que passára, os olhos do

condestavel faiscaram, e o peito arquejando, denunciou a immensa colera, que lá dentro se accumulava.

O Infante, mais reservado por indole, tambem não pôde reprimir-se de modo que lhe não subisse a ira em chammas ao semblante e aos olhos, que se afoguearam subitamente.

Mais senhor de si, e das suas paixões, o prior do Hospital, escrutava sem mover os labios o effeito d'esta scena sobre o animo dos seus nobres amigos, e contentava-se com algumas exclamações, que, lançadas a proposito, produziam a explosão que o morrão accende, pegando no rastilho.

—E teu pae? bradou o conde de Ourem com respiração presa, e os punhos cerrados.

—Jaz há seis semanas na cistena do castello de Alcobaça, com os pés mettidos n'agua, e uma lagea a tapar-lhe o ar e a luz!

—Não o viste depois? accudiu o Infante.

—De joelhos e mãos postas pedi ao anadel dos bésteiros, que se compadecesse da sua velhice e da minha dôr! Mas elle!!

—Negou-te essa triste consolação? atalhou Alvaro Gonsalves, que já previa a resposta.

—Negar-m'a era o menos; mandou-me deitar fóra da sua presença pelas varas de dois serviçaes, bradando: «Aqui tens o que se dá aos sabujos que ladram a seu senhor!»

—Tripas de Judas! gritou o condestavel, por vida de minha filha! Antes que anoiteça ámanhã o lobo cerval esperneará pendurado

pelo pescoço nos esgalhos de uma das figueiras de seu amo!

—Ah! D. João de Ornellas, D. João de Ornellas, disse a meia voz o prior; até onde queres que chegue a paciencia de El-Rei, e de nós todos?

—A minha não! clamou Nuno Alvares. Se a palavra de D. João I se quebrasse, nas minhas terras ainda ha cavalleiros, e nos meus paços homens d'armas para lavar as faces de uma affronta. Mas, sua real senhoria, tomou a si a injuria, e em boas mãos ficou.

—E porque prenderam teu pae, e te açoutaram a ti, como mouro fugidiço? perguntou o Infante D. Pedro, que não podia afastar os olhos do rosto pallido e viril do filho do escudeiro.

—Porque elle respondeu ao mordomo do mosteiro, que, pago o foro, os seus rebanhos eram d'elle, e não do abbade; e que se o braço de sua reverencia era pesado, sabia de dois bem capazes de lh'o dobrar pelo cotovello.

—Ah! exclamou o conde de Ourem.

—E disse-lhes quaes? interregou Alvaro Gonsalves.

—Disse; e foi a sua grande culpa! redarguiu o mancebo.

—E então? interrompeu o Infante.

—Então, como meu pae ousára bradar, que era escudeiro e homem livre, e que acima da má vontade do abbade estava a justiça de El-Rei, e o poder do condestavel, eu senhor, veiu de noite o capitão dos ginetes

prendel-o, e amarrado, com um mordaça na bocca, lá o levou para a cisterna do castello, atravessado em cima de uma azemola. Quando o estavam atando, Lopo Soares ria-se, e, em ar de mofa, dizia-lhe: «Chama agora por El-Rei ou por teu senhor o condestavel! Veremos se elles te valem!»

—Sangue de Christo! clamou o conde de Ourem, batendo com ambos os punhos fechados sobre a cotta,—a moirama vestiria a cogulla branca dos monges de Cister? Eu mostrarei a esse abbade, que Nuno Alvares nunca está longe, quando os seus na afflicção bradam pelo seu nome. Vamos, senhores! Tenho pressa de pisar debaixo das patas do meu cavallo a soberba de D. João de Ornellas. Peça elle a Deus, que me tenha da sua mão! Sinto impetos de o enterrar com as duas feras, que traz soltas, dentro da mesma cisterna, aonde o padre de Satanaz sepultou os escudeiros honrados!

Dizendo isto, as faces do condestavel, de ordinario descóradas, estavam marcadas de vergões vermelhos, como se os dedos de um robusto inimigo se houvessem estampado n'ellas; e a voz, usualmente forte e clara, enrouquecia cava e convulsa.

Para quem conhecesse o conde de Ourem, estes signaes não eram duvidosos. A sua alma ardia em labaredas, e a raiva, que o cegava, tocára quasi as raias do delirio.

—Um cavallo para este moço! Ajunctou o vencedor de Valverde. Quero que El-Rei saiba da sua bocca as crueldades do padre, que

por escarneo de Deus, e das justiças do reino, levanta a hostia nas mãos, que mereciam raspadas, e carregadas de ferros!

Ninguem respondeu uma palavra; o Infante, porque a custo se continha, e não desejava exacerbar a cholera de Nuno Alvares; o prior, porque receiava desviar com a sua voz o pensamento do condestavel da vingança implacavel, que revelavam os gestos e as palavras.

Pero Calado não se fez rogar.

Apenas o conde acabou de proferir a ordem, o cavallo appareceu, como por encanto, e o mancebo apartou-se correndo para voltar logo, trazendo a sua bésta e o arsenal attestado de virotes.

Do cinto de couro, que lhe apertava o seio pendia uma cutella afiada, e a áscuma ou lança curta, que servia de arremesso, e de pique ao mesmo tempo, luzia-lhe nas mãos.

Assim que montou, partiram todos a bom andar, encommendados a todos os sanctos do paraizo pelas orações dos villãos, que fiavam agora as suas esperanças todas da ira temerosa do condestavel, manifestada sem rebuço perante elles.

— Sabes o que o filho do escudeiro leva na bésta, Pedro Gudiz? disse um velho de Turquel, que viera de visita a Evora, aonde o seu interlocutor o hospedava.

— Não, se m'o não disseres, Mendo Arnellas, replicou o outro.

— E' a vida de Lopo Cutilada! Virote aonde Pero desde peq ueno pozesse o olho nunca

errou o alvo; e quando o vi levar assim a rir as dôres dos açoutes, disse logo commigo: «Ruim terra ha-de comer-te cedo, lobo cerval de Alcobaça.» Podeis resar-lhe por alma ao capitão dos ginetes.

— Resar, eu! Só se fôr para que quantos demonios o atanazem no inferno, como de maldades deixa n'este mundo o cão damnado.

— Pois tende por certo, que fez hoje a ultima. Contae com grandes novidades ámanhã. Bemdito seja o Senhor que me deixou viver para louvar ainda por ellas o seu sancto nome!

A chegada de Lopo Soares aclarou, como notámos, o animo perplexo do abbade, que sem fazer mais caso do anadel, prostrado aos seus pés, saiu a receber o virtuoso executor das suas prepotencias com ar de riso, e mostras de grande agrado.

Na presença de seu amo, o capitão perdeu os modos rusticos, e a aspereza, que o faziam detestado, e curvando a cabeça com o gorro nas mãos, esperou silenciosamente, que elle o interrogasse.

— Fez-se o que mandei? perguntou D. João de Ornellas no tom de quem se informa com a certeza de ter sido satisfeito.

— Lá ficam as cubas arrombadas aos villãos, e um d'elles com trinta açoutes por conta! redarguiu o official do mosteiro, arregaçando os beiços n'um sorriso feroz. No principio cuidei que tinhamos dança; vi todas as vespas fóra do cortiço a zunirem-me aos ouvidos, mas o cabo da lança é milagroso. Dois

ou tres, que deitámos a terra atordoados, tiraram aos outros o gosto de continuar.

— Bem! Nada de branduras com a villanagem! Se os deixasse vinham ás adegas de Sancta Maria espichar os meus toneis, e vender-me o vinho, mesmo ás portas da egreja.

— Não lhes ha-de sobrar a vontade agora! respondeu o ministro das execuções monasticas. Protesto, que por este par de mezes até o cheiro do vinho os ha-de enjoar.

— Lopo Soares, proseguiu o abbade, dando um passeio curto até á fresta aonde batia nos peitos o anadel, resando um acto de contricção, em que masmorra jaz aquelle escudeiro velho, que foi de Nuno Alvares, e que se prendeu, porque tinha mais comprida a lingua, do que seu amo a lança?

— Desci-o por cordas ao fundo da cisterna do vosso castello, haverá seis semanas, e lá descança da parolagem sem ver sol nem lua!

— Deixaste-o falar com algum dos seus, depois de preso?

— Deus nos accuda, senhor! Era preciso ter enlouquecido. Ninguem!

— Mas quem disse então a El-Rei e ao condestavel o que succedeu? tornou o abbade, cravando a vista aguda e penetrante no semblante do seu confidente.

— Quem? exclamou este, engulindo uma praga meio mastigada entre os dentes, e acompanhando-se de uma acção grosseira, propria da sua nobre indole. Nenhum de nós, protesto! Mas, quando se leva o mastim, os cachor-

ros ficam ladrando. Só se foi Pero Calado, que hoje mandei servir de bons açoutes por faltar ao respeito de vossa reverencia.

— Ah! O escudeiro tinha um filho, homem feito?

— Feito, direito, e mais atrevido ainda do que o pae.

— Lopo Soares vaes-te fazendo velho! Desconheço-te. Por que prendeste a raposa velha e sem dentes, e deixaste solto esse rapaz, que tanto gritou, e chamou por soccorro, que os seus brados chegaram aos ouvidos do condestavel e de El-Rei?

— Se eu adivinhasse, vossa reverencia não se queixava agora. Mas o villão enganou-me. Vi-o tão sandeu e atado aquella noite, que não me receei d'elle... Fica-me de lição. É verdade que eu devia saber o adagio: cão que não ladra...

—Morde! atalhou o prelado. Agora não tem remedio. Esse escudeiro de mal peccado, parece que era grande valido de Nuno Alvares, e que fez suas proezas em Aljubarrota. Sabendo dos açoutes, com que lhe ensinastes a venerar a seu senhor, e da prisão em que o metti, o conde de Ourem pediu a El-Rei que o desaggravasse, e D. João I, esquecido do que deve a D. João de Ornellas, prometteu-lhe vir elle proprio a Sancta Maria soltar-lh'o .. Ha-de custar-lhe! accrescentou o abbade com um sorriso equivoco. Pode tirar-m'o...

— Tal não permitta Deus! bradou o capitão dos ginetes, apalpando o punho do estoque.

— Mas não será em quanto eu me chamar prelado d'esta sancta casa, e senhor de Alcobaça, e das quatorze villas dos seus coutos.

— Então resolveis?... perguntou Lopo Soares com grande ardor no rosto.

— Fechar as portas, alçar as levadiças, e armar os trons do castello!

— Bem, meu nobre senhor, nem outra coisa era de esperar de vós. E recolhei-vos dentro d'elle, com os vossos homens d'armas, para que El-Rei e o condestavel saibam que ameaçar é mais facil do que cumprir!

— Não! D. João de Ornellas, mesmo velho, quando alguem o busca não se esconde! Graças a Deus, temos homens d'armas e bésteiros, que chegam para guarnecer o castello, e o mosteiro. As chaves ficam em cima do altar da Virgem, e que as levantem de lá se ousam! Se algum mais impaciente se approximar das barreiras — seja quem fôr — preguem-o com um virote; se todos accommetterem . . . que as manganellas e catapultas os tractem como castelhanos! Entendeste-me? No mosteiro basto eu! Agora, vês alli aquella mulher, em trajos de homem, carpindo-se, e pedindo mercê?

— Por minha vida que vejo! E' Martim Annes, é o anadel dos vossos bésteiros!

— Dize antes, que era. O pão do mosteiro de Alcobaça não se faz para o esmigalhar aos corvos. Sabes porque elle chora? Tem medo!

O capitão dos ginetes garguerejou uma risada secca, que se lhe sumiu entre os dentes, e extendendo excessivamente os labios com

desdem retorquiu: « — E' molestia que se cura! Nós o poremos rijo e firme, como um dos da companhia de Mem Rodrigues de Vasconcellos. Jesus! Com tamanho corpo, quem diria que a aguia não era senão gallinha?

Passados momentos, virou-se para fr. João Escacha, muda testemunha de toda esta scena, e disse-lhe, como se nada tivesse occorrido:

— Agora nós! Procurae-me n'esse livro da Regra o capitulo das obrigações dos abbades, e em sentindo El-Rei principiae a leitura em voz alta. E' das obras de misericordia ensinar os ignorantes.

CAPITULO V

Quem é o rei aqui?

El andava triste mui sen sabor
Como quen é tã coytado d'amor
E perdendo o sen e a color.
Pero quando me vyo dysse m'assy:
Ay! Senhor, ide rogar minha senhor,
Por deos que haja mercée de my.

CANCION. DE D. DINIZ.

E sabha o abbade demergersse á culpa do pastor, que quer que o padre famílias nas ovelhas meos poder achar de proffeitança... O pastor d'ellas, solto no juizo de nostro senhor diga cum o propheta nostro senhor: A ta justiça non ascondi no meu coraçom, a ta verdade, e a ta saude dixi, mays esses displinzirtes desprezarom my. Estonces aas ovelhas non obedientes a sa guarda, seera lhis pena daran te essa morte

REGLA DE SAN BENTO ABBADE.—INED. DE ALCOBAÇA.

Quando o infante, o condestavel, e o prior do Hospital cravaram as esporas, e sairam a trote largo dos coutos de Evora, no meio das bençãos dos villãos, o sol já principiava a declinar no horisonte, dourando a corôa dos outeiros.

Pelas viçosas ladeiras serpeavam em suave declive as veredas, torcendo-se como fitas entre as relvas e flôres; e as arvores, afagadas

pela fresca viração, balouçavam as copas, susurrando brandamente.

De vez em quando, ao longe, ouvia-se o tinir metalico dos chocalhos dos rebanhos; e a espaços, uma voz rude, mas harmoniosa, entoava, em lenta melopea, a cantiga melancolica de Gonsalo Hermigues, o trovador, que, perdido pelos olhos negros da moura, despindo as armas, veiu sepultar no mosteiro, não a paixão, que debaixo da mortalha fria do habito continuou a arder, mas a verde mocidade, todas as esperanças, e os mais ternos affectos.

Monge da saudade, ajoelhando abraçado á cruz de um tumulo, nunca mais se ergueu!

Nuno Alvares Pereira, naturalmente calado e de si pouco risonho, caminhava com os olhos baixos, e a cabeça pendida sobre o peito.

Alvaro Gonçalo Camello, seguro de que o orgulhoso abbade, seu inimigo, ia receber da mão de El-rei o premio dos venenosos conselhos, reprimia a custo o jubilo interior, afinando a physionomia pelo aspecto grave e taciturno do conde de Ourem.

Poucos passos atraz, com a vista distrahida, e a mão da redea frouxa, o Infante D. Pedro, enlevado nos seus pensamentos, deixando o cavallo seguir os outros, levantava a idéa, além das aguas, o bem longe d'alli, para os fortes muros de Ceuta.

Menos impetuoso, do que seu irmão D. Henrique, mas no animo, e nas prendas, mais principe, e mais similhante a seu pae, o nobre filho de D. João I sonhava acordado com essa festa

guerreira, que o desejo lhe pintava tão formosa pelos perigos, como pela ousadia da empresa.

Os dois pagens, que na Batalha quasi que tinham arrancado ao mestre de Aviz o segredo do grande feito, que devia coroar o seu glorioso reinado, um ao lado do outro, como sempre, observavam-se sem falar, e em toda a jornada apenas haviam trocado palavras soltas.

Antão Vasques, com a pallida tristeza do seu cuidado estampada no semblante, consumia comsigo as acerbas penas, que o ralavam, e em alguns momentos sentia-as tão penetrantes, que afastava o rosto com disfarce para esconder do companheiro as lagrimas envergonhadas, que, rebentando, sem as saber conter, se lhe gelavam, deslizando pelas faces.

Alvaro Vaz, embora affectasse o contrario, a cada instante fitava de relance no amigo as pupillas azues, que já não riam, como d'antes desviando-as logo tocadas de certa sombra de pesar.

Quem mesmo o examinasse de mais perto, descobrindo a nuvem, que lhe carregava as feições tão joviaes ha pouco, sem difficuldade adivinharia o motivo porque já não respiravam travessura e malicia juvenil.

Antão Vasques, elle proprio o dissera, fizera-se homem com a dôr; e Alvaro Vaz, fiel como raros ás leis da amisade, não podia abrir o peito á antiga e ditosa alegria, vendo negro de luto o coração d'aquelle, que era mais do

que irmão pelo sangue, porque lhe chamava desde a infancia seu irmão pela alma!

Depois de olhar para o outro donzel, que, embebido na sua magoa, parecia estranho a quanto o rodeava, o pagem do Infante decidiu-se a interromper o silencio, cortando com as consolações do seu affecto a profunda melancholia que a tudo se mostrava insensivel. Correndo os dedos pelas madeixas, e debruçando-as com graça pelo collo, o mancebo, fingindo nos labios o sorriso, que trazia bem distante da vontade, extendendo o braço, poisou-lhe a mão de leve no hombro, dizendo:

— Santa Maria vale! Porque não dobram os sinos a finados? Nem que levassemos n'umas andas o corpo de algum amigo morto! Fóra com tantas tristezas! O que ha-de ser, Deus o sabe! Tendes a promessa de El-Rei, e ainda não estaes contente? Se vos pesa ficar dois mezes mais, uma caravella depressa parte, e para mim, esperar em Ceuta, ou aqui é tudo o mesmo. As esporas de cavalleiro tanto se ganham logo, como ámanhã. Vêde o que mandaes; mas, por S. Jorge, não vos quero ver com esses olhos e esse rosto, que me cortam a alma!

— Cuidaes que os da triste captiva estarão mais alegres, ou menos pisados? respondeu o pagem, levantando a vista e falando com a voz suffocada e o peito opprimido.

— Não, por Deus! Mas quem traz á cinta um estoque, e ouviu da bocca de D. João I o que elle nos disse, levanta a esperança, e dei-

xa as lagrimas para os que não teem senão essa consolação. Um homem como vós, Antão Vasques, não chora, vinga-se!

— Alvaro Vaz, se não contasse com a lança e a espada de meu pae, cuidaes que estava agora aqui?... Desligae-me da palavra, que vos dei, deixae-me partir só, e matar o meu desejo, o meu odio, que eu vos juro, que virão recados de Ceuta, que vos façam arrepender da palavra que soltastes!...

— Agora sim, que vos torno a conhecer! Falastes como deve falar o filho de vosso pae, como eu, que vos quero, que meu irmão que fosseis não podia ser mais, nem tanto esperava ouvir. Ia desconfiando, já sabeis, pelo vosso ar, que tivesse de vos deixar em Alcobaça, feito Gonsalo Hermigues; e apertado lance veria comsigo D. João de Ornellas se vos acceitasse os votos!...

— Entre agonizar sobre a lagea de uma egreja, ou cair varado pela frecha de um infiel, redarguiu Antão Vasques, alçando a fronte, escolho amortalhar-me no meu laudel. O trovador teria feito melhor, se buscasse a morte ao lado de Gonsalo Mendes da Maia, nos campos de Beja.

Por esse dito vos seguiria já a Ceuta com os olhos fechados! Animo e valor! Dois mezes depressa correm, e bem sei eu quem ha-de obrar proezas taes, que os cavalleiros da Tavola Redonda se dariam por ufanos, contanda-as como suas. Largae-me o coração á ventura, e espirito grande. Tambem eu tenho da-

ma, e se uma galé de mouros m'a captivasse, as seguro-vos, que não fazia senão mandar passar de novo o fio á minha acha d'armas, esperando...

— Que á força de tormentos a donzella fraca e desamparada quebrasse as prisões da dôr, e deixasse o mundo chamando em vão pelo covarde, que a deixava em ferros, sem ao menos se atrever a levantar o braço, sem ter o animo de levar o corpo ao mesmo sitio em que ella padecia? Obrigado, Alvaro Vaz! Mas os cavalleiros da Tavola Redonda, com esse exemplo, digo-vos que não achariam que aprender!

Falando assim, o donzel, com as faces córadas pela intima commoção, e os olhos accesos em vivo clarão, erguia a cabeça, e na vehemencia da paixão revelava o terrivel incendio que o abrazava por dentro.

Seguiu-se breve silencio, durante o qual o semblante de Antão Vasques, trahindo o combate dos encontrados affectos, que o dilaceravam em curtos instantes mudou de expressão umas poucas de vezes.

— Não, não! exclamou por fim, e como se não podesse resistir ao fogoso impeto dos sentimentos exaltados. Quando vós chegardes, já eu lá devo estar, morto com honra, ou vivo, mas tambem em ferros! Alvaro Vaz, por quanto presaes no mundo. Pela amisade da nossa alma nunca vos pedi coisa que me negasseis. Compadecei-vos d'este martyrio, de que não adivinhaes sequer metade. Viver como eu agora, n'esta afflicção de todos os momentos, é mil

vezes peior do que os perigos de peleja desegual, ou do que os tractos da escravidão. Desde aquella triste noticia, acabou-se tudo, e na terra ha só um affecto, que me prenda, — o vosso! Tirae-me de cima do coração o peso da promessa, que vos fiz, se não quereis ver-me louco de magoa e desesperação. Nunca amastes, por isso não sabeis o que é sentir o sangue a arder em chammas, a alma a fugir-vos sempre para a saudade, banhada em pranto, e o ciume, como um punhal ardente, a rasgar-vos a cada hora as feridas do coração, apontando-vos para outro, mais feliz, ainda que despresado, que ao menos tem deante de si, e em seu poder, a formosura do seu enlevo!... Alvaro Vaz, em nome de tantos annos de affeição leal, deixae-me partir só. Comvosco, o braço perderia a força, e a vontade nada tentaria. Eu que não receio, porque me dispuz para tudo, eu que ouço cá dentro uma voz, que me diz que serei feliz, se fôr ousado, vendo-vos ao meu lado tinha medo!... Se morrer, não lhe ficaes vós a ella para a amparar e a mim para me vingar? Perdidos ambos, o que lhe resta á minha Leonor senão um captiveiro eterno e inconsolavel?

Escutando estas sentidas vozes, Alvaro Vaz não pôde suster-se, que não se lhe orvalhassem as palpebras de lagrimas.

De feito, era necessario que o mancebo não podesse já com a ancia para romper em queixas tão oppostas ao seu caracter.

Antão Vasques, apercebendo os olhos arra-

sados de agua do seu amigo, apertou-lhe a mão com alvoroço, continuando:

—Grande alma tendes, Alvaro Vaz! Mas que estas palavras nunca passem de nós!

—Não ireis sem mim! exclamou o outro donzel rompendo o silencio com esforço. Quando quizerdes, mandae. Mas deixar-vos partir só ao encontro da morte, ou da escravidão!... Sabeis o nome que tenho. Meu avô nunca o deshonrou, meu pae se uma nodoa lhe caisse n'elle estalava de vergonha, e eu... se tivesse uma hora de fraqueza julgaria cem annos pouco para a resgatar. O que pedis é uma deslealdade, uma vileza! Irei aonde vós fordes. A lança que vos ferir ha-de passar-me primeiro, e os ferros, que vos deitarem, hão-de cobrir-me tambem de gloria a mim. Só se fugirdes, vos não seguirei!

—Vêde o que fazeis! Accudiu Antão Vasques. Tiraes-me a vida com essa vontade; porque não me alenta hoje outra esperança; e perdendo-a, sei, juro-vos que não aturo mais tempo este martyrio. A cada momento parece que me arrancam o coração do peito, e que a razão se escurece. Pelo doce extremo da vossa mãe, que era uma sancta, deixae-me partir!... Doe-te do que eu soffro, Alvaro Vaz; para te dizer, como aqui te digo, ficar é a morte, mas a morte em trevas, e no meio de todas as agonias, imagina o meu tormento!

—E se fores adeante, e não vierem novas tuas, consentes que atravesse o mar, e te procure? Accudiu o mancebo, abalado e

commovido pela dôr profunda do amigo.

— Se ao cabo de um mez não tiver voltado é porque descansei para sempre, ou porque as cadêas do mouro me ligam os pés. N'esse caso!... Responde-me primeiro a uma pergunta: amas, como eu, alguma dama de linhagem e gentil?...

O rosto do pagem do Infante D. Pedro, com a subita interrogação afogueou-se de vermelhidão, e a vista inclinada pintou o enleio. Nos labios tremia um meio sorriso, mas não passava a voz.

Antão Vasques, depois de o contemplar momentos, proseguiu em tom ainda mais triste:

— Alvaro Vaz, meu irmão d'armas, em que mereci que me escondesses a tua alma? Amas, e não m'o dizes!

— Oh! perdoa; mas tu não sabes! Tres vezes tem estado este segredo a voar-me da bocca para o teu coração e tres vezes se me suffocou a fala. Ainda hontem!

— E deixavas os teus amores ditosos e cheios de esperança e de sorrisos para, na companhia de um louco, ires aparar no peito a frecha de um barbaro, ou gemer de saudade nas trevas de um aljube?... Cuidas que serei menos generoso, menos irmão do que tu no affecto? Não! Partiremos com El-Rei. Dois mezes depressa se contam!

— Irás! Irás! Clamou o outro mancebo, fuzilando-lhe nos olhos o clarão do enthusiasmo juvenil. Se venceres, D. João I como bom e

leal perdoará a falta. O rei Arthur, ainda que baixe a viseira, e mostre enfado, por fim sempre ha-de levar nos braços, a poder que possa, o galhardo, que por Deus e o seu amor se arrisca a tão perigosa aventura. Não te detenho mais. Vae! Sómente se te demorares, repito, que Alvaro Vaz, depois, pedirá contas aos infieis de Ceuta do sangue de seu irmão. Consentes? Bem vês, não te requeiro muito!

Antão Vasques reflectiu alguns instantes, e virando-se de repente, e cravando a vista prescrutadora nos olhos do donzel, redarguiu:

—Responde-me com lisura. A tua paixão é sincera e verdadeira como a minha?

—E'. Tomo a Deus por testemunha, de que no teu logar fazia o mesmo.

—Bem! E ella, a dama, é nobre, e formosa; merece-te?

—Bella como os anjos; nobre como a mais fidalga de Castella e Portugal.

—O seu nome, podes dizel-o? Quero ver!

—A mesma côr, que já subira ás faces do pagem, tornou a accender-lhe o rosto. Baixando os olhos, e hesitando, Alvaro Vaz como que não ousava responder.

—E' quasi como se falasses a um morto! insistiu o amigo com melancholia. Os milagres são raros, e para voltar d'onde eu vou, bem sabes, que só por virtude e graça divina!

—Has-de voltar, e triumphante, e feliz, diz-m'o o coração! Atalhou o donzel do Infante. Antão Vasques, queres, saber, porque me não

atrevia a declarar-te o maior segredo da minha alma? E' porque a dama, que adoro de joelhos, e que preso mais que a luz e a vida, chama-se D. Beatriz de Almada...

—Minha irmã? gritou sobresaltado, e ao mesmo tempo radioso de jubilo Antão Vasques.

Houve uma curta pausa. As lagrimas desatavam-se em fio pelas faces viris do amigo do futuro conde de Avranches, e as d'este não estavam tambem enxutas.

Quando o calor e o tumulto dos affectos intimos lh'o permittirem, o pagem, extendendo a mão a Alvaro Vaz com simplicidade, disse-lhe:

—Já eramos mais que irmãos!... E Beatriz... quer-te como deve, como deseja um coração grande e puro, como o teu?

—Sou tão feliz por ella, Antão Vasques, que não invejaria a bemaventurança aos que moram no paraizo, se te visse alegre e ditoso comnosco.

—Ainda o serei! atalhou o donzel no tom de quem sente o contrario do que diz. Beatriz era a unica prisão, o unico remorso, que me abraçava a este desterro de miserias e de lagrimas, que chamo vida. Entrego-a á lealdade do teu affecto, Alvaro Vaz. Bem sabes que ella, desde menina, nunca me teve senão a mim para lhe servir de mãe no carinho, e de pae no desvelo. O teu amor de hoje em deante será para ella tudo. Agora já posso partir sem cuidados... A minha perda não

lhe custará mais do que lagrimas e saudades! Deixo-a ditosa e amparada.

— Antão Vasques, pelo céu que nos cobre, pela alma de meu pae, que pede por mim a Deus a esta hora, e pela terna amisade da nossa infancia, juro que em quanto o coração me bater no peito, Beatriz não formará um desejo, que não lhe seja satisfeito.

— Obrigado, Alvaro Vaz! E' a liberdade que me dás. Estava captivo, e chamando pela minha antiga força, não a encontrava cortado pela magoa. Hoje sim, já posso levantar o braço e a esperança. Morto, ou vivo, devo-te o maior jubilo da minha alma e no dia de maior tristeza. Agora, tambem eu creio que Deus me terá da sua mão, e que hei-de voltar!

— Se tardares, conta com a minha promessa. Mesmo no altar, que me visse com tua irmã, dava-lhe o nome de esposa, dava-lhe o primeiro e o ultimo osculo de amante... e partia! Não te arrisques em vão. Vê que jogas a ventura de tres!

Calaram-se. O Infante, colhendo as redeas, aguardava-os; e no seu rosto, mais serio do que o usual, lia-se uma preoccupação estranha ás reflexões, com que se entretinha antes. D. Pedro não tirava os olhos das torres do castello de Alcobaça, que já se divisavam proximas, e de um bando de homens de armas e cavalleiros, que, do alto de uma collina, mostravam observal-as!

Ao conde de Ourem, e ao prior tambem não

escapára o caso, e ambos parados esperavam pelo filho de D. João I.

— Não sabeis o que aquillo quer dizer? replicava Alvaro Gonsalves Camello falando ao condestavel. Eu vol-o explico. E' o abbade de Alcobaça que nega as chaves dos seus castellos ao Rei de Portugal! Nada mais.

— Por S. Pedro apostolo! bradou Nuno Alvares quasi que dava o melhor alão das matilhas de Arrayolos para que fosse isso. Mal avaliaes o gosto com que veria por terra muros e paredes n'aquelle ninho de hypocritas.

— Se não desmentis a aposta, perdei o amor ao vosso alão, que é meu. D. João de Ornellas foi de certo avisado, e sua real senhoria, só de lança em punho entrará pelas barbacãs.

N'este momento chegava o Infante, e não lhe custou a convencer-se das razões do prior. Quem conhecia o abbade não ignorava, que o seu orgulho era capaz de se despenhar por um precipicio, comtanto que não cedesse uma linha do seu poder, ou não inclinasse a soberba perante a auctoridade de ninguem.

Poucos minutos de galope levaram D. Pedro, o condestavel, e Alvaro Gonsalves ao sitio apontado; e como o prior suspeitára, D. João I acabava de receber da arrogancia do poderoso donatario a resposta affrontosa, de que as portas do castello só se abririam a D. João de Ornellas, ou quem levantasse as chaves de cima do altar da Virgem na egreja de Alcobaça!

Na sua carreira tão inquieta, raras vezes o mestre de Aviz se vira sobresaltado por lance tão inopinado, e tão fóra dos seus pensamentos. Por mais ousado e violento que julgasse o abbade, nunca se persuadiu de que o vassallo se atrevesse a medir por tal arrojo o baculo com o sceptro, esperando sereno e descansado, na cella do monge, que o leão o accommettesse, ardendo em raiva!

No primeiro impeto D. João I, cego e desvairado, esteve quasi em termos de descer de corrida o outeiro, e de trazer arrastado pelo cabeção da cogula o velho louco até aos parapeitos da barbacã, obrigando-o com a espada alta a abrir de joelhos a seu senhor. Mas a prudencia não tardou em mitigar a ira, e arredando-se pensativo e silencioso, o monarcha tomou tempo para meditar, e com o animo mais placido resolveu-se a castigar, mas a castigar de forma, que nem o papa, nem os bispos, achassem nos seus actos motivos de censura. Quando tornou a virar o cavallo para se approximar de seus filhos, o semblante do principe não denunciava já nem vestigios remotos da immensa colera, que lhe tinha revolvido o peito. Sómente algum dos seus conselheiros antigos, que o visse então, não deixaria de interpretar como bem ameaçador para D. João de Ornellas o pallido sorriso, que lhe brincava nos labios, desmaiados e confrangidos. Pelo menos o prior do Crato, apenas fitou a vista no parecer de El-Rei adivinhou logo, que a sorte do abbade estava de-

cidida, e que o mestre contava seguro com a vingança.

—Sabeis o que me faz lembrar aquelle sorriso de sua real senhoria? segredou elle quasi ao ouvido do condestavel. Recorda-me o ar prasenteiro com que o mestre de Aviz, ha mais de trinta annos pegou no braço do conde Andeiro, nos paços de Apar S. Martinho, na manhã, em que a sua boa espada nos livrou d'elle. Muito me engano, ou D. João de Ornellas paga hoje caras, e de uma vez todas as maldades.

—Deus vos ouça! retorquiu o conde, encolhendo os hombros, e carregando o sobrolho; mas se D. João I perdoasse, Nuno Alvares não se esquecia. Contae com isso.

—Bem vindos, senhores! bradou El-Rei apenas os descobriu. Grandes novas ides saber! D. João de Ornellas fez-se traidor, e bate com as portas dos seus castellos na face do Rei de Portugal. O que vos parece?

E falando assim, o mestre de Aviz ria-se á flôr dos beiços, e tinha os olhos tão alegres, que, se o conhecessem menos, o conde, e Alvaro Gonsalves, diriam que tractava de leve a offensa, e disfarçava, mettendo-a a zombaria.

— Guarde-me Deus do riso de El-Rei, e da excommunhão de Roma! murmurou o prior a meia voz. Se o abbade soubesse o que o espera, não parava na fugida senão em Oviedo!

—E' como vos digo! proseguiu D. João I. Mandou-me tirar as chaves de cima do altar da Virgem; e olhando para os vãos das ameias

vê-se luzir o ferro dos bacinetes, e sentem-se ranger as polés dos engenhos, que estão a armar! S. Jorge nos defenda! Mas, por minha alma, tornariamos aos tempos da guerra de Castella? Seja! Veremos se o monge tem o braço tão comprido como a lingua. Não quero que se diga, que D. João I, mandando abrir o castello de um vassallo, deixou de entrar... custe o que custar! Não me achaes razão, senhor conde de Ourem?

—Mal vos iria, senhor, se o vosso pendão fugisse deante dos homens d'armas de um monge! retrucou o condestavel, alongando a vista para os muros do alcacer.

—Vereis agora! replicou El-Rei. Segui-me! Quero saber se os traidores encurvam os arcos e jogam os trons contra o seu Rei. Ai do abbade, se tanto ousar!

E soltando as redeas ao corsel, o mestre de Aviz deitou a grande galope pela encosta, acompanhado dos seus cavalleiros e homens de armas.

Quando chegaram defronte da barbacã, que rodeava de um parapeito o fosso profundo do castello, o capitão dos ginetes, Lopo Soares, saiu-lhes ao encontro, e com a mão acenou-lhes, que parassem.

O honrado confidente de D. João de Ornellas vinha coberto de uma armadura de solhas, e trazia baixo o camal do bacinete; mas Pero Calado, o filho do escudeiro, tinha olhos, que viam mesmo por cima do aço. E' o maldito! gritou elle retirando a corda da sua bésta de

torno, e escolhendo com attenção, e entre muitos, o seu melhor virote.

— Que ninguem se mova! bradou a voz sonora de El-Rei, cujos olhos faiscaram. Virando-se depois para o executor das vindictas abbaciaes, o monarcha, no tom firme que lhe era proprio, exclamou:

— Villão! Manda já desarmar os arcos aos bésteiros, se não queres pagar por teu amo!

— Nas terras de Santa Maria, redarguiu Lopo Soares com ousadia, não se cumprem senão os mandados de D. João de Ornellas. Se elle vos quizer abrir...

— Quem é o rei aqui? repetiu o mestre de Aviz em voz de trovão, crescendo para elle, e atravessando-o com os olhos, que a ira tornava dois punhaes ardentes.

— Em Alcobaça, retrucou sem se alterar o capitão dos ginetes, depois da Virgem nossa padroeira, o rei é o abbade. Arredae-vos, pois! Um passo mais, e trinta béstas farão seu alvo da vossa cotta d'armas! Avisei-vos.

E recolhendo-se com o mesmo socego pelas portas das barreiras, o verdugo dos coutos, em altos brados, para ser ouvido de fóra, deu todas as ordens para repellir o assalto, como se, em vez de D. João I, tivesse deante das ameias um troço de castelhanos.

Martim Annes, o anadel dos bésteiros, tiritava de medo, como se em Dezembro acabasse de sair de um charco.

Passando por elle, e vendo-o branco de jaspe, e todo convulso, Lopo Soares chamou dois

dos seus homens de mais confiança, e gritou-lhes, apontando para o infeliz e roliço companheiro:

— Não vos tireis do seu lado! Ao primeiro passo que elle fizer para traz, tendes espadas, não o poupeis. Sua reverencia não quer que os covardes comam de graça o pão do sancto mosteiro.

Em virtude d'esta clara e rude monitoria o desditoso Martim Annes perdeu todas as esperanças de sonegar a sua volumosa pessoa aos tiros dos inimigos, e não desejando voar como peloiro de cima dos eirados, resignou-se, gelado e espavorido, a fazer a guerra como estatua, já que a fraqueza do seu animo lhe não consentia os brios, e o ardor com que bem poucos, é verdade, coadjuvavam o destemido capitão dos ginetes na defesa do orgulho abbacial.

Explicar o que sentiu El-Rei, ouvindo a replica arrogante do homem d'armas de Alcobaça não seria facil.

D. João I nunca imaginou, que um villão se atrevesse com tal arrojo a despresar a sua voz, e pasmado, confundido, com o que observava, jurou comsigo não sair d'alli, sem punir exemplarmente os auctores e os cumplices d'aquelle rasgo de audacia nunca vista.

Menos soffrido, o condestavel, apenas Lopo Soares se recolheu, atirou o cavallo quasi a beijar o parapeito da barbacã, e, indifferente ao perigo, não respirava senão vingança.

Atraz d'elle, os cavalleiros, para não ficarem

deslustrados em um trance, aonde tinham por testemunhas um rei guerreiro, e tres filhos dignos da sua gloria, adeantaram-se com egual denodo, não sendo os Infantes de certo os ultimos.

— Tende mão! clamou o mestre de Aviz, ao qual a ira represava ainda a voz. Os traidores são capazes de jogarem com os trons, e o virote de uma bésta póde trespassar em peleja sem honra, o peito de um de vós. O abutre está no seu poiso. Deixemos estes milhafres, que não valem senão a corda do verdugo, e vamos arrancar-lhe as penas a uma e uma.

Já era tarde. Ainda El-Rei não acabára de falar, e já a lucta estava decidida.

Vendo approximar o conde Ourem, e as lanças da sua companhia, o capitão dos ginetes, sem titubear, e com a sua frieza habitual, ordenou que se disparasse, para os deter, um dos engenhos apontados contra aquella parte: mas por mais que repetisse os brados e os gestos, nenhum dos defensores do prelado se bulia, ou mostrava obedecer.

A rebellião, se não rebentára ainda, principiava já pela immobilidade.

Suppondo que o respeito do soberano atava as mãos dos seus, o que não era absolutamente errado, Lopo Soares por um feito arriscado quiz levantar-lhes os espiritos, e tirando o arco das mãos de um dos bésteiros com violencia, debruçou-se a descoberto pelo vão de uma das ameias, bradando:

— Atraz!

Mal a palavra lhe tinha fugido dos labios, quando os dedos desfallecidos deixaram cair a arma, e um gemido abafado lhe escapou do peito.

O filho do escudeiro pagára, rapido como o pensamento, a divida de seu pae, e a sua. O virote, despedido por elle, atravessou a garganta do capitão dos ginetes, e deu com elle em terra; e foi tão prompto e certeiro o tiro, que só o condestavel o seguiu com os olhos, e percebeu o effeito.

Os outros todos, suspensos com o silencio, que succedêra repentinamente ao ruido, olhavam-se sobresaltados, e não atinavam com a causa.

De feito, as batalhas do capitão dos ginetes estavam concluidas; e com elle terminava toda a resistencia.

Martim Annes, que o funesto exemplo do seu collega horrorizára, mandou sem demora abrir as portas do castello, e, prostrado aos pés de D. João I, supplicava e obtinha o perdão da desobediencia, carregando, como é de crer, o defunto com todas as culpas; e porque este já tinha pago a mais pesada pena, que podia applicar-se, ninguem se lembrou senão do abbade, que fôra o verdadeiro causador da affronta, e que as vozes dos villões não poupavam nas suas afflictas demonstrações de affecto ao monarcha, aos Infantes, e ao condestavel.

Deixando o conde de Barcellos no alcacer, o mestre de Aviz com o prior, e o conde de

Ourem ao lado, encaminhou-se para o mosteiro, e apeou-se á portaria.

O primeiro monge, que a curiosidade fez sair ao seu encontro, serviu-lhe de guia até á cella do prelado; e quando o altivo donatario menos o esperava, ouviu soar no aposento proximo a voz de El-Rei, que ainda julgava longe.

D. João de Ornellas, como atilado, entendeu logo que o desenlace da contenda lhe tinha saido desfavoravel, e preparou-se para representar com dignidade o seu papel até ao fim.

Um gesto seu constrangeu fr. João Escacha a folhear o ponderoso codice, encadernado em coiro de anta, e um dos noviços, expedido a toda a pressa, partiu a chamar o prior para um recado de momento, que não devia ouvir da bocca de sua reverencia senão em presença de João I.

Ainda estas ordens não tinham sido cumpridas, e já o filho de D. Pedro o Justiceiro entrava na camara, no meio dos inimigos declarados do abbade.

Este, vendo-os assomar aos umbraes, ficou tão socegado, como se aquella visita fosse toda em honra sua, e do mosteiro.

Os olhos, penetrantes, não se baixaram deante dos reflexos metalicos, que faiscavam as pupillas de D. João I.

No rosto nem uma só feição perdeu a serenidade; e a mão, que extendeu para os recemchegados, segura e alçada, não tremeu.

Era um homem deveras, aquelle D. João de

Ornellas, e sabia cumprir as suas promessas. Quando alguem o buscava não se escondia— nem mesmo deante do Rei cavalleiro, que em Aljubarrota tinha prostrado as soberbas aos leões de Castella!

O mestre de Aviz, no primeiro repente, não reparou na sobranceira e veneravel presença do prelado, que de pé, com as mãos encostadas ao baculo, e a mitra defronte, em cima do bofete, parecia de todos o mais desassombrado e senhor de si.

No meio do silencio, que succedêra ao tropel da entrada, o vencedor de Aljubarrota deu alguns passos com precipitação para o abbade, e cruzando os braços, disse-lhe em tom imperioso:

—Quem é o rei aqui?

Era a segunda vez, que o monarcha repetia a pergunta, e escutando-a D. João de Ornellas, ainda se perturbou menos, do que o seu capitão dos ginetes, que jazia sobre as lageas do castello.

—Em Santa Maria de Alcobaça, replicou elle, Deus é que é o rei. Pelo menos, nós os monges não conhecemos outro.

—D. abbade! bradou El-Rei, alçando o punho, escarlate de ira; mas attentando nos cabellos brancos, e no valor tranquillo do prelado, deixou cair o braço, como arrependido.

—Senhor Rei, em quanto D. João de Ornellas fôr o indigno prelado d'este mosteiro, nunca ouvireis outra resposta. Sei o que vos traz. Tendes poder, podeis mandar. Ide á egre-

ja, tirae do altar da Virgem as chaves do castello, e mettei-lhe dentro os vossos homens de armas. Lá está em Roma quem ha de julgar o feito. Por vontade e palavra minha nunca sereis mais do que hospede dentro d'esta casa.

Decorreram minutos antes que D. João I podesse conter-se para não romper em algum excesso.

— Sabeis o juramento, que fiz, ao entrar o portal do castello, que um villão traidor negou abrir-me por ordem vossa? perguntou El-Rei, cujos olhos despediam chammas.

— Vossa real senhoria não o disse! tornou o prelado no mesmo tom, com que encetára a practica. Naturalmente não podia ser senão um voto christão e pio, como de tão religioso principe deve esperar-se.

— Sois cortezão e galante em vossas falas, D. João de Ornellas. Mas vem já tarde o remedio. Jurei por S. Jorge e por Christo crucificado, que esta noite haveria abbade novo em Alcobaça!

Nas faces do altivo donatario nem um musculo deu signal de tremor.

Sorrindo com orgulho, e carregando com ironia nas palavras, contentou-se em replicar, encolhendo levemente os hombros:

— El-Rei não teve receio de fazer um juramento temerario?

A ira represada rebentou então do coração do monarcha.

Batendo com a mão fechada sobre o bofete, e olhando para o abbade que ficou erecto, e

firme como se a tempestade o não ameaçasse, D. João I approximou-se tanto, que o fogo dos olhos parecia queimar-lhe o rosto.

— D. João de Ornellas, lembrae-vos do bispo do Porto, e de El-Rei D. Pedro. O azorrague, que fustigou a luxuria de um padre adultero, nas mãos do filho do Justiceiro, pode castigar ainda a soberba e a crueldade de um monge. Quem vos poz aqui, pode tirar-vos!

— Descerei, mas por que eu quero, e não por que vós mandaes! Ha duas horas que D. João de Ornellas depositou a mitra em cima d'esse bofete para nunca mais se cobrir com ella. Para os tempos, que vejo, sou velho de mais. Quanto ao azorrague, que infamou as costas de um fidalgo, desacatando o sagrado ministerio de um bispo, sabei que ninguem no mundo o levantaria para D. João de Ornellas sem se arrepender amargamente.

E falando com esta ousadia, os olhos do abbade, inflammados e severos, completavam o sentido da ameaça.

D. João I conheceu que se excedêra, e aguardou, calado, que o prelado concluisse.

— Senhor Rei, proseguiu este, conto setenta e nove annos de edade, e trinta e quatro de prelado. Devo consagrar á penitencia as ultimas horas de uma vida larga em dias e em cuidados. Hoje mesmo escrevi ao senhor papa, e em quanto Roma não resolve, o prior conventual fr. Gonsalo é o abbade de Alcobaça. Torno ao que fui. Vêdes outra vez em mim o

monge, que não tem de seu mais do que sete palmos de terra para a sepultura, e a estamenha grosseira do habito para a mortalha. Fr. João Escacha! exclamou elevando a voz, e alçando a mão! Chamae o vosso prior, e dizei-lhe, que os homens d'armas de El-Rei e do condestavel entraram á força em Sancta Maria, e que nos querem pedir resgate!... Deus vos tenha em sua guarda, senhores!

E inclinando a cabeça, com isenção deante do monarcha, D. João de Ornellas recolheu-se pelo dormitorio de cima á cella, que tinha designado horas antes em segredo, prevendo o que de feito acontecêra.

O mestre de Aviz demorou-se dois dias só em Alcobaça, e partiu para Lisboa com seus filhos.

O condestavel passou a Santarem, depois de pagar com um abraço ao velho escudeiro da sua hoste os tractos, padecidos na cisterna do castello.

Quando se perguntava depois ao monarcha, ou ao conde de Ourem pelo abbade D. João de Ornellas, ambos se punham logo serios, e era raro que não respondessem:

— Deus o tenha em sua gloria. Se fosse papa viamos todos os reis aos seus pés como escravos![1]

. . . . . .

[1] Para os esminçadores de datas diremos, que D. João de Ornellas resignou, sem se saber porque, no anno de 1413, e viveu pouco menos de um anno de-

pois d'este acto. É uma reparação em forma á chronologia monastica.

Resta-nos pedir desculpa da demora necessaria, a que nos obrigou o desejo de esboçar nos capitulos já publicados alguns dos traços principaes da epoca.

A acção do romance pode dizer-se que não começa senão do sexto capitulo em deante — mas desaffrontada de explicações previas parece-nos tambem, que poderá correr agora, mais livre e menos subjeita ao texto das chronicas. Os leitores decidirão.

A PENA DE TALIÃO[1]

ROMANCE HISTORICO

INTRODUCÇÃO

Mais uma novella sáe a tentar fortuna:

Que sorte a espera em caminhos tão perigosos?

Como outras mais dignas de acolhimento,

---

[1] São muitos os contos e novellas que Rebello da Silva apenas deixou começados, conforme o leitor, que tem acompanhado a nossa edição, tem tido occasião de vêr; no emtanto, é tão brilhante a fórma litteraria, tão lapidar o estylo com que o notavel escriptor sabia enflorar a sua prosa, que nos parecêra um crime de leso bom gosto deixar de inserir tudo na nossa modesta collecção. E' obedecendo a esta ordem de ideias que reproduzimos o trecho de prosa que em seguida publicamos, e que não passa da especie de introducção com que elle abria um novo conto, *Pena de Tallião*, que promettia ser a continuação e conclusão do notavel romance, já publicado n'esta edição — *Odio velho não cança.*

Eis o bello trecho de prosa, sahido pela primeira e ultima vez no volume XII do *Panorama* (4.º da 3.ª série, 24 de Novembro de 1855), pags. 370 a 373.

Os Editores.

recebida pela indifferença, irá jazer no silencio, ou ditosa, sem prendas, descançará nos braços d'essa hospitalidade benevola, que em uma hora paga mezes e annos de vigilias?

Deus o sabe!

São estas as creações do acceso imaginar, de que falavam os trovadores, e por mais que se queira disfarçar, o coração do auctor, verdadeiro coração de pae, é inseparavel d'ellas, seguindo-as ancioso pela beira do precipicio, e acompanhando-as de cuidados até alcançarem o suspirado termo da jornada.

Será orgulho só, e cubiça de gloria?

Não! E' que as filhas da intelligencia tambem são filhas queridas, e levantando-se para entrar no mundo, levam-nos comsigo a alma e o amor! Nasceram de nós, e vimol-as balbuciar e crescer, e nas longas noites, em que o pensamento percorre as ruinas do passado, e os espaços infinitos, que a imaginação povôa, conversaram com o nosso espirito, e fizeram seu enlevo.

De que modo brotam, e quem dá o ser a estes entes ideaes que a chamma do engenho torna mais duraveis muitas vezes do que a propria realidade? Um raio de luz, um sorriso da phantasia, um acaso basta!

Entre mil confusas sombras, que se agitam, a mente escolhe, e infunde-se em algumas. Então o quadro surge sem podermos dizer como; a tela anima-se pouco a pouco, e as figuras, já com as côres da vida, começam a existir, umas para não morrerem como as de Romeo, de

Hamlet, e de Beppo, outras para brilharem um só momento, e logo se apagarem no tropel das outras que vem chegando.

A fórma o que faz depois é pintar ou cinzelar seguindo a visão interior; mas a imagem está dentro d'alma; só ella a vê e a sente, e nem tinta, nem palavras a revelam como nos appareceu, com metade da viveza com que nós a concebemos.

Este romance nasceu assim, e do mesmo modo nasceram e hão de nascer outros.

A leitura de alguns capitulos do segundo volume da *Historia de Portugal* do meu amigo A. Herculano suscitou o assumpto. Disposta a imaginação, um dia accordou de repente aquillo que um escriptor allemão denomina o nosso sexto sentido, e boa ou má, feliz ou deploravel, estava traçada a obra como havia de ficar, e como hoje se offerece, porque a reflexão e a lima podem polir as grossuras e os defeitos superficiaes, mas na essencia não tocam, sob pena de saír um monstro, ou talvez peior, uma estatua regelada.

Depois de feito o livro era facil ligal-o a remontadas cogitações, e administrar-lhe o baptismo philosophico; mas tendo a desgraça, ou a ventura, de acreditar pouco na missão politica da arte, deixei as theorias sociaes e os problemas grandiosos no logar que lhes pertence. Sempre entendi que se invadiam assim, mas talando-as, duas provincias independentes; e que a preconizada conquista de uma pela outra seria victoria ephemera, e pouco di-

gna de louvor se em verdade é licito dizer-se que seja victoria!

Interpretar fielmente a natureza, expressar os grandes rasgos, de que se compõe a physionomia de uma epocha, e não desvairar muito na analyse do coração humano, decifrando por elle o mysterio da existencia, pareceu-me sempre não ser a menor difficuldade do genero; e como raros a tem atravessado incolumes, acho que os Coopers, os Walter-Scott, e tantos imaginadores da mesma escola, occupam de direito o posto, que o triumpho lhes grangeou.

Se elles, que foram os mestres, temeram passar além, e se os seus monumentos nem por isso deixam de ser vistos de toda a parte, em quanto desabam em ruinas, dias depois, as construcções ambiciosas dos innovadores, creio que não merecerá censura o ater-se qualquer tão obscuro como eu aos bons modelos, e de longe, na immensa distancia, a que se reputa d'elles, fazer por agradar sem se atrever a mais.

De Cervantes a sir Walter Scott e a Goethe, desde o immortal romance do Quixote até á soberba epopéa em prosa de *Ivanhoé*, e á sombria e esplendida manifestação de *Fausto*, a fórma tem adeantado muito.

Não sei se resta ainda que innovar, ou se a reforma deverá parar ahi, por maior prudencia. E' delicada e espinhosa a questão!

Entretanto não duvido accrescentar que a verdadeira originalidade reside para mim na idéa, na propriedade com que se retrata, na

expressão e na côr dos costumes, que se avivam.

A travessura, que se jacta de infringir deliberadamente as regras, e que se chama arrojo e novidade ao mixto hybrido da anarchia, nunca me deslumbrou. Vive apenas curiosidade vulgar, e como esta se desvanece com a mesma rapidez com que se excita, o que torna o livro duravel e acceito, a estima e a correcção, hão de faltar eternamente, e nada o poderá suster na sua queda.

Imaginando um romance, e collocando a fabula nos fins do segundo quartel do seculo treze, procurei desenhar as feições das diversas classes com a possivel exactidão, explicando ao mesmo tempo o *viver e crer* da epocha, e os interesses e idéas que a animaram, na prolongada lucta, que acabou por fim arrancando a corôa ao desditoso Sancho II.

A scena historica de si grandiosa e variada encerra elementos, que a phantasia mesmo nem sempre ousaria conceber.

Interpretados por uma consciencia austera, e por uma critica elevada, os monumentos relevam-nos a maior parte do segredo tenebroso; e os dois vultos principaes de Sancho Capello, e do astucioso conde de Bolonha, seu irmão, levantam-se do sepulcro, e quebram com a lousa as mentirosas inscripções, que a lisonja ao vencedor, e a calumnia contra o vencido tinham lavrado no marmore, sem pejo de profanar a paz dos mortos, ultrajando a justiça de Deus!

Quem ler a narração, direi antes esculptura de relevo em que A. Herculano estampou a imagem d'este periodo, não menos fertil em perfidias e infamias, que fecundo em rasgos de nobre lealdade, apenas voltar as primeiras paginas, logo sente activas e energicas em torno de si as paixões ardentes da meia edade, vendo passar os homens, como a epocha os formára, e o odio das parcialidades os caracterizou.

Que mais é preciso para o romancista delinear o painel, distribuir as figuras, e adaptar o colorido á scena?

Desenhando por modelos tão perfeitos que mais se desejará ainda para fundir o ideal em typos vigorosos e naturaes? Não acha alli conglobados e em um só tantos dramas de acção e de sentimento? Não sacodem os sudarios á nossa vista interrompendo o pezado somno de sete seculos, esses guerreiros, cujo peito foi de ferro como as armas, esses prelados orgulhosos, cuja voz envenenou a lucta, e, embora fossem poucos, esses corações de ouro, firmes no dever, que, abraçados ao infortunio, preferiram o caminho do desterro com o principe desditoso á versatilidade affrontosa de ornar o triumpho da ambição?

A tradição, lembrando-se mais do que a historia, symbolizou em um só nome toda a poesia d'estes exemplos raros, mas admiraveis. Martim de Freitas recusando entregar as chaves de Coimbra, em quanto não se levantasse desobrigado do preito pelo testemu-

nho dos seus olhos, é a personificação dos cavalleiros, que não dobraram a fé a dadivas e ameaças.

Como Egas Moniz, o velho lidador, exprime em toda a formosura viril do typo os brios da antiga honra portugueza, e a generosa abnegação do sacrificio! Depois d'elle encontraremos ainda nas vesporas de D. João I o alcaide de Faria.

Não se imagine, porém, que, apontando o severo desenho da historia, o acceitemos para nós como juizo ou queirâmos impol-o como regra absoluta, e limite d'esta qualidade de novellas. Longe d'isso! Era fazer de duas cousas optimas uma pessima.

A verdade da poesia não é a verdade austera da sciencia. A invenção e o estylo sempre desfalleceram em ferros, e não os ha mais duros, que a cega obediencia, que similhante systema exige.

Como as fadas dos contos populares, o romancista gosa de altos privilegios. Basta um aceno da sua varinha de condão, tambem, para as distancias desapparecerem, para os segredos escondidos se descobrirem, e, em casos urgentes e extremos, para até falarem vivos e sadios personagens, que annos antes tinham deixado o mundo e as suas vaidades.

Nem sempre, nem nunca é a sua divisa.

Guardadas as leis da verosimilhança, póde lavrar como entender a moldura da sua fabula. A historia será como um espelho aonde ella se reflicta.

Uma vez que sejam humanas e possiveis as figuras, e que por obras e palavras não desmintam as crenças e os costumes, ha plena liberdade de saír e entrar, de mandar falar os mudos, e de resuscitar os mortos.

As normas prescriptas pelo gosto e pela arte só lhe prohibem o absurdo, a incoherencia, e a deformidade; porque os monstros em toda a parte são horrorosos.

No mais interpretação livre e independente:

Nunca me pareceu grande mola dramatica o *bello-horrendo.*

Sem excluir de todo os Quasimodos e Haudibras, acho muito mais graça á redonda e galhofeira pessoa do nosso amigo Sancho Pansa, e ao empinado ventre e jovial presença do honrado sir John Falstaff, o Sancho inglez, que Shakespeare nos deixou como protesto contra o spleen da sua nevoenta e enfumada Albion. Se a familia dos Adonis e Narcisos não é extensa, nem espirituosa, a nova raça dos abortos physicos e dos aleijões moraes, não vejo que possa e deva supprir as vagaturas com bom exito.

Felizmente os pezadellos litterarios envelheceram depressa; e hoje não é já vulgar o perigo de encontrarmos o cemiterio no prologo, o purgatorio no segundo acto, a dansa das caveiras no terceiro, e o inferno, com os seus demonios e diabruras, no epilogo.

Deus é grande!

Nunca senti mais viva e sincera commoção

do que ouvindo representar a admiravel tragedia de *Fr. Luiz de Sousa.*

Nunca tanto se me comprimiu o peito, nem me saltaram assim as lagrimas, como assistindo áquelle espantoso sacrificio de duas almas innocentes e amantes, condemnadas a sobreviver á propria ternura e felicidade, sepultando o coração a arder ainda na fria mortalha do claustro!

Que drama, que paixão, e que immenso e profundo terror!

O dialogo comtudo parece que todos o podiam dizer facilmente; aquellas scenas e aquellas pessoas julgar-se-ía que foram da nossa intimidade, e que chorando e magoando-se estavam comnosco ha pouco ainda, e a nós se queixavam.

Sem exagerações, sem antitheses forçadas, sem imagens estrondosas, a acção chega ás ultimas raias da sublimidade tragica, e a prosa, subindo insensivelmente, vôa aonde raras vezes se remontou o verso!

Tudo alli é natural e verdadeiro: e entretanto o ideal, na sua mais elevada e grandiosa expressão, domina tudo!

Assim é que devo crer a arte. A originalidade consiste n'aquelles toques finos, n'aquella voz e sentir tão nossos, tão portuguezes, que nem um momento nos deixam perceber que assistimos a uma ficção.

Que venham os abortos e os monstros depois, e as suas visagens e arremeços; e em vez de terror causarão riso.

Farão o mesmo effeito, que a formosura ingenua e simples ao pé de velha casquilha e rebocada.

Deve, porém, notar-se que o seculo XVI não é o seculo XIII, e que a interpretação, que n'aquelle exprimia a verdade da vida, n'este seria falsa e incompleta.

De Filippe II a Affonso III, e mesmo a D. Manuel, a jornada póde dizer-se longa, e a todos os respeitos bem diversa.

Nos quadros da meia edade o maior perigo consiste em se lhes errar a expressão, attribuindo ás paixões e sentimentos linguagem e caracter, que lhes foram desconhecidos, e que transportam a acção para annos muito posteriores.

Ha um certo verniz moderno, que é mortal para as scenas antigas, porque as retinge, desfeia, e desmente a cada momento.

Em uma carta de mr. Prosper Merimée, escripta ácerca de um dos meus ensaios de novella com excessiva benevolencia, o auctor de *Colomba* e de *Carmen* censura o personagem de Gomes Lourenço, e observa que o acha demasiado sensivel e delicado para a epocha remota em que figura. Estou certo de que será assim; mas por mais que o desejemos não é sempre facil, sobre tudo em rasgos apaixonados, respirar exclusivamente na atmosphera de um seculo extincto, traduzindo as idéas, e os vocabulos de tal modo, que as entendam todos, e que o verdadeiro cunho se não apague.

N'aquellas eras de rudes cavalleiros, e de

pouco menos rudes prelados, os actos e as palavras concordavam com os costumes; mas os crimes e os vicios, se não eram em menor escala, levavam aos de hoje a vantagem unica de não se aggravarem com a hediondez da hypocrisia.

A força, manifestada em tudo, zombava das leis, atropellava os direitos, e nem sempre se detinha respeitosa ás portas do templo, e deante das aras consagradas; porém no seu impeto brutal julgaria rebaixar-se, recorrendo a pretextos e sophismas para se escudar.

Encostado á lança, ou com a mão no punho da espada, o rico-homem falava como senhor, e opprimia como tyranno, se olhando em roda, e contando os seus, podia suppor que ficava impune. Mosteiro, concelho, terras do rei, ou bens de burguez, nada escapava á sua cubiça, uma vez que julgasse facil a preza, e seguro o lanço. As suas armas, como as garras da aguia, caíam sobre quanto lhe podia despertar o appetite.

Mais brandas, mas trahindo a aspereza do seu tempo mesmo por entre a suavidade do sexo, as mulheres não desdiziam da feição geral do seculo. A sua ternura á mais leve injuria sabia fazer-se cruel e desapiedada. A febre do ciume, ou o resentimento do orgulho, descompondo-lhes a belleza, e mudando n'um instante o coração, depressa o convertiam de mavioso e bom em implacavel e quasi ferino.

Não são raros, nem difficeis de colher os exemplos d'isso!

Ha mais seductor e fascinante olhar, que o da donzella arabe, quando a pupilla negra e avelludada n'um relampago fugaz denuncia o jubilo quasi selvagem do amor, que lhe agita os seios, e alegra os labios de um riso tão seductor? Que se veja illudida ou affrontada, e os mesmos olhos tão meigos antes, que pareciam distillar em torrentes todas as doçuras do affecto, accesos subitamente em sinistra chamma, logo hão de revelar que fugiu o anjo, porque d'ahi em deante mora n'aquelle peito, cujas dores são fundas e silenciosas, o pensamento da vingança e a impaciencia do ultrage!

A gazella transforma-se em tigre, e se esconde as garras por um momento é só para levantar o salto com mais certeza. Na existencia ignorada e agreste do aduar, nas espaçosas campinas, que se extendem a beijar as orlas do vasto mar de areias chamado Sahara, quantos dramas similhantes se têem desenlaçado, affogando a morte repentinamente o amante credulo, quando cuidava reclinar-se nos braços da ternura?!

Eis o que procurei não perder de vista no esboço dos caracteres, e na descripção das scenas.

Abstive-me, porém, de remendar o dialogo de palavras obsoletas. Aonde não chegam as dos nossos dias preferi extender a phrase para melhor aclarar o sentido.

Um romance que fosse necessario verter da lingua velha para a nossa com o *Elucidario* de

um lado, e o *Glossario* de Ducange do outro, seria talvez uma obra prima como testemunho de erudição, mas duvido que á sexta pagina deixasse de vencer a insomnia mais teimosa.

Prezando a linguagem vernacula e o estylo correcto, não levo a paixão tão longe, que busque de proposito o extremo opposto, mascavando de archaísmos, joeirados a esmo, periodos escriptos para serem entendidos por todas as classes.

Estrangeirar a dicção por moda é prova de ignorancia; carregal-a de termos desenterrados dos entulhos dos bacamartões, é signal de se dar mais apreço á fórma do que ao pensamento, sacrificando á ufania de alardear riquezas, que nem sempre o são, e que mesmo sendo-o devem-se introduzir com escolha e discreção.

Foi o grande erro do bom Filinto Elysio, e pagou-o desviando da leitura das suas obras duas partes dos admiradores que ellas teriam se alatinasse menos, e medisse com mais escaça mão os ornamentos quinhentistas com que as enfeitava.

Para mim a pureza differe tanto da impertinencia dos vocabulos esmerilhados, quanto a virtude risonha e sinceramente christã se afasta dos biocos e reverencias da falsa devoção.

A lingua é um instrumento para a expressão das idéas, e por isso deve acompanhar todos os progressos da sua epocha, e traduzil-os

com clareza. Fazel-a voltar dois seculos atraz a pretexto de a purificar, forçando-a a locuções desusadas e a termos carunchosos (perdôe-se a phrase) equivale a vestir um rapaz gentil com o venerando trajo de nossos bisavós. Ninguem de certo lhe invejaria a figura, nem o garbo!

Outra culpa vou confessar aqui já que n'esta larga conversação estou dando conta de quanto se póde inquirir a respeito d'esta mui veridica narração, que um novelleiro do seculo XVI intitularia sem remorso *Dos claros amores de el-rei D. Sancho e das manhas da rainha D. Mecia.*

O meu peccado ou foi muito grande, ou é muito pequeno, segundo a severidade dos que o julgarem.

Metti em scena, embora achacado e velho, o bispo de Coimbra D. Pedro, que tinha fallecido doido annos antes de 1246, data em que abro o meu romance. Roubei assim a mitra por longos mezes ao reverendo mestre Tiburcio, valido do conde de Bolonha, e, pelo que dizem as informações, homem pouco talhado para soffrer similhantes graças.

Vale-me felizmente não poder sua reverencia excommungar-me da sepultura, como excommungava os cavalleiros do bando de el-rei D. Sancho... senão era obrigado a enviar o pobre demente para a sua cova, perdendo a pintura de um dos aspectos mais curiosos d'este seculo inquieto.

A paz seja com todos! Mas em boa fé uma

novella rigorosamente chronologica deve de ser bem insipida e emperrada cousa! Deus a arrede das nossas horas de melancholia!

Tendo falado de quasi tudo, seria falta de cortezia deixar de dizer um pouco dos heroes d'esta veracissima e authentica historia.

Quando ella se compoz, houve de certo a intenção de traçar mais do que scenas avulsas, ou de levantar os vultos sobre si. O pensamento que se liga, e que procura dar ao quadro alguma fórma de merecimento e de unidade, talvez não perca por ser illucidado concisamente. Prezo por um, prezo por dez mil, reza o adagio! Já agora ainda abusarei da paciencia dos leitores, pedindo venia para lhes apresentar quasi á ingleza os meus personagens mais illustres, acompanhando-os de breves notas. Direi o que se quiz tentar, e vêr-se-ha melhor assim o que se conseguiu.

Compondo a *Pena de Talião*, desejei abranger em uma só ficção o complemento moral de outro romance já publicado, *Odio velho não cansa*, e ao mesmo tempo retocar uma novella inserida na *Revista Universal Lisbonense* com o titulo de *Rausso por Homizio*.

Ambas imperfeitas como saíram da rapida composição que requer uma folha semanal, tiveram a innocencia (devida aos poucos annos!) de se atreverem ao estudo de epochas espinhosas de interpretar, e ainda mais difficeis de descrever; e embora sejam immensos os erros, e nenhumas as bellezas, certa inclinação que não se explica, mas que todos sentem pelas

primeiras tentativas, decidiu o auctor a não as largar da mão, limando em uma as maiores asperezas antes de a offerecer de novo ás columnas do *Panorama*, e desatando hoje o enredo, e alargando o acanhado círculo da outra, que n'este romance apparece ainda, mas reduzida só ás proporções de simples episodio.

No *Odio velho* expoz-se a paixão no seu impeto, e a vingança inexoravel, que provocou, auctorizada pelos costumes e pelas leis.

O caracter indomito de D. Maria Paes Ribeiro, e o amor desgraçado de Gomes Lourenço formam o nó da acção, e encerram os elementos dramaticos, que ella envolve. As duas familias rivaes dos Viegas e dos cavalleiros de Lanhoso, separadas por um rio de sangue, aggravam com o ultimo crime as longas discordias qne as dividiam.

A morte de Martim Paes, e os remorsos da orgulhosa dama sua irmã sim começam a expiação; mas dos labios do mancebo trahido saíu uma imprecação tremenda, a mesma que foi lançada sobre Caim deante de Abel assassinado. O odio das duas raças inimigas não expira com os primeiros que arderam n'elle. Os filhos recebem inteira a sua herança de lagrimas, e das cinzas quasi frias dos paes ainda se ateia chamma egual para os queimar a elles.

A *Pena de Talião* representa este reverso do painel.

Na edade grave aquelles que depois de avisados desprezaram a voz do céu, sentem a espada do castigo sobre a cabeça, e nem mesmo

encostando-a ao sepulcro podem descansar. De dentro d'ella vôa o grito do remorso, e o fatal pregão de que a culpa será remida á custa da ventura de seus filhos.

D. Maria Paes na extrema velhice, e Fr. Sueiro em edade cansada são como dois espectros que o passado evoca. Affonso e Branca no verdor da mocidade, e na pureza do mais extremoso affecto, pizam descuidados as primeiras flores da vida, e caminham, innocentes de tudo, e sem o saber, para o sacrificio que ha de congraçar pelo amor as antigas rixas, apagando os vestigios do sangue.

A par d'estas figuras, filhas da imaginação, movem-se as que viveram e choraram sobre a terra.

Sancho II, D. Mecia de Haro, Martim Gil de Savorosa, Reimão Viegas de Porto Carrero, Mestre Vicente, e outros, pertencem á historia, e foram desenhados pelos modelos que ella offerece.

Talvez pareça favorecido o retrato do infeliz monarcha, e carregado o da mulher, que ajudando a precipital-o fingindo ternura que não sentia, cravou o derradeiro punhal n'aquelle ulcerado coração, cujas maguas só ella podia consolar.

O que a historia aponta por conjecturas, o romance tem o direito de o figurar como realidade.

Vendido por quasi todos, e atraiçoado pela esposa da sua escolha, o principe, na terra do desterro, alongou os olhos para a patria; e di-

ctando as ultimas vontades não soltou uma saudade ou uma allusão que revele a maior paixãoque lhe abrazou a alma.

Este silencio do infortunio sobre ella é a sentença de D. Mecia.

Fiel e sensivel, o seu logar era ao lado do pobre foragido, que já inclinava os passos para o sepulcro. Ausente e livre, como a vemos logo depois do rapto de Coimbra, o desprezo com que seu esposo nem lhe quer pronunciar o nome diz-nos quanto Sancho padeceu, denunciando ao mesmo tempo quanto ella ousou.

Pouco mais temos a accrescentar.

E' provavel que alguns austeros levantem as mãos ao céu com horror, lendo alguns episodios a que não duvidamos dar a côr do seculo. Saibam, se os molestam, que os monges e veneraveis prelados d'aquelle tempo, com excepções, eram peiores ainda do que os pintamos.

Quem o estranhar sem grande trabalho póde desenganar-se. Percorra a narração das proezas de D. João Peculiar em Coimbra, de Martinho Rodrigues no Porto, e de Diogo Gelmires em Compostella; e se os actos de violencia, os desacatos e as torpezas e cubiças d'estes virtuosos varões não o espantarem, concedemos-lhe que nos accuse por calumniadores, e nos condemne como impios.

Nas scenas populares seguimos tambem os monumentos; collocando os cavalleiros villãos e os peões de Coimbra defronte dos burguezes de Leiria, e em presença do cabido suble-

vado, não fizemos senão esboçar uma das perspectivas da grande lucta civil e religiosa, que principiada nos dias de Affonso II entre o rei, o clero e a nobreza, veiu a terminar-se pela queda de Sancho, e pela astuta e perfida politica de seu irmão, o conde de Bolonha. N'esses annos de inquietação e anciedade o povo pagou o seu tributo de sangue e de discordias, a par das poderosas classes, que enriquecia com o suor das fadigas, ajudando-as com o auxilio do seu braço.

Tudo está dito. Agora a obra que responda! Fica entregue a bons padrinhos.

O resto pertence á fortuna, embora, segundo affirmam os dramaturgos pateados e os romancistas sem leitores, ella seja a deusa mais voluvel e mais cega que se conhece. Cada qual conta da festa como lhe vae n'ella.

. . . . . .

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME
DOS «CONTOS E LENDAS»

INDICE

TOMADA DE CEUTA

PAG.

Introducção 5

Capitulo I—Em que todos falam, e poucos se entendem 31

» II—Nem preto, nem branco..... 65

» III—Armas e amores..... 105

» IV—O reverendo abbade d'Alcobaça .. 129

» V—Quem é o rei aqui? 155

A PENA DE TALIÃO

Introducção 181

Obras completas de Rebelo da Silva

1 — **Ráusso por homizio,** rom

2 e 3 — **Odio velho não cança,**
2 vols.

4 a 8 — **A mocidade de D. João V.**
mance, 5 vols.

9 e 10 — **Lagrimas e thesouros,** (*frag*
to de uma historia verdadeira), romance, 2

11 e 12 — **A casa dos phantasmas,**
mance, 2 vols.

13 — **De noite todos os gatos s**
pardos, romance.

14 e 15 — **Contos e lendas,** 2 vols.

16 — **Othelo—As redeas do goverr**

17 — **A mocidade de D. João V,** dr

18 — **O amor por conquista,** come
O Infante Santo, fragmento.

19 a 22 — **Fastos da Egreja,** escriptos reli
sos, 4 vols.

23 a 25 — **Bosquejos historico-literaric**
3 vols.

26 e 27 — **Questões publicas,** 2 vols.

28 a 30 — **Arcadia portugueza,** 3 vols.

31 — **Memorias literarias acerca**
Manuel Maria Barbosa du Bocag

a 34 — **Apreciações literarias,** 3 vols

35 — **Memorias acerca da vida e**
os de D. Francisco Martir
sa.

PQ
9261
R4C57
1908
v.2

Rebello da Silva, Luiz Augusto
Contos e lendas 2. ed.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 04 14 017 2